



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Psicologia Clínica e Cultura

Programa de Pós-Graduação

Tese de Doutorado

**SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO EM PSICANÁLISE –
REFLEXÕES QUANTO AO PROCESSO
METAFÓRICO**

Rodrigo Pereira da Silva

Brasília

2020

Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura
Tese de Doutorado

**SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO EM PSICANÁLISE –
REFLEXÕES QUANTO AO PROCESSO
METAFÓRICO NA PSIQUE**

Rodrigo Pereira da Silva

Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de Brasília
como requisito à obtenção de grau de
Doutor em Psicologia Clínica e Cultura.
Sob orientação do Prof. Doutor
Francisco Moacir de Melo Catunda
Martins

Brasília

2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Moacir de Melo Catunda Martins
(UnB- Presidente da Banca)

Prof. Dra. Maria do Rosário Dias Varella
(UNIPLAN –Membro Externo da Banca)

Prof. Dra. Deise Matos do Amparo
(UnB–Membro Interno da Banca)

Prof. Dra. Kátia Cristina Tarouquela Rodrigues
(UnB–Membro Interno da Banca)

Prof. Dr Marcelo Duarte Porto
(UEG– Membro Suplente)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fonte de Luz, Amor e Sabedoria que guia a minha vida bem como aos Senhores de Luz e mensageiros que executam sua Lei. Ao meu filho cuja breve presença iluminou minha vida durante o trabalho de escrita dessa tese e que se tornou a maior força de minha vida. A ti eu agradeço e dedico essa tese. Aos meus pais, irmã e familiares meu sincero agradecimento pelo apoio e pelo amor que me motiva a dar sempre um passo a mais. Ao café que aquece meu coração, corpo e alma. Agradeço à CAPES pelo auxílio prestado. Ao Prof. Francisco Martins cuja presença é sinônimo de inspiração, desafio e espirituosas risadas. Aproveito para agradecer a todos, pelas críticas, conselhos e palavras cujos significados continuam a ecoar em meu coração e que, talvez, apenas no fim da caminhada possa entender seus ensinamentos.

RESUMO

A presente tese analisa a forma como o sentido do sonho se articula com o processo de atribuição de significado no relato do sonho. Propõe-se que o sentido e o significado se unem por meio das representações inerentes às funções sintáticas. O método utilizado nesta pesquisa é o histórico-conceitual. Neste trabalho o termo sentido é tomado como a direção conferida às representações psíquicas do Desejo que motivam a formação onírica. Esta direção pode ser reconstruída por meio da aplicação do Método de Associação Livre ao Conteúdo Manifesto do sonho. A aplicação deste método leva Freud a discriminar as regras de funcionamento do Inconsciente. Bem como diferenciá-las das regras que identificam os sistemas Pré-Consciente e Consciente. Nestes dois sistemas a capacidade de expressão por meio da sintaxe e a capacidade de formulação de leis abstratas se fazem presentes. O processo de cura pela fala apoia-se nesta relação, posto que é possível atualizar o sentido das vivências infantis, atribuindo-lhes novos significados por meio da fala. Ao longo da tese é problematizada as analogias feitas pelos pensadores Roman Jakobson e Jacques Lacan acerca da forma com que a significação interage com o significante. Nesta tese propõe-se uma correlação entre os saberes linguístico e psicanalítico de forma que sejam resguardados os limites epistemológicos de ambos, bem como a noção tópica do aparelho psíquico freudiano. Neste contexto, definem-se dois conceitos, a saber, Metáfora Primária e Secundária ou, respectivamente, Transporte de Sentido e Transporte de Significação. Dado esse problema, busca-se explicitar o processo de atos mentais que marcam a conjunção entre o sentido e a significação sob um viés linguístico-psicanalítico. O caráter sincrônico e processual da fala é destacado, chegando-se à conclusão de que as representações inerentes às funções sintáticas são os fatores que viabilizam a união do sentido ao significado.

Palavras-chave: Linguagem, Relações mãe-criança, Perspectiva de tempo, Semântica

ABSTRACT

The present thesis analyzes the way in which the sense (existential direction) of the dream articulates with the process of semantic meaning in the act of telling the dream. It is proposed that the link that connects both is the representations inherent to syntactic functions. The method used in this research is historical-conceptual. In this work, the term sense is taken as a direction given to the psychic representations of Desire that motivate the dream work. This direction can be reconstructed through the application of the Free Association Method to the Manifest Content of the dream. The application of this method leads Freud to discriminate the rules of operation of the Unconscious. As well as differentiate the rules that identify the Pre-Conscious and Conscious systems. That two are characterized by the ability to express themselves through syntax and the ability to apply abstract laws to present. The speech healing process is supported by this relationship, since it is possible to update the direction of children's experiences, giving them new meanings through the medium of speech. For a long time, these problems are problematized as analogies made by thinkers Roman Jakobson and Jacques Lacan about the way in which signification interacts with the significant. In this article, a correlation between linguistic and psychoanalytical knowledge is presented so that they are protected by the epistemological limits of both, as well as the classic notion of the Freudian psychic apparatus. In this context, we define two concepts, Primary and Secondary Metaphor or, respectively, Sense Transport and Meaning Transport. Given this problem, explicitly research the process of mental acts that mark a conjunction between sense and signification under another linguistic-psychoanalytic perspective. The synchronic and procedural character of speech is highlighted, coming to the conclusion that the representations inherent to syntactic functions are the factors that enable the union of sense (existential direction) and meaning.

Key-words: Language, Mother child relations, Time perspective, Semantic

SUMÁRIO

Sumário

| | |
|--|----|
| BANCA EXAMINADORA | 3 |
| AGRADECIMENTOS | 4 |
| RESUMO | 5 |
| ABSTRACT | 6 |
| SUMÁRIO..... | 8 |
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
| PARTE I – A DESCOBERTA DO SENTIDO DOS SONHOS | 16 |
| INTRODUÇÃO DA PARTE I..... | 16 |
| CAPÍTULO 1. O MÉTODO E A AUTOANÁLISE VIABILIZADORES DA DESCOBERTA DO SENTIDO DOS SONHOS | 18 |
| 1.1. O DESENVOLVIMENTO DO MÉTODO DE ASSOCIAÇÃO LIVRE | 18 |
| 1.2. A AUTOANÁLISE E A DESCOBERTA DO TRABALHO DO SONHO | 28 |
| CAPÍTULO 2. APLICAÇÃO DO MÉTODO AO SONHO MONOGRAFIA BOTÂNICA E O SEU SENTIDO | 42 |
| 2.1. O CONCEITO DE CONDENSAÇÃO E O SONHO MONOGRAFIA BOTÂNICA | 42 |
| 2.2. OS RESTOS DIURNOS DO SONHO MONOGRAFIA BOTÂNICA | 45 |
| 2.3. O MATERIAL PROVENIENTE DA VIVÊNCIA CORPORAL INFANTIL ... | 50 |
| 2.4. O MECANISMO PRIMÁRIO DE CONDENSAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O SENTIDO | 55 |

| | |
|---|-----|
| CAPÍTULO 3. A QUALIFICAÇÃO FREUDIANA DA EQUIVOCIDADE E A FALA COMO <i>PHÀRMAKON</i> | 65 |
| 3.1. A UTILIZAÇÃO DE METÁFORAS NO NASCIMENTO DA PSICANÁLISE | 65 |
| 3.2. CONDENSAÇÃO, EQUIVOCIDADE E INTERPRETAÇÃO | 68 |
| CONCLUSÃO PARTE I..... | 79 |
| PARTE II – SIGNIFICAÇÃO NA LINGUÍSTICA E O MECANISMO PRIMÁRIO DE CONDENSAÇÃO | 85 |
| INTRODUÇÃO PARTE II | 85 |
| CAPÍTULO 1. CONCEITOS BASILARES DA CIÊNCIA LINGUÍSTICA DE SAUSSURE..... | 88 |
| CAPÍTULO 2. A POÉTICA DE ROMAN JAKOBSON E OS EIXOS METAFÓRICO E METONÍMICO..... | 91 |
| 2.1. O FORMALISMO RUSSO E A BUSCA PELOS LIMITES DA LINGUAGEM POÉTICA | 91 |
| 2.2. SINCRONIA E DIACRONIA NOS PROCESSOS DE SIMBOLIZAÇÃO METAFÓRICOS E METONÍMICOS | 94 |
| CAPÍTULO 3. LACAN E O INCONSCIENTE COMO LINGUAGEM..... | 102 |
| 3.1. A INVERSÃO DO TEOREMA DE SAUSSURE SIGNIFICADO SOBRE SIGNIFICANTE..... | 102 |
| 3.2. COMBINAÇÃO E SELEÇÃO NA METONÍMIA E NA METÁFORA | 107 |
| CAPÍTULO 4. METÁFORA PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA - REFLEXÕES QUANTO AO PROCESSO METAFÓRICO E AS INSTÂNCIAS PSÍQUICAS | 114 |

| | |
|---|-----|
| 4.1. GRUPO <i>PHI</i> E A CLASSIFICAÇÃO FENOMENOLÓGICA DOS TROPOS DE LINGUAGEM..... | 114 |
| 4.2. AS FIGURAS DE LINGUAGEM SINEDÓQUICAS E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA METÁFORA..... | 117 |
| 4.3. METÁFORA DO TIPO REFERENCIAL E PROCESSO PRIMÁRIO | 125 |
| 4.4. METÁFORA DO TIPO CONCEITUAL E O PROCESSO SECUNDÁRIO... | 131 |
| 4.5. METÁFORAS PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA E O SIGNIFICANTE ENIGMÁTICO..... | 136 |
| CONCLUSÃO DA PARTE II..... | 143 |
| PARTE III – SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO SE UNEM POR MEIO DAS REPRESENTAÇÕES DAS FUNÇÕES SINTÁTICAS | 152 |
| INTRODUÇÃO PARTE III..... | 152 |
| CAPÍTULO 1. A SINCRONIA E O PROCESSO DE ATUALIZAÇÃO DO POTENCIAL DA FALA..... | 155 |
| 1.1. NOÇÕES BASILARES DE PSICOSSISTEMÁTICA | 155 |
| 1.2. A SINCRONIA E OS ATOS MENTAIS NECESSÁRIOS À FORMAÇÃO DA PALAVRA | 165 |
| CAPÍTULO 2. O SENTIDO ONÍRICO E O RELATO DO SONHO | 170 |
| 2.1. SIGNIFICAÇÃO, DESEJO E PULSÃO | 170 |
| 2.2. AS REPRESENTAÇÕES DAS FUNÇÕES SINTÁTICAS DO SUBSTANTIVO E DO VERBO | 177 |
| 2.3. SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO NO RELATO DO SONHO MONOGRAFIA BOTÂNICA | 196 |

| | |
|-------------------------------|-----|
| CONCLUSÃO PARTE III | 209 |
| CONCLUSÃO..... | 215 |
| REFERÊNCIAS CITADAS | 234 |
| REFERÊNCIAS CONSULTADAS | 239 |

INTRODUÇÃO

O tema que motivou a pesquisa que tem como resultado esta tese foi a busca pelo entendimento acerca do modo com que a fala foi utilizada por Freud como ferramenta terapêutica. Como a fala pode levar à ressignificação de vivências experienciadas num período infantil em que não se sabia falar? Período em que a comunicação acontecia com base nas respostas corporais da mãe e do bebê, apoiados nos ciclos corporais de necessidade e satisfação e não por meio de palavras ordenadas sintaticamente.

A escuta atenta das reclamações e queixas provenientes do sofrimento amoroso das pacientes histéricas levou Freud à dissolução entre a barreira existente entre o normal e o patológico. De início foi a busca pela eliminação dos sintomas por meio dos métodos catártico e hipnótico. Posteriormente, com o aprimoramento do método, então denominado Método de Associação Livre, foi a consideração do papel traumático dos devaneios e a eficácia terapêutica do falar livremente e da disposição do analista em escutar.

Folheando velhos cadernos do tempo do Ensino Médio encontramos uma anotação feita durante uma aula de física. Nesta estava escrito algumas palavras da professora, ditas após a reprodução de um vídeo que tinha como tema a vida de Copérnico e o seu labor no desenvolvimento da Teoria Heliocêntrica. Suas palavras foram estas: “Os gênios tem a virtude de perceber o que está na cara dos distraídos. Perceber o que parece invisível mas que está na ponta do nariz. O Sol nasce, levanta, se põe e todos consideram a coisa mais banal do mundo. Copérnico ficou curioso com esse movimento do Sol e quis pensar. Não se conformou e mudou a forma como as pessoas percebem o mundo. A Terra gira ao redor do Sol e não o contrário!”

Muitos de nós podem facilmente se lembrar de palavras ditas em determinada situação que mudaram o rumo de nossas vidas. Seja pela maneira como nos tocou, seja pela mudança em nossa forma de perceber o mundo. É culturalmente compartilhado tanto no ocidente como nos povos do oriente a concepção quanto ao poder da “palavra” e a sua eficácia simbólica. A tradição Órfica se faz presente em sociedades discretas da atualidade como a Rosa-Cruz que afirma a existência de uma palavra perdida cuja posse e conhecimento quanto à pronuncia é capaz de realizar prodígios. Ou mesmo, com base na Tradição judaico-cristã a expressão que inicia o livro do Apocalipse: “No início foi o Verbo”.

A sabedoria popular, mesclada à superstição, alerta sobre o perigo de se pronunciar certas palavras. “Traz mau agouro!”, dizem os mais velhos. De atuação menos fantástica mas igualmente transformadora quanto ao destino pessoal estão as palavras trocadas na intimidade da vida amorosa. Da experiência clínica conhecemos o impacto de se dizer a frase “Eu te amo” para um dos cônjuges que pensa em dissolver o matrimônio. Ou ainda: “Estava pensando em você, que bom que me ligou!” e, o simples mas não menos potente, “Você ainda sabe fazer um café?”. Fazendo referência ao hábito cotidiano de tomar o café-da-manhã antes que cada um se dirija ao próprio trabalho.

Os exemplos poderiam se multiplicar ao infinito evocando em nós risadas, lágrimas discretas ou o sentimento de reverência e respeito quanto ao que não pode ser dito e faz com que nos calemos. Comum a essas situações está o poder transformador da palavra nas relações humanas. Freud, tal como Copérnico que observava o Sol, buscou compreender a forma como as palavras atuavam nos sintomas e no devir páthico de suas pacientes.

A frase da paciente Anna O. dizendo a Freud que se calasse e a ouvisse, somado às analogias eróticas de seus sintomas levou o clínico a voltar seu interesse para a eficácia da palavra dita durante o tratamento. O processo de qualificação da fala das pacientes histéricas foi concomitante ao processo de investigação acerca da forma com que as vivências corporais infantis, bem como as fantasias formatadas em tenra idade, poderiam ser ditas de novas maneiras. Formas que atribuíam outros significados aos registros arcaicos da memória.

O cotidiano trabalho clínico de reelaboração e interpretação que une sentido e significação durante uma sessão. Trabalho cujo entendimento foi estabelecido por meio da aplicação do Método de Associação Livre. O amadurecimento deste como método de tratamento foi gradativo e teve como “prova de qualidade” o impacto terapêutico no devir pático de suas pacientes e a solução do enigma dos sonhos.

A tese que o caro leitor tem em mãos analisa a forma como o sentido do sonho se articula com o processo de atribuição de significado e ordenamento sintático do relato do sonho. Propõe-se que o sentido e o significado se unem por meio das representações inerentes às funções sintáticas da língua. O método utilizado nesta pesquisa é o histórico-conceitual. Haja vista que a criação da Psicanálise e a descoberta das regras de funcionamento das diversas instâncias psíquicas foram estabelecidas com base no processo de auto análise realizada por Freud, estudou-se os momentos vivenciados pelo psicanalista à medida que desenvolvia seus conceitos. Buscou-se também definir os conceitos utilizados ao longo da tese dentro do contexto das teorias em que surgiram. Como por exemplo, os conceitos estabelecidos dentro da ciência Linguística. Esta tese é composta por três partes.

A primeira parte apresenta a noção de sentido na obra a “Interpretação dos Sonhos”. A segunda parte concerne ao âmbito do significado. Nesta, apresentam-se as noções basilares da ciência desenvolvida por Saussure, a qual tem como objeto de estudo a “Língua” que, por sua vez, apoia-se no significado. De posse desses conceitos reflete-se acerca do papel do processo metafórico ao longo dos atos mentais que caracterizam a sincronia. Problematiza-se também as releituras feitas por Roman Jakobson e Jacques Lacan dos mecanismos de processamento primário à luz do conhecimento linguístico. Nesta parte também será proposta uma forma de correlação entre o saber linguístico e o psicanalítico com base na classificação fenomenológica dos tropos de linguagem desenvolvida pelo Grupo *Phi*. Na parte três é discutida a forma com que o sentido se liga às significações por meio da teoria do fenomenólogo e linguista Gustave Guillaume. Nesse momento estudam-se os atos mentais que caracterizam o processo de atualização do sentido por meio do sistema de fala. Bem como as representações inerentes ao uso das diversas funções sintáticas. Analisando também a forma como estas funções se apresentam no relato do sonho Monografia Botânica e se relacionam ao sentido que direcionou a formação deste sonho.

PARTE I – A DESCOBERTA DO SENTIDO DOS SONHOS

INTRODUÇÃO DA PARTE I

A primeira parte desta tese tem por objetivo definir a noção de sentido em Psicanálise tomando-se como base o trabalho interpretativo dos sonhos tal como descrito por Freud na obra “A Interpretação dos Sonhos” (1900/2006). Inicia-se com o relato biográfico freudiano acerca do período em que ele se volta para o atendimento clínico em detrimento de suas pesquisas no laboratório neurológico coordenado pelo também médico Meynert.

O interesse freudiano pelo sofrimento dos pacientes é motivado pela necessidade de subsistência e pelo desejo de ser reconhecido. No primeiro capítulo dedica-se ao estudo do processo de desenvolvimento do Método de Associação Livre por Freud. Posto que foi por meio deste que o sentido motivador da produção onírica foi descoberto. A aplicação deste método viabiliza a reconstrução da cadeia de pensamentos. Tendo efeito terapêutico no sofrimento neurótico decorrente do conflito psíquico.

Considerar-se-á também a autoanálise empreendida pelo psicanalista que culminou com a publicação do referido livro acerca dos sonhos. Bem como possibilitou à ele a descrição das regras de funcionamento do mecanismo Inconsciente. Este não se restringe a elementos que não estão na Consciência, mas funciona mediante um conjunto de regras específicas.

Nos capítulos subsequentes desta primeira parte analisar-se-á a aplicação do Método de Associação Livre ao sonho Monografia Botânica. Diferenciando-se o Desejo (*Wunsch*) e os sentidos motivadores da formação deste sonho, a sua apresentação como fenômeno solipsista e seu posterior relato. Na terminologia freudiana estudar-se-á as

deformações que ocorrem nos pensamentos latentes durante o Trabalho do Sonho. E ainda, a forma como os restos diurnos se ligam às vivências corporais infantis e o processo de descoberta do fenômeno da Condensação. Entender a forma como este processo transcorre durante o sono nos será importante quando na parte dois desta tese estudarmos as correlações feitas por Roman Jakobson e Jacques Lacan desse fenômeno com o Tropo Linguístico “Metáfora”

Por fim, no terceiro capítulo desta primeira parte dedicar-nos-emos ao processo de qualificação freudiana da equivocidade da fala e da utilização desta como *Phàrmakon*. O problema da interpretação dos sintomas neuróticos levou Freud a buscar entender a forma como o valor atribuído a uma representação é transferido à outra. Processo que nos remete ao fato de que não entramos em contato com a realidade de modo direto. Ou seja, este contato ocorre via mediação.

De certo modo esta parte se configura como revisão do processo de delimitação freudiano de seu campo de produção epistemológico – a Psicanálise. Haja vista que apresenta o processo gradativo de qualificação da fala como *Phármakon* e os mecanismos de deformação a que o Desejo (*Wunsch*) está sujeito quando de sua apresentação no contexto de determinada comunidade linguística.

CAPÍTULO 1. O MÉTODO E A AUTOANÁLISE VIABILIZADORES DA DESCOBERTA DO SENTIDO DOS SONHOS

1.1. O DESENVOLVIMENTO DO MÉTODO DE ASSOCIAÇÃO LIVRE

O ano de 1880 marca o aumento da dedicação de Freud no labor como clínico. Ele continua suas pesquisas em anatomia cerebral, todavia, restrições financeiras e a vontade de ser reconhecido se fizeram prementes. Em suas palavras, “De uma perspectiva prática a anatomia do cérebro certamente não foi nenhum avanço em relação à fisiologia. Levei em conta considerações materiais ao iniciar o estudo de doenças nervosas”. (Gay, 1990, p.58)

O campo das doenças nervosas se mostrava como um nicho profícuo para a produção de conhecimento e aquisição de prestígio. De certo modo era uma área pouco explorada na sociedade vienense da época. Nesse contexto a proximidade com Breuer se intensifica. Ambos os médicos partilhavam do interesse pela cura da neurose e pela descoberta da causa da mesma. Durante o difícil início de trabalho como clínico, Breuer o ajuda indicando pacientes e em diversas ocasiões auxiliando-o financeiramente.

Nesse mesmo ano Breuer inicia o tratamento da paciente Bertha Pappenheim, a qual foi diagnosticada com um quadro de neurose histérica. Na história da psicanálise ela ficou conhecida como a paciente Anna O. Este médico a atende por um ano e meio, tendo em meados de novembro de 1882 relatado o caso à Freud pela primeira vez.

Anna O. apresentava sintomas como contrações e anestésias graves ao longo do corpo. Bem como complicações na capacidade visual e de fala, além de uma incapacidade para alimentar-se e a constante manifestação de tosse nervosa. Tais sintomas levaram o médico a prontamente diagnosticá-la com histeria. Contudo a transição entre diversos estados de consciência nos quais se apresentava outro tipo de

personalidade, diferente da usual, bem como a ocorrência de alucinações assustadoras fizeram com que o interesse de Breuer e Freud fosse capturado. (Freud, 1893/2006)

Essas alterações de consciência eram precedidas por um período de auto-hipnose. Após recordar os fatos desagradáveis do dia, seu ânimo se alterava tornando-se mais calmo e centrado. Durante esses estados sua memória se tornava prodigiosa possibilitando aos médicos estabelecer relações entre situações traumáticas anteriores e os sintomas que se apresentavam no estado cotidiano de vigília.

Breuer e sua paciente perceberam os benefícios dessa terapêutica. Era por eles denominada de “cura pela fala (*Talking Cure*)” ou “limpeza da chaminé”. Os estados alterados de consciência ocorriam predominantemente no período da tarde. Após certo tempo Breuer suplementa essas práticas com induções hipnóticas no período da manhã. Fato que leva a uma profusão ainda maior de conteúdos associativos por parte de Anna O. (Jones, 1970, p. 237)

A empolgação quanto ao caso ocupou muito da paisagem mental de Breuer e Freud. Tal fato levou o primeiro a ter desentendimentos com a esposa, devido ao ciúme gerado pelas constantes referências à paciente. Ao perceber tal situação ele se decide por interromper o tratamento, haja vista a diminuição dos sintomas bem como a melhora da disposição geral da paciente.

Todavia, após expor sua decisão à paciente e ir embora, foi chamado às pressas devido a uma nova crise de Anna O. Esta havia entrado em um processo que se assemelhava ao trabalho de parto, pseudociese. Breuer consegue contornar a situação hipnotizando-a, retira-se às pressas e vai viajar com sua esposa no intento de realizar uma nova lua-de-mel. Após essa ocorrência Freud assume o desafio de atender a paciente Anna O. (Jones, 1970, p. 238)

Conforme dito, o campo das psiconeuroses era um campo ainda pouco explorado na sociedade vienense da época. No intuito de ampliar seus conhecimentos Freud foi ao encontro do professor Charcot, cujo renome ultrapassava as fronteiras francesas. Os estudos freudianos na capital Paris tiveram início no outono de 1885. As aulas ministradas na Salpêtrière corresponderam às expectativas freudianas e amadureceram neste a certeza quanto à descontinuidade da consciência.

Após os comandos dados às pacientes pelo médico francês, membros paralisados voltavam a se mover com desenvoltura. A dificuldade em falar evanesceu ante a voz segura do mestre. A histeria que séculos antes era considerada uma possessão demoníaca, passou a ser considerada um fingimento ou vista com desdém, agora, podia ser discutida na academia. Os olhares observadores dos cientistas voltavam-se para ela. A histeria, agora, havia se tornado “uma entidade nosológica do sistema nervoso perfeitamente respeitável.” (Jones, 1970, p. 239)

Após as hipóteses de Anton Mesmer quanto à existência de um fluido por meio do qual a influência poderia ser transmitida, a prática da hipnose se fez presente oficialmente no contexto pós-iluminismo. Havia agora uma explicação científica que legitimava o estudo da hipnose no contexto de produção do conhecimento das universidades. Dois fenômenos que antes pertenciam ao domínio do fantástico ou oculto encontravam-se no mesmo ambiente. Um como objeto a ser curado ou extirpado, o outro como um método de tratamento.

Dentre as inovações propostas por Charcot está o estudo sistemático da histeria e de suas formas de manifestação; a ênfase de que a histeria também poderia ocorrer em pessoas do sexo masculino, posto que passava a ser classificada como uma doença nervosa; e a possibilidade de indução de sintomas histéricos em pessoas predispostas.

As aulas geram profundo impacto no vienense. A existência de outro âmbito na mente no qual seria possível atuar à revelia aparente da consciência humana estimula a sua curiosidade. Freud tentou despertar o interesse de Charcot para as particularidades sintomatológicas de Bertha Pappenheim, todavia, o mestre francês mostrou-se indiferente. (Gay, 1990, p.75)

Freud retorna de seu estágio na França na primavera de 1886, repleto de novas ideias e da vontade de compartilhá-las. Todavia, em sua maioria, não houve reciprocidade por parte dos acadêmicos, psiquiatras e neurologistas. Meynert demonstra grande resistência quanto à prática da hipnose e da ocorrência de casos de histeria em pacientes do sexo masculino. Os neurologistas Bamberger e Rosenthal desqualificam o caráter inovador das propostas freudianas quanto à ocorrência desses casos, existiriam, eram somente raros.

Outro ponto que encontrou objeção foi a hipótese de Charcot referente a alguns casos de síndromes medulares (“*railway spine*”) ocorridas após acidentes. Para o médico francês alguns desses casos configurariam quadros de histeria. O neurologista Leidesdorf considera essa hipótese de pouco interesse, posto que de acordo com suas pesquisas muitos acidentes afetam o sistema nervoso central organicamente. Ou seja, mesmo que alguns pacientes demonstrem irritabilidade, insônia ou outros sintomas que se manifestam também na histeria estes deviam-se ao choque. (Jones, 1970, p. 241-2)

A contraposição feita por Meynert foi ostensiva. Este desafia Freud a provar a existência de casos de histeria masculina conforme descrito por Charcot. Freud toma o desafio como tarefa e sai a busca de pacientes com este quadro. Todavia, nas ocasiões em que encontra casos deste tipo no Hospital Geral, os médicos mais antigos proíbem a ele de utilizar os dados dos pacientes.

A persistência freudiana é recompensada. Sua busca dá frutos e graças a ajuda do Dr. Von Bereszászy, Freud conseguiu encontrar um paciente. Este era um trabalhador do ramo da metalurgia que, após discutir com o irmão, apresentou hemianestesia e o típico transtorno da visão e da sensação da cor. O oftalmologista Königstein fez um relatório acerca dos sintomas visuais do paciente, estando Exner como testemunha. O relatório é apresentado no dia 26 de novembro de 1886. Quarenta anos depois Freud relembra esse período:

“Nessa ocasião fui aplaudido, mas nenhuma forma de interesse se expressou, e, relação a mim, subsequentemente. A impressão de que as altas autoridades haviam rejeitado as minhas inovações permaneceu inabalável, e, com a minha tese de histeria no sexo masculino e a minha obtenção das paralisias histéricas através da sugestão, encontrei-me jogado à força no campo da oposição. Como pouco depois fui exonerado do laboratório de anatomia cerebral e, durante toda uma temporada, não tinha lugar para fazer as minhas conferências, retirei-me da vida acadêmica e cessei de frequentar as sociedades científicas. Já se escoou uma geração desde minha última visita à Gesellschaft der Ärzte” (Jones, 1970, p. 242)

O tempo dedicado ao trabalho por Freud no verão de 1886 divide-se às idas ao Instituto Kassowitz, às suas traduções, ao estudo e aos atendimentos em sua clínica particular. A terapêutica das neuroses ocupa seu interesse na época e se configura como um campo de aprimoramento da capacidade de escuta clínica. Cabe destacar que suas técnicas de tratamento não se restringiram ao método catártico de Breuer, nem às sessões de hipnose. Utilizou-se também da eletroterapia, banhos e massagens. Gradativamente constatou a prevalência da eficácia das proposições de Charcot e Breuer.

Freud torna-se um árduo defensor do hipnotismo, contrapondo-se frontalmente a Meynert. Sua vontade de se aprimorar na técnica o levou a uma viagem a Nancy no verão de 1889. Lá se desenvolvia a escola que tinha como expoentes Bernheim e

Liébault. Levou consigo uma paciente com a qual nunca havia atingido o estado de sonambulismo acompanhado de amnésia. Bernheim tentou mas também não logrou êxito.

A visita não foi desprovida de aprendizados, fortaleceu em Freud o interesse em entender possíveis leis psicológicas que se manifestariam nos sintomas histéricos. Após quatro anos de contato ativo com a técnica no contexto clínico o médico vienense mostra-se entediado com as constantes repetições das sugestões para que os sintomas desaparecessem. Jones cita as palavras de Freud: “Nem o médico nem o paciente podem tolerar indefinidamente a contradição entre a negação decisiva da desordem que ocorre na sugestão e o seu reconhecimento necessário, afastada a sugestão.” (1970, p. 248)

Freud não se deteve apenas na busca pela eliminação dos sintomas, empregou o método catártico desenvolvido por Breuer no intuito de esmiuçar retroativamente o processo de geração dos sintomas. Manteve também em mente a noção de trauma aprendida com Charcot, segundo o qual este se encontra na gênese dos sintomas. No ano de 1892 ele registra a concepção de que nas neuroses se fazem presentes ideias de conteúdo inaceitável pelo eu.

O termo atribuído a essas ideias é “Ideias Antitéticas” e se caracterizam por interferir nas intenções conscientes. Nesse período ele esboça uma diferenciação entre a neurastenia e a histeria. Segundo ele, na primeira a pessoa tem consciência do conflito, da guerra civil que transcorre. Na segunda é caracterizada a ignorância quanto a oposição feita pelas Ideias Antitéticas. Percebe-se, todavia a restrição da vontade e da mobilidade.

Constatou-se também que estas ideias se apresentam em momentos de dissociação da consciência. Esse estado particular da consciência foi denominado por

Breuer como “Condição Hipnoide”. Freud o denominou “Estado de Exaustão”. A atenção freudiana apurava-se na escuta e busca pelo entendimento sobre o que seria esse estado. E, ainda, em como se dava a transição desse estado para o estado de vigília comum e vice-versa.

As investigações de Freud alcançaram uma nova etapa quando da transição do método catártico para o de associação livre. Foi por meio deste que suas pesquisas se aprofundaram levando-o a descobrir as regras de funcionamento desse outro estado de consciência possibilitando-o a caracterizar o Inconsciente de modo formal. Ao que parece esse método foi aprimorado no período que se inicia em 1892 ao ano de 1895. Sendo possível afirmar que três meses após a publicação do livro “Estudos sobre Histeria”, em parceria com Breuer, houve um salto qualitativo na aplicação do Método de Associação Livre. (Jones, 1970, p. 250)

Conforme dito Freud aprofundou-se na técnica hipnótica e no método catártico. Todavia, o fato de alguns pacientes não entrarem no estado de transe hipnótico restringia a aplicabilidade da catarse. Outro aspecto importante foi a observação do papel desempenhado pela relação entre médico e paciente no processo de cura. Exemplo disso foi o tratamento da paciente conhecida como Senhora Emmy. Com o rompimento do tratamento os sintomas histéricos teimavam em retornar. (Freud, 1893/2006)

Disso decorreu outra certeza, a saber, que a efetividade terapêutica apoiava-se sobre uma base erótica, oculta ou manifesta. Breuer ao se deparar com esse aspecto durante o atendimento de Bertha Pappenheim afastou-se. Freud percebendo a repetição do fenômeno debruça-se sobre este considerando-o como de interesse científico. E, ainda, testa a hipótese de que o processo hipnótico mascarava esse investimento afetivo na pessoa do médico. Hipótese que se confirmou.

Tal descoberta o leva a integrar a afirmação feita por Breuer referindo-se ao papel da sexualidade na etiologia da histeria de que “Estas coisas são sempre “*secrets d’alcôve!*” e por Charcot “*Mais, dans des cas pareils, c’est toujours la chose génitale, toujours... toujours... toujours*” no contexto do trabalho clínico. Ou seja, delineava-se também a delimitação da dinâmica da transferência e a sua importância no trabalho terapêutico. (Jones, 1970, p. 125)

O tratamento da senhorita Elisabeth von R. empreendido no outono de 1892 é considerado pelos biógrafos como sendo o primeiro em que Freud decidiu seguir o próprio caminho terapêutico. Da visita à Escola de Nancy ele trazia a recordação da afirmação feita por Bernheim de que as situações vivenciadas durante o transe hipnótico eram somente aparentemente esquecidas. Freud transpôs essa hipótese para as lembranças esquecidas pelas pacientes histéricas por meio do nascente Método de Associação Livre. A conclusão da análise psíquica realizada satisfaz o ímpeto investigativo e clínico freudiano. (Jones, 1970, p. 252)

Durante essa época Freud ainda guardava o hábito de insistir, exigir urgência e interrogar. Com o paciente deitado, esse era instruído a fechar os olhos e a se concentrar em um sintoma específico, expressando toda e qualquer lembrança que lhe pudesse ocorrer. Em determinada sessão a senhorita Elisabeth o repreendeu por interromper seus pensamentos com perguntas. Ele se calou, mais um passo dado na formulação da técnica de associação livre.

A confiança no novo método suplantou a aplicação do método hipnótico, tanto que em 1896 Freud passa a utilizar somente o primeiro. Abandona também a prática de apressar o paciente no processo de rememoração, a pressão na testa do paciente e a sugestão para que este fechasse os olhos. Manteve-se o hábito deste reclinar-se sobre o

sofá ou divã. Bem como o costume de iniciar o processo associativo por meio dos sintomas. Atitude mantida também no trabalho de análise dos sonhos.

Ao longo do processo associativo Freud percebe que sonhos também eram rememorados e configuravam-se como elos na cadeia associativa. Durante esse processo arqueológico dos vestígios da memória, a lembrança do evento gerador de conflito psíquico ganhava sentido na cadeia de eventos psíquicos. Dentre os itens recebidos de herança dos filósofos naturalistas esta a noção de causalidade, agora transposta para o âmbito do psiquismo.

Cabe destacar que a análise dos sintomas neuróticos não se restringia ao evento traumático *per si*, abrangia também a forma como as lembranças surgiam na fala dos pacientes e como estas se articulavam a sons, cheiros, pessoas, sonhos e demais ideias (*Vorstellung*) que se conectavam à ideia hipercarregada energeticamente. Encontrar a ideia que foi retirada da consciência viabilizaria a união da representação com o afeto, possibilitando que a energia psíquica estagnada fosse descarregada. Assim, a paciente retomaria o fruir de sua vida cotidiana, com o usufruto de suas capacidades cognitivas, agora retomadas pelo eu.

Tem-se desse modo, no período que vai de 1889 a 1895 a busca pelo entendimento do que seria a histeria e os seus sintomas. Da fala de suas pacientes, Freud percebe que elas transitam de uma ideia a outra com facilidade, que de um elemento que ganha maior destaque nas lembranças muitas outras recordações surgiam. Ou ainda, algumas situações marcantes como o falecimento do pai que fora devotadamente cuidado pela paciente, ou o rompimento de um noivado antes tão almejado eram tratadas de forma banal e quase sem importância.

Freud afirma que seguiu uma “obscura intuição” ao se entregar à utilização do Método de Associação Livre. Ao que parece essa intuição deve-se à introjeção dos princípios expostos pelo escritor Ludwig Börne em sua obra “A arte de se tornar um Escritor Original em Três Dias”. Neste é escrito:

“Aqui está a fórmula prática que prometi. Tome umas poucas folhas de papel e durante três dias consecutivos escreva nelas, sem mistificação ou hipocrisia, qualquer coisa que vier à sua cabeça. Escreva sobre o que pensa de si mesmo, de suas mulheres, da guerra turca, de Goethe, do caso criminal Fonk, do Juízo Final, dos que se acham acima de você na hierarquia da autoridade – e quando se tiverem passado esses três dias você ficará espantado diante dos pensamentos originais e surpreendentes que saíram de sua mente. Esta é a arte de se tornar um escritor original em três dias.” (Jones, 1970, 255)

O psicanalista teve contato com este autor durante sua adolescência. Tendo recebido de presente suas obras completas. Nos textos deste são enaltecidas posturas e ideias que valorizam a liberdade, a honestidade, a justiça e a sinceridade ante à opressão. Cabe lembrar a amizade deste com o então jovem Heine. As lápides de Börne e Heine foram as únicas procuradas por Freud quando este visitou o cemitério de *Père Lachaise*. (Jones, 1970)

Freud não se deteve na aparente confusão dos relatos, considerando-os como desprovidos de sentido. Tal postura o levou a discriminar algumas regras de funcionamento deste outro lugar, do que não está na consciência. Gradativamente, do inferno da neurose surgia o entendimento acerca da forma com que eram tratadas as representações (*Vorstellung*) por esta outra instância da mente.

Tem-se dessa forma que o Inconsciente para Freud não é apenas um amontoado caótico da mente, este possui regras. Encontra-se na obra “A Interpretação dos Sonhos” uma versão amadurecida das hipóteses presentes no “Estudos Sobre Histeria”. Na obra

que trata dos sonhos tem-se especificado o papel das Instancias Pré-Consciente e Consciente por meio da presença do mecanismo de linguagem e da Elaboração Secundária.

Poder-se-ia afirmar que o estabelecimento do Método de Associação Livre foi o fundamento que possibilitou Freud a aprofundar suas pesquisas acerca das regras desse outro estado da psique humana, posteriormente, denominado o Inconsciente. As descobertas iniciais acerca dos sintomas histéricos foram testadas naquilo que ficou conhecido no meio psicanalítico como Formações do Inconsciente, a saber, ditos espirituosos (chistes), sonhos, atos falhos e transferência. As regras do funcionamento Inconsciente apoiavam-se no livre fluxo da energia psíquica e nos mecanismos de Condensação, Deslocamento, Figurabilidade e Elaboração Secundária.

1.2. A AUTOANÁLISE E A DESCOBERTA DO TRABALHO DO SONHO

“A primeira e a última coisa que se pede ao gênio é o seu amor à verdade.” (Goethe)

Conforme dito na seção anterior, Freud encontra intensa resistência dos médicos componentes do laboratório de neurologia e dos expoentes da psiquiatria vienense quando de seu retorno do estágio junto a Charcot. Principalmente da reconhecida autoridade Meynert. Tal oposição configura-se como um desafio que foi encarado por Freud. Ele não retrocederia. Soma-se a esse fator externo uma intensa pressão interior.

A preocupação com o entendimento do que seriam os sintomas histéricos trouxe à tona os conflitos amorosos e existenciais das pacientes. Temas historicamente familiares aos filósofos e poetas, mas olhados com reserva pelo meio médico frequentado por Freud nas décadas de 1880 e meados de 1890. Concomitante à esse processo emerge também o sofrimento páthico freudiano que deseja se tornar um grande

homem. Análogo ao conquistador de Roma, Aníbal. Ou melhor, um judeu vitorioso na sociedade vienense. Seria a descoberta da cura da neurose histérica o fator que lhe acarretaria a notoriedade? Conseguiria se tornar o grande homem almejado pela sua mãe?

Nesse contexto a preocupação acerca do devir existencial das pacientes e a retomada do fruir vivido pelas mesmas em seu cotidiano, mistura-se às reflexões quanto ao próprio futuro. Dito de outro modo, as inquietações do clínico com seus pacientes tem um obscuro ponto de intersecção com as preocupações quanto a sua caminhada profissional e amorosa.

Freud havia alcançado uma maior familiaridade com o modo de funcionamento característico dessa outra instância da mente, o Inconsciente. Todavia, este ainda lhe parecia como um país estranho e distante. Poder-se-ia afirmar que simbolicamente Freud se encontrava diante do Umbral do Oráculo de Delfos e se defrontava com as palavras: Conhece-te a ti mesmo.

“Assim como talvez não haja, dizem os médicos, ninguém completamente são, também se poderia dizer, conhecendo bem o homem, que nem um só existe que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê de desconhecido ou que ele nem ousa conhecer, receio duma eventualidade exterior ou receio de si próprio; tal como os médicos dizem de uma doença, o homem traz em estado latente uma enfermidade, da qual, num relâmpago, raramente um medo inexplicável lhe revela a presença interna.” (Kierkegaard, 1979, p. 329)

O método havia sido desenvolvido, associação livre, a estrada a ser seguida também foi indicada pelo atendimento das pacientes diagnosticadas com histeria, os sonhos. O relato de trechos destes eram recorrentes nas sessões terapêuticas, fato que levou Freud a alcançar familiaridade com o processo de análise destes. Cabe ressaltar

que o interesse freudiano pelos sonhos antecede ao aumento de atividade em seu trabalho como clínico.

Na primavera de 1894 ele anuncia à Breuer que havia aprendido como interpretá-los. O ano de 1895 marca o início da crise de meia idade de Freud. A possibilidade de uma nova gravidez inquieta a ele e à sua esposa. Medidas tomadas pelo casal, como o *coitus reservatus* e o *coitus interruptus*, geram nele ansiedade e insatisfação. Fato que leva à diminuição de sua atividade sexual. Sua esperança recai sobre o amigo Fliess que desenvolve pesquisas acerca dos ciclos sexuais. Tal descoberta viabilizaria a retomada do prazer com a esposa, bem como a esquiva de uma nova concepção. (Anzieu, 1989, p. 34)

Enquanto esta descoberta não ocorre, Freud se resigna sem sinais de amargura, hetero-agressividade ou desvalorização de si mesmo. O interesse pela sexualidade direciona-se para a vida de seus pacientes. Assim, os conflitos neuróticos e as queixas de seus pacientes chegam a ele como mecanismos de defesa contra os desejos sexuais, como relato de práticas sexuais que descarregam incompletamente a libido, transformando em angústia o excesso de libido.

“Ele deve interessar-se por isso [sexualidade], se deseja curá-los (e não só acalmá-los). Ele pode interessar-se pela sexualidade, pois alcançou neste campo uma tranquilidade interior com tintas de pessimismo construtivo e com uma auto percepção suficiente para escutar nele um eco atenuado de muitos de seus mecanismos e, portanto, constatar seu funcionamento.” (Anzieu, 1989, p.24)

Concomitante a esse interesse está a preocupação com a própria morte. A dificuldade em lidar com o tema transparece na teoria que desenvolve nesse período. Somente no ano de 1920 é apresentado o conceito de pulsão de morte. Sendo, então,

este princípio integrado à metapsicologia freudiana. No período de escrita do livro acerca da interpretação onírica, os sonhos de angústia e a questão referente à representabilidade da morte se configuram como um desafio a ser integrado na tese de que “o sonho é a realização de um desejo”.

Com a possibilidade da morte se apresentando no seu horizonte de vida, Freud sente a pressão de ser um grande homem aumentar. Mesmo que tenha publicado artigos, capítulos e duas monografias sobre cocaína e as afasias, não havia ainda trazido ao público uma obra que o marcasse na história. Uma obra propriamente dita.

Retroceder ante ao pórtico do Templo seria estagnar suas pesquisas acerca da neurose, bem como trair o Desejo (*Wunsch*) que o impulsionava a ser reconhecido e, ainda, efetivamente escrever uma obra. A caminhada em direção a si próprio foi gradativa e movida por uma premência de atingir a verdade, mesmo que para isso ele tivesse que sacrificar os ganhos secundários de seus sintomas. A relativa comodidade havia se tornado incomoda para ele.

Dois campos vinculam-se diretamente à auto análise desenvolvida por Freud, a saber, a interpretação dos sonhos e a valorização da sexualidade infantil. Nosso foco maior de interesse consiste no processo de interpretação dos sonhos, todavia, é necessário nos determos no tema da sexualidade infantil. Haja vista o caráter intrínseco com que se relacionam. Poder-se-ia afirmar que as obras “Interpretação dos Sonhos” e “Três Ensaios acerca da Sexualidade” compõem os dois pilares teóricos sobre os quais a Psicanálise foi erigida.

Conforme vimos, questões acerca da sexualidade humana permeavam as pesquisas freudianas quanto à etiologia dos sintomas histéricos. As certezas freudianas acerca do tema foram construídas de modo gradativo, caracterizando-se pelo abandono

e estabelecimento de novas hipóteses. Sua concepção de partida foi a da inocência da idade infantil, sendo as descrições de situações de sedução tomadas como atos precoces de estimulação. Dado o não entendimento das crianças do que lhes ocorria na época, somente no período da puberdade as lembranças se tornariam excitantes e traumáticas.

No ano de 1896 Freud levanta a hipótese quanto à existência de excitações sexuais na idade infantil. Cabe destacar que essas eram tomadas como auto eróticas, não sendo estabelecida ligação entre as excitações e os outros indivíduos. Nesse ano ele começa a se utilizar da expressão “zonas erotogênicas” numa carta endereçada à Fliess em 6 de dezembro. Almeja compreender as bases orgânicas dessas excitações. Detêm-se sobre as particularidades da boca e do ânus, bem como sobre a possibilidade da superfície do corpo como um todo ser tomada como fonte de estimulação. (Jones, 1970, p. 325)

Do período compreendido entre maio de 1893 a setembro de 1897 Freud manteve a opinião de que o fator gerador principal da histeria devia-se à sedução sexual de uma criança inocente por parte de um adulto. A frequência com que esses casos eram relatados gerava estranheza no médico vienense. Bem como os locais visados durante o ato, boca e ânus. Um sonho ocorrido no final desse período gerou em Freud a desconfortável certeza quanto a veracidade dessa hipótese. Na análise desse sonho ele identifica desejos incestuosos direcionados de sua parte à sua filha mais velha. (Jones, 1970, p.326)

Meses após essa que parecia uma “constatação”, ele percebe que devia mirar sua atenção para outro fator: o desejo incestuoso por parte dos filhos em direção aos pais. À revelia do desejo dos pais e de eventuais atos cometidos por estes o foco deveria ser outro. Tal mudança foi importante porque amplia a noção de realidade, de fatos

concretamente efetivados para a noção de realidade psíquica. Bem como para os aspectos traumáticos do fantasiar.

Cabe destacar que, nessa época, os desejos incestuosos e as fantasias eram concebidos como uma produção que ocorria, provavelmente, entre os oito e doze anos. Estes regrediam até o substrato registrado na primeira infância. Ou seja, não se originavam neste período inicial da infância. Em sua concepção havia nas crianças a capacidade de registrar de uma maneira incompleta atos sexuais por ventura observados ou algum comentário de teor sexual. Este conteúdo tornava-se significativo quando era reativado por fantasias sexuais geradas em anos posteriores. (Jones, 1970, p.326)

Para que Freud abandonasse essa concepção apoiada numa suposta inocência da infância foi necessário um trabalho árduo de combate às próprias resistências que durou por volta de cinco anos. O estabelecimento da certeza quanto à sexualidade infantil deve-se ao trabalho de autoanálise e ao trabalho de análise dos próprios sonhos. Com base na correspondência trocada com Fliess, pode-se afirmar que foi em julho de 1895 que Freud analisou exaustivamente um sonho seu. Dois anos após, em julho de 1897, este procedimento tornou-se regular.

Ao longo do presente texto comentamos acerca da pressão interna vivida por Freud no período que compreende a década de 1890. Esta se intensificou com o falecimento do pai de Freud em outubro de 1897. Assim, o trabalho de autoanálise ocorreu *pari passu* com a escrita da obra “A Interpretação dos Sonhos”. Nas palavras do psicanalista: “Revelou-se-me como uma parte da minha auto análise, como uma reação à morte de meu pai; quero dizer, uma reação ao acontecimento mais importante, à perda mais pungente que possa ocorrer na vida de um homem.” (1900/2006, p.31)

Ao longo desse processo de escrita, Freud defrontou-se com os registros de sua sexualidade atuantes no período de sua infância. O desejo voltado à sua mãe e, de forma negativa, direcionado ao seu pai. Ao desvelar o sentido de seus próprios sintomas neuróticos e de seus sonhos, Freud se deparou também com a força atuante da censura. Esta não somente induzia a retirada de conteúdos representativos da Consciência como também gerava um falseamento nesse mesmo conteúdo.

Cabe ressaltar que a forma estranha com que os conteúdos retirados da Consciência se apresentavam durante o processo associativo não se devia somente à censura. Esta decorre também do modo como as representações são tratadas na instância Inconsciente. Bem como a forma como estas representações se ligam aos afetos. Freud busca descrever os fenômenos com os quais se defronta considerando as particularidades do observador. Em um trabalho constante de alteridade e ipseidade. Ou seja, considerando o papel do outro em suas vivências e de si consigo mesmo.

Anzieu (1989, p. 31) expõe as principais noções clínicas e teóricas que orbitavam o trabalho freudiano em 1895. Neste conjunto estão presentes noções provindas de Charcot, Breuer e desenvolvidas pelo próprio Freud. Dos sessenta e cinco conceitos e fenômenos apresentados trinta e cinco foram elaboradas pelo desenvolvedor da psicanálise.

Destes fenômenos quatro se destacam no processo de formação dos sonhos. Denominado por Freud – o Trabalho do Sonho. O fenômeno da Condensação juntamente com o Deslocamento, a Figurabilidade (Representação por Imagens) e a Elaboração Secundária compõem os processos do trabalho psíquico que tem como produto esta Formação do Inconsciente.

Freud (1900/2006, p.289) ressalta que os esforços feitos por outros pesquisadores em descobrir o sentido dos sonhos não lograram sucesso por estes terem se detido no conteúdo manifesto dos sonhos. O psicanalista reivindica o ineditismo quanto a considerar algo além desse conteúdo. Assim, decorrente do trabalho de análise foi inserida uma nova classe de conteúdo entre o conteúdo manifesto e as conclusões interpretativas quanto ao mote onírico.

O conteúdo latente, também denominado pensamentos do sonho, se configura como o elo nessa cadeia de sentido. Alcançado o acesso a esses pensamentos foi necessário depreender as transformações que ocorrem no conteúdo latente e que culminam como o conteúdo manifesto do sonho. Sendo este, posteriormente, expresso como um relato verbal pelo sonhador.

A busca pelos fatores que influenciam a formação do sonho levou Freud e as autoridades, como referidas pelo psicanalista no primeiro capítulo de sua obra “A Interpretação dos Sonhos”, a caminhos diferentes. O termo em alemão *Sinn* foi utilizado pelos pesquisadores experimentais para definir os estímulos que atuariam como instigadores do sonho. Sejam internos ou externos, a noção de estimulação fez-se presente nas explicações dadas.

Ao longo da obra acerca da interpretação onírica, Freud analisa diversos tipos de sonhos, por conveniência, sonhos que se repetem, de crianças e adultos, de pessoas que estavam sob tratamento médico. Tal como um naturalista que compara diversos espécimes de fósseis, motivado a encontrar o elo que os une. O elo que viabilizaria a classificação dos diversos tipos de animais em Grupos, Família, Gênero e Espécie. Conforme dito anteriormente, está entre as críticas a esses pensadores a falta de

consenso quanto ao que efetivamente gera um sonho. Ou seja, eles não encontraram o elo que motiva as diversas produções oníricas. O denominador comum.

Com base na utilização do termo *Sinn* no contexto acadêmico frequentado por Freud, poder-se-ia afirmar que este remete à tradição das ciências da natureza. Todavia, propomos que este termo também faz referência a tradição das ciências do espírito. Configurando-se como um termo que condensa e manifesta a mudança no eixo identificatório freudiano, bem como se estabelece como um conceito chave para a abertura epistemológica ocorrida com a publicação da obra “Interpretação dos Sonhos”. Façamos então breve digressão no intuito de compreendermos a delimitação feita no ambiente acadêmico germânico entre as ciências da natureza e as ciências do espírito. As reflexões a seguir decorrem do aprendizado junto ao grupo de Pesquisa do Prof. Dr. Francisco Martins.

No campo clínico, Freud se deu conta do infinito do desejo humano. Da falta permanente e da voracidade humana com relação à sua dietética mental. Diante da amplitude das discussões desenvolvidas nos campos clínico, das ciências da natureza e das ciências humanas que atravessaram o século XX, Freud ficou na simplicidade aparente do termo *Sinn*. Este abrange as noções de sentido e sensação. Não se arriscou a criar uma teoria do símbolo, da semiótica, nem progredir em direção à filosofia das ciências e mesmo às Ciências do espírito (*Geistwissenschaft*).

Ficou com o geral e simples *Sinn*, facilmente traduzível em francês ou inglês por *sense* ou *sens*. O termo, em ambos, se pronuncia igual: *sense*. Senso para o português, termo demasiado genérico. Como indicamos anteriormente, o termo *Sinn* é polissêmico o suficiente para tracionar o restante dos campos supracitados. *A fortiori*, *Sinn* é uma palavra essencial na elucidação (*Deutung*) que os sonhos têm um sentido. Sentido que

clareamos agora abruptamente do ponto elevado que nos situamos como clínicos, juntamente com Freud e nossos pacientes. Explicitemos, usando os vocábulos na língua inglesa para evitar as ambiguidades do termo sentido em português.

Sentido como direção (*Direction* em inglês) envolvendo particularmente o corpo em movimento, para frente, para trás, para o lado, para a vertical, para a horizontal, aos saltos, em ritmos diversos, a partir de Freud, Binswanger(1935) chamava de ‘direção geral de sentido’ (*Bedeutungsrichtung*), presente no nosso entender em ‘Como vai você?’, pergunta do contato inicial do clínico e de todos nós na vida cotidiana compartilhada.(Martins, 2007) No caso, mediada à direção pela metáfora do caminho que comporta os verbos ir-vir por exemplo. Ir e vir não define, porém, a meta. Dá direção para frente, para trás, lado, aos saltos, aos avanços e recuos. A direção de sentido da existência tomada globalmente como (auto) mover-se. A poetisa explicita:

“Mude, mas comece devagar,/ porque a direção é mais importante/ que a velocidade./Sente-se em outra cadeira,/ no outro lado da mesa. /Mais tarde, mude de mesa./ Quando sair,/ procure andar pelo outro lado da rua./ Depois, mude de caminho,/ ande por outras ruas,/ calmamente,/ observando com atenção os lugares por onde/ você passa./ Tome outros ônibus./ Mude por uns tempos o estilo das roupas./ Dê os teus sapatos velhos./ Procure andar descalço alguns dias./Tire uma tarde inteira/ para passear livremente na praia,/ ou no parque,/ e ouvir o canto dos passarinhos./ Veja o mundo de outras perspectivas./ Abra e feche as gavetas/ e portas com a mão esquerda./ Durma no outro lado da cama.../ depois, procure dormir melhor.” [Clarice Lispector]

Sentido como sentir em ato (*Feeling*). Ou seja, enquanto acontecimento, no presente contínuo como uma experiência primeira que, quando pensada, se faz na maneira então de sentimento ou substantivação do que ocorreu. Mário Quintana, em Sentir Primeiro:

“Sentir primeiro, pensar depois/ Perdoar primeiro, julgar depois/ Amar primeiro, educar depois/
Esquecer primeiro, aprender depois/ Libertar primeiro, ensinar depois/ Alimentar primeiro,
cantar depois/ Possuir primeiro, contemplar depois/ Agir primeiro, julgar depois/ Navegar
primeiro, aportar depois/ Viver primeiro, morrer depois.”

Sentido como sentimento (*Feeling of*), ou seja, o sentir como significado, substantivado já como uma reação do que ocorreu. Camões assim definia o semantema amor: “Amor é fogo que arde sem se ver; É ferida que dói e não se sente; É um contentamento descontente; É dor que desatina sem doer.”

Sentido como significado ou sema (*Meaning*), i.e. o sentido como parte de um signo ideia:

“Ao contrário do que em geral se crê, sentido e significado nunca foram a mesma coisa, o significado fica-se logo por aí, é directo, literal, explícito, fechado em si mesmo, unívoco, por assim dizer; ao passo que o sentido não é capaz de permanecer quieto, ferveilha de sentidos segundos, terceiros e quartos, de direcções irradiantes que se vão dividindo e subdividindo em ramos e ramilhos, até se perderem de vista, o sentido de cada palavra parece-se com uma estrela quando se põe a projectar marés vivas pelo espaço fora, ventos cósmicos, perturbações magnéticas, aflições.” (José Saramago, *Todos os nomes*).

Sentido como significação (*Signification*, significação no plano da frase e do texto) e não mais somente no plano de uma palavra tal como no item anterior. Como ocorre na ironia clássica: “Pai, afasta de mim este cálice, de vinho tinto de sangue”. Cálice primeiro é uma taça, uma copa sagrada. Depois do “vinho tinto de sangue” é o ‘cale-se’ da ditadura. Encadeando-se com o restante dos versos de Chico Buarque o Pai seria não mais Deus, mas uma autoridade decaída, um suposto pai da pátria que deveria afastar o derramamento de sangue dos seus filhos, seus compatriotas.

Sentido como o conceito (*Das Begriff*) tão presente em Husserl e no plano da formulação dentro de um campo teórico como uma ideia abstrata, uma concepção que via de regra se articula dentro de uma teoria que no grego antigo significava contemplação (*Theoreia*). É assim uma noção geral que traciona, não obstante, todo pensar. Ele envolve áreas lógicas, mas também conceitos da vida cotidiana que são altamente complexos, com circulação em diversas teorias. O conceito de número, por exemplo. O de Liberdade é outro que conduziu também, em nome do conceito, a tantas atrocidades. E pedidos: “Liberdade, liberdade abre as asas sobre nós” (Hino Proclamação da República).

Sentido como modalidades da experiência sensorializada (sensation) dos diversos tipos de sensações. Ou seja, o sentido do olfato, odor per se e dos demais tipos de sensações. O poeta Cartola certamente conhecia a fragrância das rosas e então elas falam pelo perfume que lhes é roubada por quem as sentiu:

“Queixo-me às rosas, Mas que bobagem/ As rosas não falam/ Simplesmente as rosas exalam/
O perfume que roubam de ti, ai.” Segundo Cartola o cantor Roberto Carlos não quis gravar sua canção, devido ao verso “por que as rosas não falam”. Realmente elas não falam, somente exalam.

Sentido como bom senso (conformidade com o costume usual). Quando o termo sentido indica logicamente se aquilo está se compondo bem no conjunto e está fazendo sentido ou é insensato.

A tradução por ‘Razão e Sensibilidade’ do romance de Jane Austen ‘*Sense and Sensibility*’ conota bem *Sense* como o que tem a razão, a ponderação, frequentemente confundido com o normal, o saudável.

Sentido como sensibilidade na base da empatia (*Sensibility*). Logo que alguém pergunta se o que o outro foi sentido similarmente, se ele foi sensível a, se teve igual sensibilidade. De Lupicínio Rodrigues, Você sabe o que é ter um amor meu senhor...?: “(...) Há pessoas com nervos de aço/Sem sangue nas veias e sem coração/Mas não sei se passando o que passo/Talvez não lhe venha qualquer reação”.

Na demonstração acima, certamente não exaustiva, vemos que o sentido é atribuído sempre com a presença de uma mente. Ato complexo que coloca em ação o sujeito e os seus outros co-partícipes, a situação de produção incluindo assim o cenário com as suas diversas paisagens e o sistema de referências, com relação ao tempo, a pessoa e ao espaço que o sujeito já traz consigo, seja em memória representativa ou em atividade procedural - andamos de bicicleta em automatismo e surdo-mudos o fazem sem necessariamente compartilharem o significado (*Meaning*) – que se articulam produzindo sentido. A pessoa tem a posse do procedimento mas não necessariamente se expressa sintaticamente, por exemplo, “Eu estou andando de bicicleta”. A atividade consciente necessariamente resulta como parte fugaz da vasta atividade que se passa inconscientemente. A produção de sentido é a parte mais marcante da vida em sociedade.

Freud não tomou o rumo de argumentos das teorias que descrevemos em cada um dos nove itens. Optou pela sua formação de cientista e pela nomenclatura de Kant acerca da Psicologia, em especial usando, ao seu modo, o termo representação (*Vorstellung*). Não obstante, é marcada a presença do dinamismo pulsional, do devir humano, enfim, do ato. Seja de comportamento, pensamento, e de significado semântico. Freud utiliza o que conhecia para dar conta daquilo que formalizou como o Inconsciente pulsional.

No seu rastro, se formaram novas formas de interpretar e metaforizar acerca das descobertas freudianas. Compondo-se ramificações teóricas diferentes, influenciadas por aspectos políticos e, naturalmente, pela neurose de seus autores. Estes esforços de lidar com a riqueza da clínica e, por que não dizer, da vida levou o saber psicanalítico a se aproximar de outros campos de produção do conhecimento. Mesmo sem todas essas teorias, Freud atravessou seu tempo e a Psicanálise se estabeleceu. E mais importante ela, independente de seu criador, assimilou contribuições vindas dos campos semióticos que aproveitamos para estudar sem depreciar estas teorias nem a psicanálise. A psicanálise criada por Freud se restringe e se delimita também na sua humildade face à imensidão do saber e problemas humanos.

CAPÍTULO 2. APLICAÇÃO DO MÉTODO AO SONHO MONOGRAFIA

BOTÂNICA E O SEU SENTIDO

2.1. O CONCEITO DE CONDENSAÇÃO E O SONHO MONOGRAFIA

BOTÂNICA

A existência da diferença no modo de lidar com as representações possibilitou a inferência das regras de funcionamento das diferentes instâncias psíquicas e a reconstrução do trabalho psíquico que culmina com o surgimento do sonho. Tal processo foi denominado por Freud como “Trabalho do Sonho”. Assim, o conteúdo dos pensamentos latentes e o conteúdo manifesto consistem em duas versões do mesmo conteúdo que se apresenta de forma diferente. A comparação entre essas versões evidencia o alto grau de condensação aplicado aos pensamentos latentes.

“Em regra geral, subestima-se o volume de compreensão ocorrido, pois fica-se inclinado a considerar os pensamentos do sonho trazidos à luz como o material completo, ao passo que, se o trabalho de interpretação for levado mais adiante, poderá revelar ainda mais pensamentos ocultos por trás do sonho. Já tive ocasião de assinalar [ver em [1]] que, de fato, nunca é possível ter certeza de que um sonho foi completamente interpretado. [1] Mesmo que a solução pareça satisfatória e sem lacunas, resta sempre a possibilidade de que o sonho tenha ainda outro sentido. Rigorosamente falando, portanto, é impossível determinar o volume de condensação.” (Freud, 1900/2006, p. 305)

O mecanismo de Condensação gera implicações na interpretação acerca do modo com que o tempo e o espaço são vivenciados durante o sonho. Freud levanta uma possível objeção quanto a impressão que o sonhador possui de que sonhou bastante e pouco se lembra. Ou seja, que o sonho teve uma longa duração temporal ou visitamos vários locais durante o sono. Sob essa ótica o sonho que lembramos seria apenas um fragmento e que caso conseguíssemos nos lembrar de todo o sonho, haveria igualdade entre a extensão do conteúdo manifesto e o latente.

O psicanalista relativiza essa afirmação considerando que realmente caso escrevamos o sonho logo após acordar, ele se apresenta com uma maior quantidade de detalhes. Todavia, na defesa da invariabilidade da ocorrência do fenômeno da condensação está a quantidade de representações ligadas a cada fragmento individual do sonho.

Outro aspecto evocado por Freud, como possível ponto de objeção à consistência teórica e prática acerca da existência dos pensamentos latentes, concerne à possibilidade de sua presença no momento de configuração do sonho ou se sua geração ocorre durante a análise. Freud concorda que algumas conexões parecem ser formadas ao longo do processo associativo durante a análise. Contudo, ele é categórico ao afirmar que essas novas ligações apoiam-se em vias de ligação mais profundas. Após o aparente afastamento das representações do conteúdo manifesto reencontram-se ideias presentes no sonho.

Freud (1900/2006, p.305) inicia a descrição e delimitação do fenômeno condensação por meio da análise do Sonho Monografia Botânica. Ele justifica o seu interesse por esse sonho pelo fato deste fenômeno ter ocorrido em larga escala neste sonho. Antes de nos aprofundarmos no estudo deste sonho, cabe ressaltar que ele também é utilizado para exemplificar os seguintes fenômenos relacionados à interpretação dos sonhos:

- A presença de restos diurnos compondo os sonhos;
- De material proveniente da vivência corporal infantil;
- Do fenômeno da Condensação;
- Do fenômeno de Deslocamento; e

- Repressão dos afetos no sonho.

Com base na diferença entre o volume do material que se apresenta no conteúdo manifesto e aquele que é produzido na associação livre compondo os pensamentos latentes o processo de condensação configura-se como um fato inegável. Todavia, o interesse freudiano não se detém nesta constatação. Inicialmente ele propõe que a não apresentação de todo o conteúdo latente no sonho caracteriza uma omissão. Isso nos leva a outro questionamento: quais são as condições que determinam a seleção dos conteúdos que se apresentam?

A busca pela resposta apoia-se na análise do Sonho Monografia Botânica, no qual o fenômeno de condensação se apresentou em larga escala. Anzieu (1989, p. 186) acredita que o sonho tenha sido vivenciado na noite de 8 para 9 ou na de 9 para 10 de março de 1898. Isso com base na troca de correspondências entre Freud e seu então amigo Fliess. Este lhe envia uma carta em que afirma se imaginar folheando o livro concluído de Freud acerca dos sonhos. Na noite em que recebe essa carta, Freud tem o sonho da Monografia Botânica. No dia 10 de março o psicanalista responde a carta do amigo de Berlim.

Desde o início de fevereiro de 1898 o psicanalista se dedica à escrita de sua obra acerca dos sonhos. Avança de modo fecundo até as férias do verão de 1898, diminui a rotina de sua produção e a retoma progressivamente a partir de meados de janeiro de 1899, finalizando a redação no início de setembro de 1899.

No período inicial do ano de 1898 Freud havia abandonado a auto análise sistemática e intensiva. Analisa ocasionalmente seus sonhos, sendo larga quantidade dos sonhos que compõem os exemplos presentes na obra “A Interpretação dos Sonhos” vivenciados nessa época. Conforme dito, o sonho monografia botânica serviu como

exemplo de vários fenômenos relacionados à interpretação onírica. Tomando como roteiro a relação de fenômenos apresentada na página anterior, em que o sonho monografia botânica serviu de exemplo, iniciemos nossa exposição com os restos diurnos que compuseram o trabalho deste sonho.

2.2. OS RESTOS DIURNOS DO SONHO MONOGRAFIA BOTÂNICA

Os restos diurnos concernem aos elementos do estado de vigília do dia anterior que compõem o conteúdo manifesto do sonho. Esses elementos podem ser ideias, palavras ou pessoas representadas que de certo modo caracterizam o desejo inconsciente motivador da produção onírica ou se ligam a este por aspectos associativos sonoros ou imagéticos. A discussão quanto à pertinência do papel desempenhado pelos conteúdos provenientes do estado de vigília antecede à concepção freudiana do trabalho do sonho. No primeiro capítulo ele cita pesquisadores que se debruçaram sobre este aspecto, enquanto alguns negam, como Strümpell, outros afirmam a importância desses resíduos na formação dos sonhos:

“Strümpell (1877, 16) escreve...uma obra ampla e merecidamente tida em alta estima: “O homem que sonha fica afastado do mundo da consciência de vigília.” E também (ibid., 17): “Nos sonhos, nossa recordação do conteúdo ordenado da consciência de vigília e de seu comportamento normal vale tanto como se estivesse inteiramente perdido.” E de novo (ibid., 19) escreve que “a mente é isolada, nos sonhos, quase sem memória, do conteúdo e assuntos comuns da vida de vigília”.” (1900/2006, p.57)

Na pesquisa feita por Freud a quantidade de autores que afirmam a importância dos conteúdos residuais do estado de vigília é maior. Abrange pensadores considerados sábios da antiguidade e da cultura ocidental. Vejamos:

“Assim, diz Haffner (1887, 245): “Em primeiro lugar, os sonhos dão prosseguimento à vida de vigília. Nossos sonhos se associam regularmente às representações que estiveram em nossa

consciência pouco antes. A observação acurada quase sempre encontra um fio que liga o sonho às experiências da véspera.” Weygandt (1893, 6) contradiz especificamente o enunciado de Burdach que acabo de citar: “Pois muitas vezes, e aparentemente na maioria dos sonhos, pode-se observar que eles de fato nos levam de volta à vida comum, em vez de libertar-nos dela.” Maury (1878, 51) apresenta uma fórmula concisa: “Nous rêvons de ce que nous avons vu, dit, désiré ou fait”; enquanto Jessen, em seu livro sobre psicologia (1855, 530), observa mais extensamente: “O conteúdo de um sonho é, invariavelmente, mais ou menos determinado pela personalidade individual daquele que sonha, por sua idade, sexo, classe, padrão de educação e estilo de vida habitual, e pelos fatos e experiências de toda a sua vida pregressa.” (1900/2006,p.58)

E ainda:

“A mesma concepção foi adotada na Antigüidade quanto à dependência do conteúdo dos sonhos em relação à vida de vigília. Radestock (1879, 134) relata-nos como, antes de iniciar sua expedição contra a Grécia, Xerxes recebeu judiciosos conselhos de natureza desencorajadora, mas foi sempre impelido por seus sonhos a prosseguir, ao que Artabanus, o velho e sensato intérprete persa dos sonhos, observou-lhe pertinentemente que, via de regra, os quadros oníricos contêm aquilo que o homem em estado de vigília já pensa.

Cícero (De divinatione, II, lxxvii, 140) escreve exatamente no mesmo sentido que Maury tantos anos depois: “*Maximeque reliquiae rerum earum moventur in animis et agitantur de quibus vigilantes aut cogitavimus aut egimus.*” [Tradução nossa: E acima de tudo assistindo os restos ou a explicação dos assuntos e questões chave mal resolvidas pelo pensamento.] (1900/2006, p.58)

Conforme dito Freud se posiciona ao lado dos autores que consideram pertinente o papel desempenhado por este conteúdo na formação onírica. No dia que precede o sonho da Monografia Botânica Freud, além de ter recebido a carta de Fliess em que este afirmava conseguir ver o escrito freudiano sobre os sonhos diante de si, ele se detém em frente a uma vitrine que destaca uma monografia recém lançada sobre o gênero Ciclâmen. (Anzieu, 1989, p. 187)

No período da tarde encontra-se com seu amigo Königstein, nesta conversa foi discutida a publicação da revista científica *Festschrift, 30 Jahre experimentelle pathologie* na qual se comemoram trinta anos de pesquisas experimentais em patologia. Em setembro de 1884, quando Freud havia saído de férias, Koller e o assistente Dr. Gartner, cujo nome em alemão traduz-se como jardineiro, realizaram experiências acerca do uso da cocaína como anestésico local na região ocular. Tal experimento foi coroado de êxito, fato citado na publicação, todavia, não é feita referência à participação de Freud ao longo da pesquisa.

Durante essa conversa Freud cita problemas na remuneração referentes a serviços médicos prestados a uma paciente chamada Flora e de uma outra cliente antiga. Esta, por sua vez, próxima de sua esposa Martha. Esta cliente é citada em outra ocasião ao longo da obra freudiana por uma situação na qual o marido rompe com o hábito de presentear-lhe com flores no dia de seu aniversário. O esquecimento do marido é interpretado pela esposa como um decréscimo da estima do marido.

A amistosa conversa é interrompida pela chegada do Prof. Gartner acompanhado de sua jovem esposa. Freud os cumprimenta pela sua jovialidade e pelo seu aspecto “florescente”. Subjaz à conversa entre Freud e Königstein o não reconhecimento pelo esforço realizado. E, ao longo do dia, remanesce em Freud uma inquietação quanto a realização de sua obra sobre a interpretação dos sonhos. Ela iria trazer a notoriedade desejada por Freud

Estas situações adquirem destaque no processo associativo freudiano devido, também, ao momento vivido por ele em seu casamento. Freud se repreende por raramente dar de presente à Martha, Ciclâmen, sua flor favorita. Neste ponto ele se identifica com o marido que se esqueceu de dar flores à esposa. A metáfora dos genitais

como análogos às flores se atualiza na rede de pensamentos evocados pelo trabalho do sonho. Desse modo, tem-se no gesto de dar flores um eufemismo para o ato sexual. Em carta, Freud afirma ao amigo Fliess que se sente envelhecer. Procurando sua esposa numa frequência menor.

“Pode-se, pois, supor o seguinte sentido para o sonho: certamente, tenho menor desejo sexual por Martha; entretanto, sou capaz de escrever importantes monografias (sobre a cocaína, sobre a histeria e logo sobre o sonho, em outras palavras, sobre a sexualidade); aliás, com seis filhos, já dei minhas provas.” (Anzieu, 1989, p. 189)

Esse aspecto do sonho emerge como uma justificativa freudiana para sua produtividade e potência criadora. Sendo as “provas” de sua virilidade a quantidade de filhos, bem como suas realizações no âmbito acadêmico e clínico. Suas monografias acerca da utilização da cocaína e suas pesquisas apoiadas no atendimento clínico das pacientes histéricas, cujo sofrimento apoia-se sobre questões amorosas.

Tem-se dessa maneira a condensação de diversas representações de monografias, a saber, monografia acerca dos usos da cocaína para fins terapêuticos; monografia sobre as afasias; monografia sobre os sonhos, esta folheada imaginariamente por Fliess; monografia composta por estudos sobre histeria, escrita em parceria com Breuer; e monografia observada em uma vitrine na manhã do sonho.

Com base na análise dos restos diurnos percebe-se outra rede de associações que se unem à imagem da flor. Vejamos, a flor Ciclâmen, preferida de Martha; a flor Alcachofra, preferida por Freud; as flores esquecidas pelo marido; a jovem esposa do Dr. Gartner na “flor da idade”; e a flor objeto do estudo da monografia de botânica visualizada na vitrine por Freud.

Desse simbolismo desdobra-se a analogia, ou melhor, a transposição de sentido para outra rede de significados, a saber, a flor como genital. Nesse contexto, desvela-se como flor os genitais de todos os que surgem no processo associativo. E ainda, como dissemos, o ato de dar flores e recebe-las configura-se como uma outra forma de se referir ao ato sexual, sua ausência ou frequência.

O sonho Monografia Botânica é referido três vezes ao longo da obra Interpretação dos Sonhos. A primeira delas aparece no capítulo cinco, o qual trata do material que compõem as fontes dos sonhos. A segunda citação ocorre quando Freud discute o papel das vivências infantis na formação dos sonhos. A terceira citação ocorre na seção 1 do capítulo 6. Nesta citação apresenta-se de modo aprofundado o fenômeno de Condensação. São dadas três versões diferentes do relato do sonho, a saber:

- a. “Eu tinha escrito uma monografia sobre uma certa espécie (indistinta) de plantas.” (1900/2006, p.117)
- b. “Eu tinha escrito uma monografia sobre uma certa planta. O livro está diante de mim, estou virando uma prancha dobrada. Em cada exemplar está preso uma espécime dessecado da planta, como vindo de um herbário.” (1900/2006, p.118)
- c. “Eu escrevi uma monografia sobre uma planta (de espécie indeterminada). O livro está diante de mim, estou virando uma prancha colorida dobrada, um espécime dessecado da planta está preso ao exemplar.” (1900/2006, p.191)

As diferentes versões expressam não somente recortes feitos por um autor na intenção de ser sucinto na exemplificação de conceitos teóricos. Indicam, principalmente, o Eu freudiano em conflito com suas pulsões e a forma defensiva com que se comporta ante ao conteúdo recalcado que é desvelado por meio de sua auto

análise. A defesa neurótica freudiana se expressa por meio de alusões, por exemplo, “uma certa espécie de planta”, “uma certa planta” e “uma monografia”.

Conforme dito, a escrita da obra a *Interpretação dos Sonhos* não foi realizada de modo ininterrupto. Concomitante à escrita Freud confrontou-se com seu próprio *Aqueronte*. A interpretação desse sonho trouxe um novo impulso à escrita de sua obra. Com ele, o psicanalista descobre que os desejos reprimidos da véspera somente tem força para produzir um sonho quando este se associa a um desejo reprimido da infância. Passemos então ao estudo das vivências corporais infantis ligadas aos restos diurnos e articuladas ao desejo infantil freudiano.

2.3. O MATERIAL PROVENIENTE DA VIVÊNCIA CORPORAL INFANTIL

Ao longo de sua auto análise e da análise das associações livres de suas pacientes, Freud percebeu algo paradoxal quanto às recordações de fatos ocorridos na infância. Fatos importantes não são retidos na memória, enquanto que lembranças aparentemente insignificantes se apresentam de modo nítido e claro. Estas lembranças são denominadas encobridoras por encobrir experiências sexuais recalcadas ou fantasias. Do mesmo modo que os sintomas, as lembranças encobridoras caracterizam-se como uma solução de compromisso entre os elementos retirados da consciência e a defesa. (Laplanche, 2001 p.264)

As vivências corporais infantis concernem à pré-história do sujeito. Remontam a experiências de contato com o mundo do adulto numa fase em que ainda não havia a posse da capacidade de se expressar por meio do sistema sintático da língua materna. Estes traços marcam o psiquismo dos bebês e das crianças de tenra idade configurando-se como fontes de estimulação que posteriormente serão significadas e ressignificadas

por meio do sistema de fala. Freud relata uma lembrança de sua infância que se articula com o conteúdo apresentado no sonho monografia botânica.

“Meu pai entrega-se um dia a uma brincadeira: entrega para a destruição, confiando a mim e a minha irmã mais velha, um livro com pranchas em cores (descrição de uma viagem à Pérsia). No plano pedagógico, é difícil de justificar. Eu tinha então cinco anos, minha irmã menos de três e a imagem de nós dois, crianças, no cúmulo da alegria, desfolhando este livro, folha por folha (como uma alcachofra) (devo dizer) é praticamente a única que me restou como lembrança plástica deste período de minha vida. Depois, quando me tornei estudante, desenvolveu-se em mim uma predileção manifesta por colecionar e possuir livros (análoga à tendência de estudar em monografias, uma paixão favorita, como a que nos pensamentos do sonho já aparece no que se refere ao Ciclâmen e à alcachofra). Torno-me um rato de biblioteca (*Bücherwurm*) (Cf. *Herbarium*). Desde que penso sobre mim, sempre revivo esta primeira marotagem de minha vida, com esta impressão de criança ou melhor dizendo, reconheço que esta cena infantil é uma “recordação encobridora” de minha bibliofilia ulterior. Naturalmente, aprendi cedo que as paixões [*Leidenschaften*] nos conduzem facilmente aos sofrimentos [*Leiden*]” (1900/2006, p.120)

Nesta lembrança Freud evoca a origem de sua paixão por livros. Esta apoia-se na permissão dada por Jacob para que Freud e sua irmã destruíssem um livro com pranchas coloridas. O livro é desfeito folha por folha. Subjaz à descrição da cena o prazer sexual com que Freud destrói o livro. Percebe-se desse modo, a conjugação do impulso sexual e destrutivo para os livros e a motivação freudiana em colecionar livros. Durante o relato da cena o psicanalista evoca elementos associados aos restos diurnos discutidos na seção anterior, livros e monografias.

As representações das folhas dos livros condensam-se com as das flores favoritas de Freud e Martha. O neologismo “desfolhar” permite-nos entender a condensação ocorrida nas folhas do livro, flores e genitais. “Desfolhar” o livro, e

deflorar, como metáfora para o ato sexual vivenciado com alguém do sexo oposto e mais jovem. Este aspecto nos remete a outra lembrança encobridora freudiana que foi analisada no início de 1899. Nesta, Sigmund e John, seu irmão, “arrancam as flores” da jovem Pauline. Tem-se assim a ocorrência do desejo incestuoso que busca se realizar por meio de jogos sexuais com sua irmã, na situação do livro, e sua sobrinha Pauline.

No relato do sonho Freud diz “O livro está diante de mim, estou virando uma prancha colorida dobrada..”. O ato de abrir a prancha é uma racionalização do ato de abrir o sexo de uma jovem. O mesmo sexo em que o menino imagina a realização de sua castração. Outro aspecto que ressalta a alusão à função reprodutiva é o costume de explicá-la por meio de exemplos botânicos.

“Antes de ver, em Leipzig, pelos três anos e meio, sua mãe nua e de sentir uma emoção erótica, Sigmund em Freiberg viu o “ciclâmen” de Pauline, flor cuja seguinte descrição, retirada por nós de um livro de botânica, dispensa qualquer comentário (lembramos que “ciclo” designa uma forma de folhas e de flores): o ciclame tem folhas verdes com largos pecíolos avermelhados e uma flor rosa carminada.” (Anzieu, 1989, p.192)

Anzieu (*idem*) destaca o aspecto inusitado da permissão dada por Jacob. Haja vista o fato deste ser um autodidata e leitor costumado. Ressalta também o respeito conferido pelos judeus aos livros, não se põe no chão nem os rasga. Outra lembrança evocada pelo processo associativo concerne a uma repreensão do pai por suas compras desconsideradas de obras literárias. Subjaz ao sonho uma crítica ao pai por ter permitido a ele desperdiçar um livro, destruindo-o, e ter reclamado por ele desperdiçar dinheiro comprando muitos livros. De certo modo, o sonho monografia botânica retoma as pesquisas freudianas acerca do complexo de Édipo e da sexualidade infantil.

Cabe ressaltar a condensação da representação de Jacob e Fliess. No dia anterior ao sonho, Freud recebe uma carta do amigo afirmando conseguir ver o livro acerca dos

sonhos finalizado. Fliess observa, como o pai do psicanalista que também observou o livro ser destruído. Mais ainda, com as constantes cartas trocadas entre ambos e o estímulo dado a Freud para que continuasse, Fliess dá permissão ao amigo para que de vazão às suas ideias e furor criativo. De modo análogo ao pai que permite a destruição do livro.

Com a profundidade das lembranças evocadas percebe-se a desconsideração por parte do Inconsciente do Princípio da não-contradição. A formulação deste princípio remete à obra de Parmênides que afirma que “o ser é” e o “não ser não é”. Ou seja, afirma que algo não pode ser o seu oposto. Havendo um impedimento lógico e ontológico caso se opte pela sua existência. Por meio da associação livre emerge a condensação da ideia do livro “ser” escrito por Freud, existir, e o “não ser” deste, sua destruição, a destruição do livro infantil e o fracasso ao escrevê-lo.

Conforme vimos, durante a época da escrita da obra “A Interpretação dos Sonhos” Freud gradativamente descobria as leis de funcionamento do Inconsciente e descrevia os fenômenos sob a égide destas. Estamos em meados da década de 1890 no limiar do ano de 1900. Um período em que Freud se debruça num esforço de ipseidade navegando no próprio Aqueronte.

Façamos uma breve digressão ao ano de 1915, durante o qual foi publicado o artigo “O Inconsciente”. Neste Freud delimita nocionalmente conceitos, fato que nos permite considerar como uma nova etapa de desenvolvimento do saber psicanalítico. De nosso interesse, são os conceitos de Representação Coisa e Representação Palavra.

A diferença entre esses dois tipos de representação consiste no fato de que a primeira deriva da coisa e é essencialmente visual, enquanto que a segunda deriva da palavra e é essencialmente acústica. A forma como essas representações se apresentam

apoia-se também sob um aspecto tópico. A conexão entre as Representações Coisa e Palavra caracteriza o sistema Pré-Consciente-Consciente. Concomitante a isso, a Representação Coisa concerne à instância Inconsciente. (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 450)

Olhando para a análise do Sonho Monografia Botânica, munidos desses conceitos, cabe a ressalva, não amadurecidos na época da escrita da obra “Interpretação dos Sonhos”, poder-se-ia afirmar que como Representação Coisa o termo Ciclâmen remete ao desejo incestuoso e à curiosidade sexual infantil, expressa pelo impulso de olhar os genitais femininos. Como Representação Palavra nos leva à concepção de ciclo, tal como Fliess expôs em sua teoria dos períodos corporais dos homens e das mulheres. O psicanalista ainda o designaria como “Cíclope”, aquele que vê ciclos em todo lugar. (Anzieu, 1989, p. 197)

Tal como Fliess que se dedica à teorização da associação entre os números e os ritmos corporais, Freud também se resguarda o direito de se dedicar a elaboração de seu livro sobre os sonhos. Nessa atitude, Freud se identifica ao marido que se esqueceu de dar flores à esposa, evidenciando uma mudança no papel desempenhado pelo amigo. Freud diminui sua correspondência com o amigo e começa a relativizar a genialidade anteriormente atribuída a Fliess. Em uma metáfora cotidiana pode-se afirmar que “Freud está virando a página”.

2.4. O MECANISMO PRIMÁRIO DE CONDENSAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O SENTIDO

O conteúdo manifesto caracteriza-se pela concisão enquanto os pensamentos subjacentes ao sonho caracterizam-se por longas tramas. Conforme vimos, por meio da utilização do Método de Associação Livre, a análise dos elementos que compõem o relato do sonho evidencia o alto grau de concisão a que foram submetidos os pensamentos do sonho. Lembranças familiares, vivências corporais infantis e restos diurnos são trazidos do rio Oblívio, o rio do esquecimento, e transformados no produto onírico. O método desenvolvido por Freud mostra a existência de uma cadeia de motivações e sentidos subjacentes ao conteúdo manifesto.

Freud (1900/2006, p. 303) assinala que, majoritariamente, os equívocos proferidos pelos pesquisadores que se debruçaram sobre a questão dos sonhos deveu-se ao fato de terem buscado uma resposta apoiando-se somente no conteúdo manifesto dos sonhos. Ou seja, com base no conteúdo que remanesce na memória do sonhador. O conteúdo manifesto configura-se como resultado do trabalho do sonho, enquanto que o desvelar da rede de pensamentos latentes consiste no trabalho de elaboração que tem como direção a interpretação.

O trabalho psíquico de formação dos sonhos, trabalho do sonho, é composto por duas operações, a saber, produção dos pensamentos oníricos e a transformação destes no conteúdo manifesto do sonho. De modo estrito este último consiste no trabalho do sonho. Freud discrimina quatro mecanismos neste processo: Condensação, Deslocamento, Consideração da Figurabilidade e Elaboração Secundária.

Cabe destacar que o trabalho do sonho não consiste num trabalho criativo, nas palavras de Freud: “...tudo que encontramos nos sonhos, como atividade aparente da

função de julgamento [cálculos, discursos], deve ser considerado não como uma operação intelectual do trabalho do sonho, mas como pertencente ao material dos pensamentos do sonhos.”(Freud, 1900/2006,p.220)

Tal afirmação delimita o modo de funcionamento Inconsciente e Pré-Consciente/Consciente. A particularidade na forma de lidar com as representações pelas diversas instâncias é responsável também pela diferença existente na apresentação do conteúdo manifesto na teia de pensamentos latentes. Tais processos são úteis à censura. Ou melhor, esta utiliza das regras do modo de funcionamento primário em seu benefício próprio.

A concisão onírica é atribuída por Freud ao fenômeno da Condensação (*Verdichtung*). Conforme vimos nas seções passadas, tendo como base o sonho Monografia Botânica, a figura de Freud, durante o sonho, está diante do livro. Sua figura sobrepõe-se às representações do amigo Fliess, do pai Jacob, de Königstein e Koller e do Dr. Gartner. Tal condensação é viabilizada pelo investimento libidinal nessas figuras, bem como pelo processo de identificação. Este consiste no:

“Processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações.” (Laplanche & Pontalis, 2008, p. 226)

A Condensação também é responsável pela formação de imagens compostas ou figuras coletivas. No relato onírico tem-se que durante o sonho Freud está defronte à imagem de um livro. Da aplicação do método associativo desvelou-se que este livro, aparentemente indeterminado, consistia também no livro infantil destruído por Freud e

sua irmã, seu livro sobre sonhos, a monografia botânica observada na vitrine e a monografia sobre o uso terapêutico da cocaína.

Poder-se-ia fazer a ressalva de que como na lembrança infantil da destruição do livro Freud atribui sua bibliofilia posterior, é possível afirmar que o livro folheado no sonho consiste em todos os livros a que Freud teve ou não acesso, escreveu, escreveria ou nunca escreveria. Tal atribuição funciona e evidencia o processo defensivo neurótico freudiano, tornando a referência ao “livro” uma alusão. Tornando indistinta a imagem do livro representado no conteúdo manifesto.

Dito de outro modo, a condensação das diversas representações forma uma imagem composta. Nestas são agrupados traços característicos de várias pessoas numa única imagem onírica. Esse mecanismo de formação de imagens nos remete às metodologias técnicas utilizadas pelo antropólogo e estatístico Francis Galton (1822-1911). Juntamente com Edmund Du Cane (1830-1903), presidente da Comissão de Penitenciárias e chefe do serviço de carceragem, desenvolveu pesquisas que almejavam prevenir crimes antes que estes acontecessem. Eles acreditavam que a cada categoria de crime correspondia uma fisionomia específica de delinquente, nas palavras de Du Cane:

“Existiriam, portanto, as feições típicas de um ladrão, de um estuprador, de um assassino... Caso fosse possível identificar essas feições, o autor de um crime poderia ser isolado entre vários suspeitos. E, mais ainda, se um futuro assassino já possuía o estigma de seu crime no rosto, deveria ser mantido sob vigilância... As forças da ordem seriam bem mais eficientes exercendo um controle reforçado sobre a população de risco”. (Galton Papers Archives)

Como método de trabalho, eles uniam as fotos de diversos criminosos em apenas uma foto, ou seja, as iam sobrepondo. Desse modo, as características comuns aos diversos delinquentes eram reforçadas, dando origem, supostamente, à figura do transgressor "padrão". Posteriormente, esses dois pesquisadores foram criticados e

acusados de defenderem uma modalidade de eugenia pelo fato de ignorarem fatores econômico-sociais. Todavia, a técnica de *composite* de imagens faciais se mantém, seja nos sonhos, seja no âmbito das artes plásticas.

Haja vista a exigência a que se submetem os pensamentos latentes, a saber, de sofrerem seleções e alterações com a finalidade de se tornarem aptos a serem representados por imagens, o processo de formação de imagens compostas guarda analogia com a consideração à Figurabilidade. Tal processo direciona os deslocamentos para os substitutos figurados estabelecendo o elo entre uma noção abstrata e uma imagem sensorial. Por exemplo, o deslizar do termo “aristocrata” para “altamente colocado” suscetível de ser representado por uma “alta torre”. (Laplanche & Pontalis, 2008, p. 189)

Freud (1900/2006, p.312) cita as pesquisas efetivadas por Silberer que evidenciam esse processo de transformação dos pensamentos que ocupam a mente no estado de vigília em imagens no sonho. Quando se encontrava em forte desgaste físico e mental impunha-se uma intensa atividade intelectual. Durante o adormecer da consciência, sonhava. Posteriormente o conteúdo que remanesca ao acordar era comparado aos últimos pensamentos que antecederiam ao sono.

Tal processo foi por ele denominado de “auto simbólicos”. Do estudo desse processo verificou-se que emergia um simbolismo onírico compartilhado socialmente, fundado em alusões e substitutos verbais apoiado nas lendas e expressões populares. Freud tem ressalvas quanto ao termo “auto simbólico” e reafirma que essas substituições não caracterizam a produção de algo original. Além de que, para que seja realizada a interpretação do sonho, não basta consultar um dicionário dos sonhos ou se

deter às representações culturais atribuídas a determinado elemento que surge no sonho, é necessária a associação livre de quem sonhou.

Caso tomemos o termo símbolo com base em sua raiz etimológica grega, *Symbolon*, perceberemos que esta traz a noção de dois elementos que se unem evocando um entendimento. No sentido amplo do termo símbolo, a união das representações imagéticas que compõem o conteúdo manifesto do Proto-Sonho com as palavras que compõem o relato deste configurariam um símbolo.

Mutatis Mutandis esse procedimento psíquico é análogo ao de formação do sintoma histérico. Por exemplo, uma paciente sente paralisia facial em metade de seu rosto. Ao longo do trabalho associativo ela afirma que as palavras de determinada pessoa soaram como um “tapa em seu rosto”. Pelo fato do sonho se configurar também como um sintoma neurótico é possível a correlação, todavia o aspecto solipsista do sonho deve-se configurar como um diferenciador de ambos os sintomas. No sintoma histérico destaca-se a troca amorosa com o outro. Dito de outra forma, o aspecto regressivo do Proto-Sonho o configura como uma produção narcísica.

Outro aspecto que caracteriza as imagens oníricas compostas consiste na sua particular vivacidade. Esta se deve ao alto grau de investimento sofrido por elas. As palavras que surgem nos sonhos também evidenciam o mecanismo de condensação, seja nos neologismos, como nas palavras de uso comum na língua do sonhador. Nestas pode ocorrer a perda do significado denotativo haja vista a forma com que são tratadas as representações no âmbito Inconsciente, como coisas.

Cabe destacar as condições fundamentais do processamento primário que viabilizam a Condensação: energia livre e tendência para a identidade de percepção. A energia é denominada livre porque se move para a descarga do modo mais rápido e

direto possível. Em contraposição tem-se que no processo secundário o movimento é desacelerado e controlado. A expressão “tendência para a identidade de percepção” refere-se a que tende os processos primário e secundário. O primeiro tende na visada de “reencontrar uma percepção idêntica à imagem do objeto resultante da vivência de satisfação. No processo secundário a identidade procurada é a dos pensamentos entre si.” (Laplanche & Pontalis, 2008, p. 225)

A motivação inconsciente do sonho une por meio do processo de Condensação a busca pela satisfação que remanesce como um traço psíquico caracterizado pela falta. A Condensação evoca ainda a cadeia de pensamentos articulados no estado de vigília. Conforme vimos, cada representação do sonho caracteriza-se como um nó em que converge o movimento regressivo da libido em busca de satisfação e a fantasia inconsciente configurada no período de formação edipiana.

Nas palavras de Laplanche e Pontalis “uma representação única representa por si só várias cadeias associativas, em cuja intersecção ela se encontra” (2008, p. 87). Assim, toda a energia presente nas diversas representações associadas à determinada rede de representações convergem para o ponto de intersecção, ou ponto nodal, o qual pode ser um tema, uma pessoa ou qualquer objeto que possua *res extensa*.

Poder-se-ia fazer uma analogia com o sistema ferroviário. O ponto de encontro dos trilhos corresponderia ao ponto de intersecção das representações. Os trilhos seriam os caminhos nos quais ocorre a transferência energética e o conseqüente aumento ou queda na valoração. Esta analogia nos remete também ao trabalho desempenhado pelo mecanismo primário do Deslocamento. Este reconfigura os elementos dos sonhos, tal como os trilhos do trem nas intersecções metroviárias.

No alemão, o prefixo "*Ver*", o qual compõe os vocábulos *Verdichtung* (Condensação) e *Verschiebung* (Deslocamento) indica a intensificação de uma ação, como nos é apresentado no supracitado aumento de vivacidade das representações condensadas. Além da tradução como "Condensação", outra possível tradução para o termo *Dichtung* é a palavra "poesia". No alemão ela abrange os diversos tipos deste gênero literário, por exemplo, acrescido do termo "*Bühnen*" refere-se ao verso dramático. Um sinônimo para *Dichtung* é a palavra "*Erzählung*", a qual têm como possíveis traduções as seguintes palavras, fábula, crônica, ficção, narrativa e recital.

Tais palavras nos remetem à relação de proximidade dos mecanismos de processo primário com as fantasias inconscientes, ou seja, com as fábulas estruturantes dos processos inconscientes, as quais estão "coladas" com o *Wunsch* e, conseqüentemente, desempenham papel fundamental nas produções do inconsciente. Nos leva ainda aos devaneios, sonhos diurnos, os quais consistem em ficções elaboradas pelo Eu pensante diante de situações em que há explicitação da tensão existente entre o princípio de prazer e o princípio de realidade.

Freud (1900/2006, p. 250) levanta um possível questionamento quanto à possibilidade das ligações estabelecidas durante o processo de análise terem sido criadas no momento da associação livre e não comporem previamente o material ativo formador do sonho. O psicanalista concorda parcialmente com tal questionamento. Realmente algumas cadeias de ideias emergem pela primeira vez durante a análise. Contudo afirma que estas já estavam ligadas durante o trabalho do sonho.

Ao alcançarmos o final deste capítulo 2 concluímos a etapa de nosso estudo que concerne à delimitação do conceito de Condensação tal como Freud o concebeu na escrita do livro "A Interpretação dos Sonhos". Iniciamos nossa caminhada descrevendo

o contexto histórico em que Freud desenvolveu o Método de Associação Livre. Em seguida debruçou-se no estudo da aplicação ostensiva desse método ao relato do sonho monografia botânica. Por fim, direcionou-se a atenção para a delimitação propriamente dita do conceito de Condensação, o qual consistia em nossa meta primeira.

Completado o arco dessas pesquisas percebeu-se que é amplo o arco de significação com que o termo *Dichtung* (Condensação) pode ser apreendido. Tanto quanto concebido “internamente”, no âmbito psicanalítico, como “externamente”, no contexto da cultura germânica. Optou-se por colocar esses termos em parênteses pelo fato da delimitação fronteira “interno” e “externo” ser predominantemente didática. Haja vista que ocorre um diálogo entre a teoria que era construída por Freud e a cultura em que ele estava inserido. Contudo, no esforço de explicitação, tal diferenciação, é-nos útil. Interno quando referiu-se à psicodinâmica dos sintomas e externo quando se estudou as concepções de Francis Galton e a tradução do termo como poesia e diferentes produções literárias.

À medida em que Freud avançava em seus estudos acerca dos sintomas neuróticos, percebia a forma como as diversas representações eram aglutinadas estabelecendo-se como pontos nodais de redes de vivências, lembranças e fantasias. Apoiado no pressuposto da causalidade psíquica, constata que mesmo que algumas lembranças não estivessem registradas na consciência, elas poderiam ser evocadas a partir de uma outra instância por meio da aplicação do método de Associação Livre.

Tal fato levou Freud a inferir regras que direcionavam a interação entre as representações e a energia psíquica. Cresce a certeza quanto à existência de outro âmbito da mente e, principalmente, que este âmbito não consistia num amontoado de

restos da consciência. Funcionava por meio de regras e atuava de modo concomitante ao processo consciente e de racionalidade humana.

A auto análise ostensiva se configurou como o meio de testar as próprias descobertas e qualificar o papel do *pathos* do analista. Nesse contexto, amadurece em Freud a noção dinâmica do sintoma e do processo terapêutico. Dito de outro modo, o psicanalista relativiza a noção de quadro clínico presente na neurologia e psiquiatria da época e confere ênfase à noção de dinamismo. Privilegia o filme, sequencia de fotos, ao quadro ou à foto.

Quando se considera este aspecto dinâmico ao observarmos o conceito de Condensação, percebe-se que ele compõe um todo, denominado o Trabalho do Sonho. Neste interagem os processos psíquicos de Deslocamento, Figurabilidade, Elaboração Secundária e Censura. Conforme vimos, a característica de livre movimentação da libido nas representações expressa-se no mecanismo do Deslocamento. A necessidade onírica de que os pensamentos sejam representados de forma imagética na Figurabilidade, que por sua vez privilegia a censura. Posto que induz a perda de conexões entre os elementos.

Numa terminologia tomada da sintaxe, perdem-se as conjunções. E, ainda, a estrutura da frase é desconfigurada. Perde a estrutura, como por exemplo, na língua portuguesa, de sujeito, verbo e predicado. Tal característica beneficia a Censura, que mesmo atenuada mantém-se vigilante quanto ao acesso do conteúdo previamente retirado da Consciência. O ato psíquico efetivado pela Elaboração Secundária busca conferir coerência e transformar o produto do sonho em algo inteligível. Todavia, cabe ressaltar, que este ato não se apoia em princípios lógicos, tais como o Princípio da Não

Identidade e do Terceiro Excluído, posto que a base motivadora do sonho repousa no Desejo (*Wunsch*).

Um outro momento consiste no instante do despertar do sono e o subsequente relato do sonho, seja por meio da forma escrita ou falada. Nesse processo, soma-se outro “disfarce” ao conteúdo sonhado. Pois a vivência do sonho que se fundamenta nas representações tomadas como coisas e imagens é expressa por meio de palavras.

Cabe ressaltar que o sonho é solipsista, ou seja, não tem a intenção de partilhar ou trocar com o mundo externo. Enquanto que o relato do sonho, além de abrir a possibilidade de troca amorosa transferencial quando se conta o sonho para alguém, expressa um movimento de ipseidade, um movimento do Eu que se volta reflexivamente sobre si-próprio.

Com isso em mente descortina-se a diferenciação topográfica do aparelho psíquico para Freud durante o período de escrita da obra “A Interpretação dos Sonhos”. Este é composto por três instâncias, a saber, Inconsciente, Pré-Consciente e Consciente. À primeira corresponde as regras de funcionamento primário. À segunda e terceira instância o processo de elaboração secundária e a utilização do sistema sintático. O capítulo seguinte configura-se como um prelúdio à parte dois desta tese, posto que discute a equivocidade, inerente à fala, e a sua relação com a produção de metáforas por Freud na nascente Psicanálise.

CAPÍTULO 3. A QUALIFICAÇÃO FREUDIANA DA EQUIVOCIDADE E A FALA COMO *PHÀRMAKON*

3.1. A UTILIZAÇÃO DE METÁFORAS NO NASCIMENTO DA PSICANÁLISE

Conforme vimos, dentre as possíveis traduções do termo *Dichtung* tem-se “condensação” e a palavra “poesia”. No alemão este termo abrange diversos tipos de gêneros literários, caso seja acrescido, por exemplo, do termo “*Bühnen*” refere-se ao verso dramático. Um sinônimo para *Dichtung* é a palavra “*Erzählung*”, a qual têm como possíveis traduções as seguintes palavras: fábula, crônica, ficção, narrativa e recital.

Mutatis Mutandis, essas possíveis traduções, no contexto psicanalítico, nos remetem à relação de proximidade existente entre os mecanismos de processamento primário e as fantasias inconscientes. Às fábulas estruturantes dos processos inconscientes, indissociáveis do *Wunsch* e, naturalmente, das Formações do Inconsciente.

Sob a ótica do Eu que reflete acerca de seu devir, nos remete ainda aos devaneios e aos sonhos diurnos. (Freud, 1908/2006) Estes consistem em ficções elaboradas pelo Eu pensante diante de situações em que há explicitação da tensão existente entre a busca por satisfação e a censura. Freud ressalta o papel da reconstrução da realidade com a finalidade de lidar com o que vem do mundo e desconsideração quanto a uma hipotética centralidade do Eu diante dos fenômenos da natureza e da vida em sociedade. Contar histórias é uma forma de catarse e de lidar com as dificuldades da existência humana.

Dentro do espectro das produções artísticas é fácil depreender o papel de destaque assumido pela metáfora. Importância que também se apresentou durante o processo de nascimento da psicanálise. Freud descreve seu próprio espanto ao perceber

o aparente distanciamento da forma com que seus casos clínicos eram relatados. Nas suas palavras: “Eis por que eu mesmo me surpreendo ao constatar que meus casos clínicos são lidos como romances e, por assim dizer, não estampam o sinete de seriedade típico dos escritos dos cientistas.” (Freud, 1895/2006, p. 157)

Tal assombro evidencia o esforço literário freudiano com a finalidade de transmitir suas reflexões acerca dos fenômenos com os quais se defrontava em sua lide clínica. A complexidade dos sintomas histéricos unida à forma inovadora com que abordou o problema do tratamento destes exigiu de Freud toda sua capacidade inventiva e poética. Nesse contexto ele fez vasto uso de metáforas e alegorias, as quais consistem em um conjunto de metáforas encadeadas. Tal como um cientista que manuseia um composto químico e teme que este se degenere ao contato com o ambiente ou com seus próprios instrumentos.

“Essa transformação “espantosa” da escrita de Freud introduz outra singularidade característica da “nova ciência”: seu discurso, sua fala e sua escrita não podem pretender a neutralidade com relação à linguagem. Para o cientista, a forma da mensagem é secundária, o que ele expressa são conteúdos conceituais e não a língua que os transmite, O criador da psicanálise deve ser necessariamente sensível à linguagem, não só quando escuta a fala do paciente, mas também quando escreve para divulgar sua descoberta. Produz-se, dessa forma, um abalo considerável na relação da psicanálise com a linguagem – Que persiste até os nossos dias. A verdade psíquica do paciente que fala – e também, em certa medida, a do “médico da alma”, que escreve a história dos sofrimentos que escutou e a transmite – não pode ser apreendida senão por um ato de linguagem. A verdade psíquica acha-se assim intimamente tocada por sua relação com as palavras” (Pontalis & Mango, 2012, p.120)

Com isso em mente, pode-se ter uma noção do Aqueronte pessoal dentro do qual Freud dava suas braçadas. O caminho encontrado por ele foi permitir que sua faceta de escritor e poeta (*Dichter*) se apresentasse. Tal problema, como vimos, foi apresentado a

ele pela sintomatologia dos pacientes histéricos. Como forma de dar conta dessa questão o estilo de escrita freudiano se alterou, passando de um estilo marcado pela precisão áspera do pesquisador do sistema neurológico a um estilo que beira o romance.

O processo de encadeamento metafórico permeia a criação da psicanálise viabilizando uma forma de gerar novos sentidos no campo da equívocidade eliciada pelos sintomas neuróticos. À medida que caminha em seu trabalho interpretativo descobre que os sintomas não podem ser dissociados do Eu, ou seja, os sintomas caracterizam-se como soluções de compromisso entre as diversas instâncias psíquicas. Desse modo, não podem ser tratados da mesma forma que um agente patogênico externo, tal como um bacilo ou verme. Um exemplo dessas metáforas refere-se aos *Fueros* latinos. Em suas palavras:

“Gostaria de acentuar o fato de que sucessivos registros representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida. Na fronteira entre essas épocas deve ocorrer uma tradução do material psíquico. Explico as peculiaridades das psicose com a suposição de que essa tradução não se fez no caso de uma determinada parte do material, o que provoca determinadas consequências. Pois sustento firmemente a crença em uma tendência ao ajustamento quantitativo. Cada transcrição subsequente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação. Se falta uma transcrição subsequente, a excitação é manejada segundo as leis psicológicas vigentes no período anterior e consoante as vias abertas a essa época. Assim, persiste um anacronismo: numa determinada região ainda vigoram determinados “*fueros*”, estamos em presença de “sobrevivências”.” (Freud, 1896/2006, p.283)

Após a invasão napoleônica à região dos Bálcãs, alguns distritos mantiveram o próprio código de leis. A nova lei apresentada por Napoleão sobrepôs-se ao regimento dos *fueros* mas não os anulou. Freud faz a analogia com o processamento psíquico no qual as leis de funcionamento primário são sobrepostas mas não anuladas pelas regras da elaboração secundário. (Ferreira, 2010) Cabe a ressalva de que o modo de

funcionamento primário não se localiza espacialmente nas profundezas da mente. Os dois modos atuam de maneira concomitante, sendo que em alguns momentos, como no sonho, por exemplo, o modo de funcionamento arcaico se apresenta de maneira mais marcante.

Um paciente que afirma sentir uma raiva, a qual não se permite dar vazão, e que esta o dará um câncer na próstata; ou a presença de um afeto que o move na direção de “engolir o mundo”, expressam a vivência do corpo metaforizado por um Eu que se desespera diante do próprio devir. Em outras palavras, são metáforas que expressam os encontros e desencontros entre o desejo (*Wunsch*) e a linguagem - o campo da equivocidade e do símbolo.

No capítulo dois da parte três da presente tese a metáfora do Inconsciente como sendo o Aqueronte e a alegoria do passeio imaginário serão analisados por meio do modelo linguístico-fenomenológico desenvolvido pelo Grupo *Phi*. No momento cabe a nós refletirmos acerca da forma com que a qualificação da fala por Freud o insere no âmbito maior da discussão acerca do que pode ou não ser dito por meio da linguagem.

3.2. CONDENSAÇÃO, EQUIVOCIDADE E INTERPRETAÇÃO

Conforme vimos no capítulo anterior, a Condensação, juntamente com o mecanismo de Deslocamento são responsáveis pela transposição de valor entre as diversas representações. Devido à atuação desses dois mecanismos representações que possuíam pouca importância para o Eu desperto adquiriam centralidade e destaque no Proto-Sonho. O inverso também é válido. Por exemplo, situações como falecimento de entes queridos eram simplesmente ignorados pelo trabalho do sonho ou tratados de cômico ou jocoso.

Caso tomemos o significado denotativo “transporte” inerente ao termo grego *Metábola*, cuja tradução é o termo “Metáfora”, *Mutatis Mutandis*, é possível correlacioná-lo com os termos Condensação e Deslocamento. Na segunda parte desta tese aprofundar-se-á a discussão quanto às implicações dessa correlação. No momento cabe nos atermos a raiz grega do termo metáfora, a forma como esta se situa na obra aristotélica e como ela indica o problema da equívocidade e multivocidade. O termo metáfora foi utilizado por Aristóteles (1999) em sua obra que trata da retórica e da arte do discurso. No âmbito da Retórica a metáfora serve à arte do convencimento. Atuando sobremaneira no *Pathos*, paixões que são evocadas por meio da palavra. Cabe destacar o papel das figuras de linguagem, descrito pelo filósofo, como servindo ao discurso que busca convencer. Ou seja, ao caráter transformador destas da opinião (*Doxa*) do sujeito.

A metáfora apresenta uma ideia e concomitante à esta apresenta outras por meio de uma cadeia de significados *in absentia*. Nesse sentido, o termo *Dichtung* e a sua tradução como concernindo ao campo da arte lírica e, nesse sentido metafórico, sinalizam o problema da univocidade e da multivocidade de sentidos que se apresentam na interpretação de determinado conjunto de representações condensadas no conteúdo manifesto. A atuação da metáfora pode ser resumida em quatro afirmações: Metáfora é o uso inapropriado da palavra; Metáfora é uma predição incomum; A enunciação (intenção do falante) confere sentido à metáfora; e Metáfora promove uma nova descrição do mundo.

Tal problema deve-se ao fato de que não temos contato direto com a realidade. Esta se apresenta em nosso psiquismo de modo mediado via representações. Já na obra sobre as afasias (1891/2014), Freud, sinaliza o aspecto complexo das representações de Objeto citando o filósofo J. Stuart Mill:

“A representação-objeto é, por sua vez, um complexo associativo composto dos mais diversos tipos de representações visuais, acústicas, táteis, cinestésicas e outras. Nós deduzimos com base na filosofia que a representação-objeto não contém mais nada além disso, que a aparência de uma “coisa”, cujas diversas “características” são denotadas pelas impressões sensoriais obtidas de um objeto, acrescentamos a possibilidade de uma grande série de novas impressões na mesma cadeia de associações”(Freud, 1891/2014. p.96)

Assim, as representações objeto são compostas pela associação de diversos estímulos perceptivos e impressões. Nesse mesmo texto Freud em sua definição de “palavra” também afirma o caráter complexo desta. Em suas palavras:

“A Palavra é, portanto, uma representação complexa, composta das imagens mencionadas [refere-se às imagens compostas pela agregação dos estímulos captados pela percepção], ou dizendo de outro modo, à palavra corresponde um intrincado processo de associação que os elementos mencionados, de origem visual, acústica e sinestésica, estabelecem entre si.” (Freud, 1891/2014. p.94)

Com isso, vemos que para Freud é inerente à definição de representação-objeto e da palavra o aspecto da união de diversas associações provindas da percepção. Do contato da pessoa com o mundo e as demais pessoas que a impressionam. Esta concepção far-se-á presente ao longo de toda a obra freudiana. A noção de Representação-objeto presente nesse texto sobre as afasias corresponde ao conceito de Representação-Coisa no artigo “O Inconsciente” do ano de 1915. A noção de “palavra” corresponde, *Mutatis Mutandis*, ao conceito de Representação-Palavra desse mesmo texto. Em 1915, o conceito de Representação-Objeto concerne à articulação entre a Representação-Coisa e a Representação-Palavra. (Garcia-Roza, 1891/2014, p.153)

A noção de união se faz presente no termo “símbolo”, caso o tomemos com base em sua raiz etimológica grega, *Symbolon*. Percebe-se que esta traz a noção de dois elementos que se unem evocando um entendimento. Caso tomemos o termo símbolo

nessa acepção e observemos o conjunto de processos psíquicos que viabilizam a mediação pode-se considerar a união das representações imagéticas que compõem o conteúdo manifesto do Proto-Sonho como um processo simbólico. Posto que as representações que se apresentam no conteúdo manifesto são passíveis de serem interpretadas.

Ricouer (1978) delimita o arco de utilização do termo símbolo por meio de dois pontos de referência teóricos, um amplo proposto pelo pensador Cassirer e outro restrito que tem como fundamento a analogia, com a finalidade de articulá-lo ao processo interpretativo. O processo interpretativo também é delimitado por meio de duas concepções, a saber, a concepção aristotélica e hermenêutica desenvolvida pela tradição judaico-cristã de interpretação dos textos sagrados.

O termo “símbolo” evoca um amplo arco de definições, dentre estes é de nosso interesse o que o relaciona à linguagem e às produções culturais. O filósofo discute a função mediação por meio do termo simbólico. Ele circunscreve esse termo por meio de duas definições, uma ampla e a outra restrita. Façamos uma breve divagação no intuito de localizarmo-nos nesta discussão. Iniciemos pela concepção de Cassirer:

“Antes de tudo, para exprimir o carácter universal da revolução copernicana que substituiu a questão da realidade, tal como ela é em si, pela da objetivação mediante a função de síntese do espírito. O simbólico é a mediação universal do espírito entre nós e o real; ele pretende exprimir antes de tudo a não imediatividade de nossa apreensão da realidade. Seu uso na matemática, na linguística, na história das religiões, parece confirmar esse destino do termo a um emprego tão universal...Uma filosofia das formas simbólicas tem por tarefa arbitrar as pretensões ao absoluto de cada uma das funções simbólicas e as múltiplas antinomias do conceito de cultura que delas decorrem.”(Ricouer, 1978. p. 20)

Disso depreende-se que o termo “simbólico” utilizado por Cassirer abrange o problema da unidade da linguagem. Este pensador almeja entender a forma como o homem atribui sentido ao dar sentido a um sensível. Ou seja, a forma como os seres humanos atribuem sentido às diversas coisas que percebe no mundo. No contexto da teoria desenvolvida por Cassirer, o conceito de símbolo adquire amplitude abrangendo por um lado, o conceito de realidade e, de outro, o conceito de cultura.

Para Ricouer, tal uso do termo simbólico dissolve a fronteira entre as expressões unívocas e as expressões multívocas criando um problema hermenêutico. Posto que ao se igualar realidade e cultura exclui-se a possibilidade de um termo cuja textura intencional faça referência a outros sentidos que não o imediato. Nesse contexto a natureza e as vivências corporais são consideradas como símbolo. O filósofo é pontual ao afirmar que uma teoria que busque abarcar o problema da unidade da linguagem deve considerar a equivocidade e, conseqüentemente, os diversos sentidos que se desdobram a partir de um sentido inicial, como uma decifração. “Querer dizer algo diferente do que se diz, eis a função simbólica.” (1978. p.21) A concepção de Cassirer desconsidera essa diferenciação.

Contraposta à acepção ampla de símbolo utilizada por Cassirer, o filósofo Ricouer, aponta a definição mais restrita de símbolo denominada analógica. Nesta, o único fator que liga o sentido é a analogia. O filósofo busca por meio de comparações exemplificar a forma como essa noção de símbolo se justifica.

Mais ainda, ele almeja descobrir a textura do símbolo, desenvolvendo uma epistemologia do símbolo. Ele desenvolve sua argumentação retomando sua pesquisa acerca do problema do reconhecimento do mal. Neste estudo ele constatou que não há discurso direto da confissão do mal. Sendo utilizada, durante as confissões, expressões

“tomadas de empréstimo à esfera cotidiana da experiência, e que têm o caráter extraordinário de designar analogicamente outra experiência que provisoriamente chamaremos de experiência do sagrado.” (1978 p. 22)

Por exemplo, a imagem da mancha que é lavada, retirada, limpada designa por analogia a situação do pecador diante do sagrado. Nesse contexto, não é a uma limpeza física a que se referem os gestos de purificação, mas sim gestos que tem como objetivo a restauração da integridade e da pureza.

“Essa via indutiva é a única acessível no início da pesquisa, pois a questão consiste precisamente em saber qual a estrutura comum dessas diversas manifestações do pensamento simbólico.” (Ricouer, 1978. p.23)

O símbolo também é analisado no contexto do mito e dos ritos. Nestes, por exemplo, o céu que se relaciona ao altíssimo, ao poderoso e ao soberano; e ainda, a água que limpa e vivifica, constituem ampla fonte de simbolização. Cabe ressaltar que esta não ocorre ao lado da linguagem como valores de expressão imediata, mas sim no âmbito do discurso. Esse processo de simbolização é também observado na formação do sonho em que os pensamentos são representados de forma imagética. Conforme vimos nas páginas 57 e 58 desta tese.

Ao conceito de função simbólica de Cassirer, o filósofo correlaciona a concepção de interpretação aristotélica. O termo interpretação se faz presente apenas no título da obra de Aristóteles. Este tratado “não designa uma ciência versando sobre significações, mas a própria significação, a do nome, do verbo, da proposição e, em geral, do discurso emitido pela voz e dotado de significação – toda *phoné semantiqué*, toda *vox significativa*.”

Nesse sentido, o próprio nome já é interpretação, mas também o verbo, pois através dele enunciamos algo. Contudo, a simples enunciação ou *phasis* é retirada do sentido total do *logos*. O sentido completo da *hermeneia* só aparece, portanto, com o enunciado complexo, com a frase, que Aristóteles chama de *logos* e que recobre tanto a ordem, a confissão, o pedido, quanto o discurso declarativo ou *apophansis*. A *hermeneia*, em seu sentido completo, é a significação da frase.” (Ricouer. 1978. p.29)

Dito de outro modo, o sentido (*Meaning*) já é interpretação mas a significação (*Signification*) surge com a frase. Esta por sua vez é composta por palavras que apresentam significados no contexto de enunciação. Cabe a ressalva de que sob o ponto de vista do lógico a *Hermeneia* concerne à frase passível de ser avaliada como verdadeira ou falsa, a proposição declarativa. Ou seja, detém-se na afirmação que “diz algo sobre alguma coisa”. Posto que o verbo possui a função de predicação, ele se constitui como o aspecto central da frase. Por meio dele é possível falar várias “coisas” sobre o ser.

A noção de voz semântica aproxima essas noções das definidas por Cassirer como função simbólica, posto que o símbolo é a mediação universal. Esta proximidade entre essas definições de símbolo e interpretação apoiam-se na ruptura que ocorre entre a significação e a coisa, ou seja, no nome. Cabe sublinhar que é na distância entre o significado e a coisa que se estabelece o espaço da interpretação. Desse modo, dizemos o real significando-o. E, ainda, “dizer algo de alguma coisa é, no sentido completo e forte do termo, interpretar.” (1978 p. 29)

Ao tipo analógico de definição do símbolo, Ricouer correlaciona a exegese bíblica. Nesta, a hermenêutica, é a ciência das regras da exegese. Aqui compreendida como a interpretação específica de um texto. Inicialmente poder-se-ia afirmar que o principal fator limitante dessa definição seria a sua referência a uma autoridade

monárquica ou eclesial. Ao se caminhar um pouco mais, constata-se que o cerne da restrição se refere a sua aplicação a um texto literário.

Todavia, ao se tomar como ponto de partida a análise textual e somando-se a essa a forma analógica de atribuição de sentido surge um novo horizonte, haja vista que o texto ultrapassa a noção de “escritura”. Ou seja, o texto objeto de análise não se restringirá a palavra escrita, mas poderá abranger também o livro da natureza, o livro do homem, ou ainda, o livro da vida.

Nesse contexto a noção de “texto”, não restrita à noção de escritura bíblica, desvela um dos sentidos inerentes ao uso freudiano do termo interpretação (*Deutung*). É recorrente a analogia entre o trabalho analítico com o processo de tradução de uma língua para outro. O relato do sonho é passível de ser substituído por outro texto de maior apreensão. Nas palavras de Ricoeur, “Compreender é fazer essa substituição. É a essa analogia entre a análise e a exegese que alude o título da *Traumdeutung* sobre o qual já nos detivemos” (1978. p.31)

A metáfora resolve o enigma, trazendo um novo sentido. Desvelando o que era proibido. De forma geral, em alemão, a *Deutung* se refere a uma atividade interpretativa centrada na descoberta dos sentidos não evidentes, dos significados adicionais. O termo é empregado por Freud na acepção de uma compreensão que vá além dos sentidos aparentes dos sonhos, dos lapsos, dos fenômenos transferenciais etc., bem como para designar a comunicação desses sentidos ao paciente. (Hanns, 1996)

Para Etchegoyen (1987) a interpretação consiste no ato de caminhar e desdobrar sentidos a partir do conteúdo manifesto, desvelando os pensamentos latentes que subjazem às Formações do Inconsciente. Desse modo, a interpretação é igual e contrária à elaboração secundária, a primeira vai do conteúdo manifesto às ideias latentes, o

segundo no sentido oposto por compor o Trabalho do Sonho. Ricouer sinaliza que é na obra que trata da interpretação dos sonhos que é feito um esboço da aproximação entre o sonho, o sintoma neurótico, o mito, a literatura e as crenças.

“O que a *Traumdeutung* propunha, desde 1900, era que o sonho é a mitologia privada daquele que dorme, que o mito é o sonho desperto dos povos, que o Édipo de Sófocles e o Hamlet de Shakespeare dependem da mesma interpretação que o sonho.” (Ricouer, 1978. p.16)

Freud toma o sonho como objeto de investigação e modelo para as expressões dissimuladas e fictícias do desejo humano, convidando à procura neste da articulação entre desejo e linguagem. Depreende-se que não é o sonho sonhado, o Proto-Sonho, que é analisado, mas sim o texto do relato do sonho. Sendo este relato o elemento que passa pelo processo de elaboração e desvelamento no qual a palavra primitiva do desejo emerge.

Reitera-se que não é o desejo em si que é analisado mas a linguagem por meio da qual se expressa. Mesmo que na obra freudiana haja reflexões acerca da existência de conteúdos que não estão no âmbito da linguagem, como por exemplo, os traços mnésicos e os registros corporais da vivência em que o nascituro ainda não internalizou a linguagem. Com a ressalva de que esses conteúdos podem ser metaforizados, posteriormente, com a aquisição da capacidade de autoexpressão por meio do sistema de língua.

Ricouer (1978, p. 15) afirma que a dinâmica psíquica elaborada por Freud, representada pelos investimentos e contra investimentos, inclusive o recalque, somente podem ser atingidas pela dinâmica do sentido. Nas suas palavras, “as vicissitudes das pulsões, para retomar uma expressão de Freud, só podem ser atingidas nas vicissitudes do sentido.” Desse modo, o sentido é o que viabiliza todas as analogias “entre o sonho e

o chiste, entre o sonho e o mito, entre o sonho e a obra de arte, entre o sonho e a “ilusão” religiosas, etc.

Todas essas “produções psíquicas” pertencem ao domínio do sentido e dizem respeito a uma única questão: como a palavra surge no desejo? Como o desejo frustra a palavra e fracassa em falar? É essa nova abertura sobre o conjunto do falar humano, sobre o que quer dizer o homem desejante, que credencia a psicanálise ao grande debate sobre a linguagem.” (1978.p. 17)

Mesmo que Freud não tenha abertamente formulado uma teoria acerca do símbolo, ele direciona sua atenção para a equivocidade, para a linguagem e seu falseamento, de modo geral, para as produções humanas. Nesse sentido a importância da noção de símbolo subjaz ao próprio processo de amadurecimento da técnica psicanalítica de análise e interpretação dos sintomas neuróticos.

Haja vista que em Psicanálise o sintoma simbólico não se configura como um ente morboso externo e sim é constituidor da pessoa, estabelecendo-se como uma solução de compromisso entre as diversas instâncias psíquicas, tem-se que o sentido do sonho articula-se com a direção existencial do Eu. Consistindo num amplo arco que, utilizando a metáfora freudiana dos *Fueros* latinos, abrange os *Fueros* da vivência corporal infantil manifestos nas regras de funcionamento do Inconsciente e as novas regras sintáticas da linguagem. Cabe ressaltar, por mais que seja o relato do sonho que é analisado este faz referência à vivências que antecedem ao uso da linguagem.

Seu método consistia em, por meio das associações livres do paciente, desvelar os pensamentos subjacentes ao conteúdo que se apresentava. Desse modo restabelecendo a continuidade do fluxo de representações. Ao nos determos nos casos clínicos presentes na obra “Estudos sobre Histeria” (Freud, 1895/2006), nota-se que

decorre do processo interpretativo de tomar consciência dos eventos traumáticos alterações no devenir das pacientes atendidas. Ou seja, o processo de interpretação e cura não se restringia a um conhecimento intelectual, repercutia na forma como a paciente se percebia no mundo.

No trabalho de interpretação dos sonhos, os quais consistem em sintomas neuróticos, não era diferente. (1900/2006) Ao se analisar as representações condensadas, deslocadas e tornadas figura no sonho, o sonhador ressignificava sua caminhada pática. Trabalho interpretativo considerado, em muitas das vezes, desagradável pelo Eu que analisa. Tanto do terapeuta como do analisando.

Os efeitos da interpretação onírica promovida pelo método psicanalítico nos permite ressaltar que um sonho não transcorre *per si* – é um sonhador que sonha. Ou ainda, o sonho é um texto em que se é simultaneamente o papel, a tinta e a caneta. Não sendo possível, senão de maneira didática, separar os conteúdos, pensamentos e afetos que impactam o Eu e emergem durante o processo interpretativo. Conforme vimos, subjaz ao termo alemão *Deutung* a noção de diversos sentidos que se desdobram. Cabe ressaltar que esse termo, utilizado de modo nocional, não é estranho a filosofia. Fato que o condiciona ao ramo da hermenêutica, a arte de bem interpretar.

CONCLUSÃO PARTE I

Nesta primeira parte da tese delimitou-se a noção freudiana de “sentido” com base no trabalho interpretativo do sonho Monografia Botânica relatado na obra “A Interpretação dos Sonhos”. Este processo de delimitação foi realizado por meio do estudo dos momentos vividos por Freud quando de seu interesse pelo sofrimento das pacientes histéricas e concomitante engajamento no trabalho clínico realizado junto a elas.

A vastidão do campo das psiconeuroses e a falta de sistematização do conhecimento desenvolvido até a década de 1890, bem como a pouca eficácia dos métodos de tratamento em voga na época, levou Freud a desenvolver o próprio método de decifração dos sintomas neuróticos. Este não se configurou como resultado de uma iluminação na qual se apreende de imediato o todo de determinado problema, mas sim ao labor continuado e ao seu gênio inventivo. A eficácia do Método de Associação Livre deve-se também às inúmeras conversas empreendidas com Breuer, Charcot e psiquiatras da época. Cabe destaque a fala da paciente Anna O. em que diz a Freud que se cala e a deixe falar. Num processo por ela denominado “limpeza de chaminé” e “*Talking Cure*”.

Os sintomas histéricos não decorriam da atuação de entes patogênicos externos tal como uma bactéria ou vírus. Também não se constituíam em mero fingimento. A escolha de acatar o comando dado pela paciente, relativizando o papel que era culturalmente esperado de um médico, eliciou a abertura do campo epistemológico psicanalítico. Levou, ainda, à dissolução da barreira existente entre o dito normal e o patológico. A qualificação da fala de suas pacientes levou Freud à busca pelo entendimento da forma com que o desejo era deformado pela censura durante a fala.

Munido da certeza adquirida durante as sessões de hipnose quanto à existência da causalidade psíquica, Freud analisa sistematicamente os conteúdos que emergiam durante o processo associativo. Com a aplicação do Método aos sintomas, sonhos e ditos espirituosos Freud consegue indícios suficientes para inferir acerca das regras e mecanismos do psiquismo humano. Nesse contexto, os sintomas consistiam em soluções de compromisso entre o desejo de satisfação libidinal e a censura. Desse modo, o sentido do sintoma neurótico compõe o próprio sentido existencial da pessoa que padece.

Após adquirir confiança ele se permite afirmar a existência de outra instância psíquica que funciona *pari passu* com a Consciência. Esta outra instância era composta não somente por materiais que não estavam presentes na Consciência mas também funcionava mediante regras específicas que a diferenciava das demais instâncias. Nas instâncias Pré-Consciente e Consciente se constituem os princípios da lógica e do ordenamento sintático.

No Inconsciente as representações são tratadas como coisas e de modo imagético com base nos princípios do livre fluxo de energia e atemporalidade. Cabe ressaltar que as noções existentes como flor nos artigos metapsicológicos, os quais abrangem o período de 1914 a 1916, se apresentam como botões na obra “A Interpretação dos Sonhos”. Desse modo, ao longo da escrita desta parte buscou-se resguardar as noções subjacentes à década de 1890.

Subjaz à argumentação freudiana da constituição do aparelho psíquico a noção de sistemas que interagem e que se desenvolvem de modo concomitante à maturação do soma. Tal maturação leva a novas possibilidades de comércio afetivo com o mundo e com as pessoas. Durante esse período de escrita consolida-se a noção freudiana do papel

desempenhado pela vivência corporal infantil na configuração dos atos e processos psíquicos.

O sistema desenvolvido anteriormente continua a funcionar ao mesmo tempo que os novos sistemas. Com a finalidade de exemplificar essa característica da psique humana, o psicanalista utiliza-se da metáfora dos *Fueros* (fóruns de justiça) latinos. Com as invasões napoleônicas, novo conjunto de regras foi imposto por ele aos povos invadidos. Todavia, nas cidades ibéricas as regras estabelecidas anteriores à invasão continuaram a ser aplicadas juntamente com as novas leis. Ocorreu um ajuste entre o antigo conjunto de regras e o novo.

Durante esse período, Freud debatia-se com a frustração quanto às possibilidades de ser reconhecido no ambiente acadêmico e o desejo de se tornar um grande homem. Freud percebia diversas analogias e semelhanças entre seu conflito neurótico e o adoecimento de suas pacientes histéricas. Na segunda metade da década de 1890 Freud se percebe limitado no progresso de suas pesquisas. Chega à conclusão de que o único meio de adquirir certeza quanto ao rol de suas hipóteses sobre o caráter adoecedor das fantasias e ficções era aplicar sistematicamente o Método de Associação Livre aos seus próprios sonhos. Trabalho que ficou conhecido como sua Auto Análise.

Por meio desta o psicanalista discrimina os mecanismos psíquicos que compõem os atos mentais caracterizadores da deformação a que as representações ligadas ao Desejo estão sujeitas. Estes mecanismos são a Condensação, Deslocamento, Figurabilidade e Elaboração Secundária. A atuação desses mecanismos foi exemplificada por meio da análise do sonho Monografia Botânica. A análise deste evidenciou à Freud dois aspectos do trabalho do sonho: a atuação do mecanismo de

Condensação e a condição para que um resto diurno venha a integrar o Conteúdo Manifesto do sonho.

A atuação do primeiro aspecto se expressa pela concisão do conteúdo manifesto quando comparado à quantidade de associações que compõem os pensamentos latentes. O segundo aspecto consiste no fato de que para que uma representação que ocupou a mente do sonhador durante o dia, que antecede ao sonho, possa ser aproveitada no conteúdo manifesto, é necessário que esta se ligue a uma lembrança infantil, a qual, por sua vez, remete às vivências corporais infantis. Estas vivências foram marcadas no psiquismo infantil num período em que as crianças ainda não tinham a posse da capacidade de auto expressão por meio da língua materna.

Nesta primeira parte também foi oportuna a diferenciação entre o Proto-Sonho, o qual consiste no sonho que transcorre como um acontecimento solipsista, e o Relato do Sonho. Este, por sua vez, consiste no relato que é feito pelo Eu desperto acerca do que é lembrado da vivência onírica. Assumindo a forma de uma narrativa. Em sentido amplo concerne ao texto que é interpretado. A produção do relato do sonho pelo Eu evidencia outra série de atos mentais que levam à conformação do sonho em um relato gramaticalmente ordenado com vistas a comunicar.

Neste relato atuam não somente o mecanismo de Elaboração Secundária, a qual confere um acabamento geral ao sonho na tentativa de conferir a ele certa coerência, mas também fatores lógicos e sintáticos concernentes à forma de apresentação do que foi vivenciado no sonho. Ou seja, a reapresentação dessa vivência por meio de palavras que compõem proposições e que são ordenadas de acordo com as regras de determinada língua compartilhada por uma comunidade linguística específica.

Conforme vimos, Freud, em sua obra “A Interpretação dos Sonhos”, apresenta três relatos diferentes do sonho Monografia Botânica. Este sonho tem como direção de sentido constituidora a justificativa freudiana para o decréscimo da quantidade de relações sexuais realizadas com a sua esposa. O sonhador afirma sua virilidade e potência ao listar a quantidade de filhos e produções científicas (monografias, artigos e pesquisas). O sentido do sintoma onírico evidencia o rumo existencial freudiano que deseja se tornar o grande homem desejado pela sua mãe. A expressão “grande homem” aqui é tomada na acepção de um homem capaz de realização e cuja notoriedade e capacidade são reconhecidas socialmente.

O resto diurno da situação em que Freud encontra um professor sênior da universidade, acompanhado por sua jovem namorada, evoca em Freud a fantasia infantil de seduzir e ser seduzido. O interesse freudiano por mulheres mais jovens emerge por meio de duas lembranças relativas à sua infância.

A primeira lembrança consiste na situação em que junto a sua irmã mais nova, e sob o olhar atento e permissivo do pai, destroem um livro colorido. A satisfação sexual obtida por meio dessa ação se associa a alcançada quando dos danos provocados no vestido da jovem Pauline junto a seu amigo de infância. Cabe ressaltar que o processo identificatório coloca o infante Freud também na posição observadora do pai. Aquele que dá permissão para que a satisfação ocorra, ou seja, aquele que por meio do manuseio do outro e por meio do olhar tem o controle da satisfação do outro.

As lembranças infantis remontam à própria curiosidade quanto à diferença dos sexos. O ato de olhar as folhas dos livros no intuito de aprender se mostra análogo ao ato de olhar os genitais femininos no período infantil. Estas lembranças compõem o conflito edipiano do psicanalista que tem como uma de suas memórias mais conhecidas

o ato de observar a própria mãe trocando de roupa. A satisfação representada pela cena da destruição do livro encobre a satisfação libidinal encontrada pelas próprias fontes de estimulação endógenas. O ato de ser visto pelo pai articula-se metaforicamente ao ato de ser reconhecido pelas autoridades acadêmicas.

Estas lembranças encobrem a dinâmica de troca infantil no período que se convencionou chamar em psicanálise de Estágio de Dependência Absoluta. Período em que a criança ainda não tinha em posse a capacidade de se expressar por meio da fala articulada. Período em que a comunicação transcorre por meio de sons e do sentir dos ritmos corporais entre o bebê e a mãe. Os cuidados maternos necessários à sobrevivência do recém-nascido erogenizam o corpo deste, estabelecendo o funcionamento das fontes de estimulação endógenas.

Contudo isso, conclui-se que o sentido do sonho articula-se à satisfação proveniente do investimento da libido nas representações constituindo a realização do Desejo (*Wunsch*) que é alcançado no sonho. O sentido é por nós concebido como um grande arco que congrega vivências pré e para linguísticas. Vivências que após o estabelecimento da capacidade de uso do sistema sintático podem ser representadas e ressignificadas por meio do discurso organizado.

O trabalho interpretativo das Formações do Inconsciente, desenvolvido por Freud, inserem a Psicanálise na discussão acerca dos limites do que é possível ser dito por meio da linguagem. Sob o enfoque psicanalítico a multivocidade e equivocidade inerentes ao uso da linguagem falada deve considerar o papel do Desejo, as particularidades de funcionamento das diferentes instâncias psíquicas e o confronto entre a libido que busca a satisfação e a censura que a dificulta.

PARTE II – SIGNIFICAÇÃO NA LINGUÍSTICA E O MECANISMO

PRIMÁRIO DE CONDENSAÇÃO

INTRODUÇÃO PARTE II

A segunda parte desta tese tem como objeto de estudo a significação no campo científico da Linguística. A escolha foi feita pelo fato desta ciência ter como objeto de pesquisa a “língua”, a qual tem como fundamento o significado. Do ponto de vista semântico ainda que remanesça a fonética, essencial para a poesia, por exemplo, a gramática é essencial para a estrutura da língua. Estudar-se-á também as correlações feitas entre este conhecimento e o saber psicanalítico. Mais especificamente a correlação feita por Roman Jakobson e Jacques Lacan entre os mecanismos primários de Condensação e Deslocamento com os Tropos Linguísticos Metáfora e Metonímia.

Inicia-se a discussão por meio da apresentação do campo epistemológico fundado por Saussure – a Linguística. O conjunto de pressupostos e conceitos basilares que compõem essa ciência foram formulados por este pensador durante as lições ministradas em suas aulas. A proficiência em várias línguas e o desejo de compreender seus aspectos estruturais o levou a estabelecer conceitos ainda vigentes nesta ciência. Dentre eles destacar-se-á o de sincronia e diacronia; língua e fala; significante, significado e referente.

Cabe lembrar que Freud não teve contato com as ideias desenvolvidas por este pensador. As pesquisas do psicanalista se davam no campo da filologia e dos usos cotidianos da fala. Todavia, esse fato não se configurou como fator impeditivo para posteriores releituras feitas da teoria freudiana por linguistas e psicanalistas. Conforme dito, as contribuições de dois destes estudiosos serão analisadas na presente seção.

Jakobson em sua busca pelos fatores que diferenciam a linguagem poética da linguagem prática estudou linguística, teoria literária e da comunicação. Interessou-se também pelo aspecto clínico da afasia e pela fala de pacientes psicóticos. Para alcançarmos o objetivo desta tese, o entendimento sobre a forma como o sentido do sintoma neurótico sonho se articula com o processo de atribuição de significado e ordenamento sintático do relato do sonho, a analogia entre Condensação e Metáfora feita por ele nos é importante. Conforme veremos, ele justifica essa correlação com base no pressuposto de que ambos os termos se referem ao processo de simbolização da consciência humana diante de seu mundo.

Lacan, por sua vez, desenvolve esta concepção marcando a perversão que ocorre no desejo humano devido ao contato com a linguagem. Destaca, ainda, que é sobre a fala que se fundamenta o campo epistemológico desenvolvido por Freud. Suas contribuições foram amplas e polêmicas. Tanto no círculo de pesquisadores da língua quanto no meio psicanalítico. A analogia feita por ele de que “O Inconsciente se estrutura como linguagem” será problematizada por meio dos limites epistemológicos da Linguística e da Psicanálise. Bem como por meio das conclusões freudianas acerca das instâncias psíquicas tal como definidas na primeira tópica.

Por fim, analisar-se-á a crítica elaborada pelo grupo *Phi* acerca das ideias deste psicanalista. Nesse contexto discutir-se-á a definição lacaniana de metáfora por meio da classificação proposta por este grupo acerca dos tropos de linguagem. Esta classificação se baseia em pressupostos fenomenológicos que consideram as idiosincrasias dos processos que ocorrem nos significados das palavras. Ver-se-á também as condições necessárias para que o processo metafórico se efetive. Estudar as contribuições desses pensadores é importante para o intento da tese, pelo fato destes terem sido os autores que inicialmente buscaram discutir a relação entre o saber psicanalítico, apoiado no

sentido do Desejo e na fala, e os conceitos de significação no âmbito da ciência
Linguística.

CAPÍTULO 1. CONCEITOS BASILARES DA CIÊNCIA LINGUÍSTICA DE SAUSSURE

Cabe a Saussure o mérito de conceber e estabelecer o estudo da língua por meio do método comparativo. Tal postura caracterizou o início de um novo campo científico do saber humano, a Ciência Linguística. Todavia, o que chegou à posteridade de seus estudos foram anotações feitas por seus alunos no contexto de sala de aula. Com base nessas anotações depreende-se a amplitude de inquirições elaboradas pelo mestre, bem como a riqueza na elaboração dos conceitos fundamentais à nova ciência.

A ciência desenvolvida por Saussure apoia-se sobre a noção de signo linguístico. Este une não as coisas e as palavras, mas sim os conceitos (significados) e as imagens acústicas (significante). Cabe ressaltar que a imagem acústica remete à impressão psíquica do estímulo sonoro, ou seja, à representação do que é captado por meio dos sentidos. Desse modo, ele diferencia a árvore que existe na natureza como um objeto “fora”, a representação sonora do conjunto de sons que a representam (arbor, tree, árvore), do conceito de árvore. (Saussure, 2006, p. 80)

Na época de Saussure, século XIX, os estudos acerca da língua eram predominantemente diacrônicos. Tinham como objetivo o estudo dos desdobramentos sofridos por uma língua ao longo do tempo. A palavra diacronia provém do grego ‘*dia*’ (“através”) + *chrónos* (“tempo”): através do tempo. Na diacronia o foco principal é o estudo comparativo das línguas ao longo da história, com o intuito de esquadrihar as transformações sofridas pelo signo linguístico com o passar do tempo.

A partir dos traços fonéticos presentes em diferentes línguas faladas contemporaneamente, infere-se acerca de uma raiz fonética que as poderia ter gerado. Ou seja, a partir de formas condicionadas observadas infere-se acerca da existência de

uma forma condicionadora. Por exemplo, tomemos as palavras que significam “pé” em inglês e em holandês, respectivamente, *foot* e *voet*. Ao comparar as alterações que ocorreram ao longo do tempo nos signos associados ao significado “pé”, bem como a estrutura das línguas nas quais esses vocábulos são utilizados, propõe-se a existência da forma condicionadora **fot-*. Essa relação confere validade científica ao fato explanatório condicionador na diacronia. Pesquisas elaboradas nesses moldes levaram a constatação da proximidade entre línguas aparentemente distintas e sua posterior classificação em troncos e famílias linguísticas.

Outra forma de empreender o estudo da língua consiste no enfoque sincrônico. As raízes do termo sincronia também são gregas. Os fonemas que o compõem podem ser decompostos em: ‘*syn*’ (“juntamente”) + *chrónos* (“tempo”), conferindo o significado de “ao mesmo tempo”. Saussure empreendeu o estudo sincrônico da língua elaborando um recorte da mesma em determinada época visando estudar o sistema de organização da língua. Tal enfoque levou-o a constatar que a língua consiste num sistema abstrato composto por regras de ordenação e formação.

A expressão “sistema abstrato” merece nosso olhar atento, por essa construção não se deve inferir que a língua configure um sistema afastado da história de determinado povo. Longe disso, nas palavras de Saussure: “quanto mais se estuda a língua, mais se chega a compreender que tudo na língua é história, ou seja, que ela é objeto de análise histórica e não de análise abstrata”. (Bouquet & Engler, 2002, p. 131)

A solução para aparente contradição é apontada por Bomemann (2013, p. 7) que ressalta que apesar de ter como foco a sincronia Saussure não olvida a diacronia, visto que a análise sincrônica (estudo da língua em determinado momento histórico) está incorporada na diacronia (estudo da língua através do tempo). E ainda afirma, com

Saussure, que uma das provas de que a linguística é uma ciência histórica está no fato de que não é possível conhecer um povo sem conhecer sua língua. Dessa forma, vemos que a expressão “sistema abstrato” ressalta o caráter simbólico da linguagem e não um suposto destacamento da história dos povos.

Para o fundador da linguística (Saussure, 2006, p. 22) a língua consiste num sistema de valores construídos coletivamente, um produto social presente na mente de cada falante. Para ele a língua é o produto que a pessoa registra predominantemente de maneira passiva. Nesse enfoque a reflexão tem seu papel na classificação dos elementos que compõem a língua. A fala, por sua vez, concerne à idiosincrasia daquele que se expressa pela língua. Caracteriza-se como um ato particular de vontade, por meio do qual o falante combina os elementos da língua a fim de se expressar. Abrange também os aparelhos psicomotores que permitem essa expressão.

Observa-se que o pensamento saussuriano é eminentemente dual, organizado em categorias dicotômicas que interagem entre si, diacronia e sincronia, língua e fala, as quais nortearam seu método de pesquisa firmando as bases sobre as quais floresceu a ciência Linguística. Passado essa breve introdução à ciência linguística, com base na ideia daquele que é considerado seu fundador, passemos ao estudo das ideias, do também linguista, Roman Jakobson.

CAPÍTULO 2. A POÉTICA DE ROMAN JAKOBSON E OS EIXOS METAFÓRICO E METONÍMICO

2.1. O FORMALISMO RUSSO E A BUSCA PELOS LIMITES DA LINGUAGEM POÉTICA

O linguista Roman Jakobson foi o primeiro pesquisador da área a traçar correlações entre os mecanismos primários de funcionamento psíquico, Condensação e Deslocamento, com os tropos linguísticos Metáfora e Metonímia. Tal aproximação entre os saberes linguístico e psicanalítico apoiou-se não somente em seu conhecimento destes saberes, mas também em suas incursões no campo da arte literária e teatral.

Campo deveras amplo que foi trabalhado por este versátil pesquisador também por meio de conhecimentos semióticos e da área da comunicação. Para que possamos compreender a correlação feita por Jakobson e as implicações desta para o estudo da língua e da linguagem iniciemos por estudar seus apontamentos relativos aos estudos da arte literária e plásticas.

Jakobson fez parte do movimento conhecido como formalismo russo, o qual consistia em uma escola de crítica literária. Esta teve como objeto de estudo a linguagem poética enquanto tal. Cabe ressaltar que este movimento caracterizou-se pela multiplicidade de concepções, não sendo possível definir uma doutrina unificada. Sendo possível diferenciar dois movimentos, a saber, o OPOJAZ (Obscestvo izucenija Poeticeskogo Jazyka - Sociedade para o Estudo da Linguagem Poética) de São Petersburgo e o Círculo Linguístico de Moscou. (Wikipedia, acessado 1 de junho 2019)

O elemento comum a essas escolas foi a defesa acerca da viabilidade do estudo científico da linguagem poética a parte das abordagens psicológica e histórico-cultural. Dito de outro modo, o foco da escola consiste na busca das características que

distinguem a literatura enquanto escrita imaginativa. Destacam-se três ramos dentro da escola formalista russa, a saber,

formalismo mecanicista, nesta faz-se uma analogia entre as obras literárias e as máquinas; Tem como expoente maior o pensador Viktor Chklovsky. Ao conceber a obra literária como um mecanismo, desvaloriza-se a interpretação da arte como um produto social ou político ou como a expressão única das particularidades do autor. Seu esforço maior foi delimitar o que seria ou não arte. A dificuldade em explicitar em que consistia o mecanismo e os dispositivos idiossincráticos da arte fez com que formalistas, como Vladimir Propp, aderissem a concepções orgânicas.

formalismo orgânico, neste adota-se o modelo orgânico como direcionador das analogias que tentam apreender as particularidades da arte. Tal postura enalteceu o caráter organizado das produções literárias, ou seja, da mesma forma que o organismo funciona por meio de sistemas hierárquicos, assim também o é com as obras literárias. Outro aspecto distintivo dessa concepção foi a reflexão acerca da obra individual e os gêneros literários. Da mesma forma que os organismos individuais guardam semelhança com outros organismos, as diversas formas literárias também o fazem. Fato que viabiliza o seu agrupamento em estilos e gêneros. (Steiner, 1995, p.19)

formalismo linguístico, nesta conferiu-se ênfase à linguagem poética e a diferença desta para a linguagem prática. Esta última consiste na linguagem que tem como foco a transmissão de uma informação. Em contrapartida, na linguagem poética decresce a importância do aspecto prático sendo que as combinações linguísticas adquirem “valor nelas mesmas”, tornando o discurso poético. (Steiner, 1995, p.22)

Roman Jakobson direcionou seus estudos sob influência deste ramo do Formalismo Russo.

A distinção entre linguagem poética e linguagem prática acentuou-se com a publicação do livro *Sborniki po teorii poeticheskogo iazyka* (Anthologies on the Theory of Poetic Language) em 1916. Neste, os autores Chklovsky, Jakubinsky, Polivanov e Kushner atribuíram ao som o papel central na linguagem poética. Enquanto que na linguagem prática a ênfase recai sobre o significado do léxico. (Wikipedia, acessado 1 de junho 2019)

Kirchof (2009) assinala a crítica elaborada por Jakobson e os demais formalistas russos. Segundo estes o pouco rigor acadêmico tornava a história da arte uma mera *causarie*, na qual se transitava despreocupadamente de uma torrente lírica a outra entremeada por anedotas da vida dos artistas. Em contraposição a esse cenário propõe a substituição da crítica literária por uma nova disciplina, a saber, a poética.

A produção literária levou o linguista a refletir sobre o problema da linguagem de modo não restrito à linguística. Ele propõe uma nova classificação das ciências que estudam a linguagem de modo geral e a literatura de modo específico. Esta classificação apoia-se sobre três categorias: semiótica, linguística e poética.

A semiótica, por se constituir como a teoria geral dos signos, deveria ser designada como a ciência geral de todas as linguagens. Tanto a linguagem verbal como as linguagens não verbais. Estas últimas referem-se aos signos indiciais e icônicos, tal como compreendidos por Pierce (1980, p. 75). À linguística caberia o domínio de estudo dos signos verbais, ou seja, a comunicação de mensagens verbais. Nesta classificação concerne à poética o estudo da literatura enquanto arte verbal.

“Para o teórico russo, a poética compreende a “análise científica e objetiva da arte verbal”, dividida a partir de “dois grupos de problemas: sincronia e diacronia” (Jakobson, 1995d, p. 121). Seu objetivo principal é definir e explicar por que uma mensagem verbal artística é diferente de mensagens artísticas não-verbais, de um lado, e, de outro, por que é diferente de mensagens

verbais não artísticas: em suma, trata-se de buscar “as *differentia specifica* entre a arte verbal e as outras artes e espécies de condutas verbais” (id., ibidem, p. 119).” (Kirchof ,2009, p. 25)

2.2. SINCRONIA E DIACRONIA NOS PROCESSOS DE SIMBOLIZAÇÃO METAFÓRICOS E METONÍMICOS

Conforme vimos, a busca pelas diferenças específicas evidencia está em consonância com os objetivos da escola formalista russa, mais especificamente, na vertente que se apoia no saber linguístico. No desenvolvimento da delimitação teórica dos campos semiótico, linguístico e poético adquire destaque as noções de sincronia e diacronia. Jakobson (1995d, p. 130) retoma a concepção saussuriana de que é o ponto de vista que cria o objeto e acrescenta a esta o gesto de interpretação do pesquisador. Este acréscimo decorre de suas leituras do fenomenólogo Husserl, o qual considerava uma ilusão a ideia de uma descrição ou análise puramente objetiva.

A singular diferença existente na concepção da interação entre sincronia e diacronia proposta por Saussure e Jakobson deve-se ao fator tempo. Para o primeiro o tempo é concebido de forma linear e física. A noção de tempo proposta pelo segundo acrescenta a subjetividade à história. Ou seja, ele propõe uma interação dinâmica entre a sincronia e a diacronia. Para ele as transformações linguísticas não ocorrem de maneira aleatória, tem como direção de sentido o sistema, sua estabilização ou reconstrução. Por outro lado a descrição sincrônica não exclui a noção de evolução. (Mariani, 2015)

“A primeira coisa a me saltar aos olhos foi que Saussure identificava, tanto em sua terminologia quanto em sua teoria, a estática e a sincronia, ou seja, o conjunto dos fenômenos de língua existentes numa comunidade de sujeitos falantes e, em oposição, a dinâmica e a diacronia. Ao criticar essa concepção, não foi por acaso que recorri ao exemplo da percepção cinematográfica. À questão de tipo sincrônico: que vê você, neste instante preciso, na tela do cinema? — o

espectador dará, inevitavelmente, uma resposta de ordem sincrônica, e não estática, uma vez que ele vê, nesse instante, os cavalos que correm, o palhaço que dá cambalhotas, o bandido que cai ferido a bala. Em outras palavras, as duas oposições efetivas, sincronia/diacronia e estática/dinâmica, não coincidem na realidade. A sincronia contém inúmeros elementos dinâmicos, que devem ser levados em conta quando há uma aproximação sincrônica. Se a sincronia é dinâmica, a diacronia da língua, isto é, a análise e o confronto das diversas etapas da língua durante a lenta progressão do tempo, não pode e não deve, por sua vez, limitar-se apenas à dinâmica das modificações da língua, pois lhe é necessário, além disso, levar em consideração os fatos estáticos. [...] como indica o desenvolvimento das diferentes ciências sociais, os conceitos de sistema e de suas mudanças não são só compatíveis, como também dos mais indissolúvelmente ligados [...]” (Jakobson E Pomorska, 1993, p.62-3)

Conforme se depreende dessa citação ganha centralidade na sua reflexão a noção de tempo e, principalmente, a experiência de tempo vivida por quem fala e poetiza. Para entendermos sua concepção se faz necessário o esclarecimento de dois fatores: a sucessão de significantes em um enunciado e a pluralidade de significações que são evocadas na enunciação destes significantes. Tal associação se evidencia na arte literária posto que os próprios sons das palavras evocam a diversidade de cenários e de significados. Jakobson elucida como, em sua concepção, a experiência subjetiva do tempo afeta a língua:

“O objeto da linguística sincrônica não são os fatos sentidos pela coletividade dos sujeitos falantes como simultâneos entre si, mas os fatos simultaneamente sentidos por ela, isto é, que constituem num dado momento o conteúdo da sua consciência linguística. Para a consciência dos sujeitos falantes, alguns desses fatos podem estar estreitamente ligados ao presente, enquanto outros, como acabamos de ver, podem ser transportados para o passado ou ainda gravitar em direção ao futuro. (Jakobson, 1929a , apud Holenstein, 1978, p. 37)

Com isso percebe-se que Jakobson não contrapõe a diacronia à sincronia, posto que ambos se relacionam à experiência subjetiva dos falantes e afetam o sistema de língua. Mariani (2015) cita um exemplo retirado da experiência pessoal do linguista como falante do russo. Neste exemplo ele demonstra como o fator tempo atua dinamicamente nas formações linguísticas, as quais estão em processo de mudança nos âmbitos diacrônico e sincrônico. O linguista afirma:

“Tomarei como exemplo uma mudança que pude observar já em minha infância: trata-se de uma mudança notável ocorrida nos sistema vocálico do russo corrente. Em posição inacentuada, especialmente pretônica, os dois fonemas /e/ e /i/ eram distinguidos pela geração de nossos avós em Moscou. No linguajar de nossa geração e no de nossos filhos, esses dois fonemas fundiram-se num /i/. Para a geração intermediária, a de nossos pais, a distinção era facultativa. [...] Assim, durante certo tempo, o ponto de partida e o remate da mutação coexistem sob a forma de duas camadas estilísticas diferentes; além disso, quando o fator temporal entra em jogo num sistema de valores simbólicos como a linguagem, ele próprio se torna um símbolo e pode ser utilizado como recurso estilístico. Por exemplo, quando falamos de maneira mais conservadora, empregamos as formas mais arcaicas. Em russo moscovita, a geração de nossos pais não empregava a distinção entre /e/ e /i/ inacentuados na conversação familiar; preferivelmente, seguia a nova moda de fundir os dois fonemas par dar a impressão de ser mais jovem do que era realmente [...]” (Jakobson, 1969 [1960], p. 27).

A vivência subjetiva do tempo que influi na experiência do falante com sua língua, bem como a orientação do observador no momento em que constrói o objeto observado, podem ser relacionadas com a questão da situação histórica. Visto que esta não se configura como algo absoluto, sendo construída pelos diversos pontos de vista dos observadores. A tensão que configura a construção histórica interage e se manifesta

nas tensões e alterações linguísticas decorrentes das possibilidades históricas inscritas nas situações de interlocução.

As reflexões de Jakobson quanto à teoria de Saussure se reapresentam no texto “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia” (1956). Este texto nos é de especial interesse, haja vista que nele são tecidas considerações quanto aos mecanismos inconscientes de Condensação e Deslocamento e os tropos linguísticos metáfora e metonímia. As pesquisas iniciais de Jakobson acerca desses tropos diferenciam-se das pesquisas do linguista Kruszewski, o qual apontou esses tropos como dois polos ou eixos da língua, pela sua aplicação não somente no âmbito da ciência da língua mas também nos âmbitos da poética e da teoria da arte.

Jakobson (1995d, p. 135) retoma Saussure ao afirmar que ao código linguístico são possíveis dois tipos de arranjo: a combinação (contextura) e a seleção (substituição). A combinação pode ocorrer por concatenação. Esta se caracteriza pelo sequenciamento temporal e linear dos significantes. Ou seja, a contiguidade é o meio pelo qual a mensagem pode ser entendida. A seleção por sua vez apoia-se numa cadeia de significados *in absentia*. Os significados que são transmitidos pela mensagem organizam-se de acordo com seu grau de similaridade, oscilando em tonalidades que vão dos sinônimos aos antônimos. Os estudos acerca das afasias trouxeram luz ao entendimento das situações em que essas duas formas de arranjos dos signos falham comprometendo a comunicação.

Cabe lembrar que a afasia é um distúrbio da linguagem decorrente de lesão cerebral. Os tipos de lesões geradores podem ser acidentes vasculares cerebrais, isquêmicos ou hemorrágicos, tumores ou traumatismos cranianos. Dependendo do local afetado a fala pode permanecer conservada mas se torna absolutamente incoerente e sem sentido.

Outra variante é que algumas vezes o prejuízo pode ocorrer na capacidade de recordar ou dizer nomes (anomia), na compreensão (alexia) ou em ambas. O distúrbio pode ser transitório como ocorre no acidente vascular cerebral, durando horas ou dias, regredindo espontaneamente. Em outros casos é definitivo, necessitando de cuidados fonoaudiológicos especiais.

Segundo Jakobson (1969, p.36) as perdas de recursos comunicativos nas afasias evidenciam um processo inverso à aquisição da linguagem por parte da criança. Tal visão em perspectiva o levou a questionar a linearidade do significante proposta por Saussure. Haja vista que, como foi observado por ele, à revelia do grau de afasia apresentado, os desarranjos se davam nos processos de combinação e seleção dos signos linguísticos. Cabe ressaltar não somente no processo de combinação e concatenação. Disso decorre o estabelecimento das categorias “distúrbios de contiguidade” (combinação e contextura) e “distúrbios de similaridade” (seleção e substituição) para classificar a forma de apresentação das afasias.

Essas duas categorias configuram-se como dois polos extremos sendo os diversos tipos de afasias graus nesse intervalo. O distúrbio por contiguidade se caracteriza por deficiências no processo de combinação, as quais se manifestam pela perda dos elos de comunicação do enunciado. Fato que torna as frases mais curtas. O distúrbio por similaridade se caracteriza por uma deficiência na seleção de palavras. Tornando a fala reativa e dependente do contexto. Por exemplo, ao lhe ser apresentado um lápis, o afásico desse tipo teria dificuldade em denominá-lo fazendo uma asserção elíptica: "Para escrever".

Nos distúrbios de contiguidade ocorre uma desordem na combinação das palavras em unidades superiores. Ou seja, nestes a hierarquia das unidades linguísticas não é preservado. Desse modo, o ordenamento das palavras, processo de contiguidade,

fica comprometido o que inviabiliza a construção de sentenças. Posto que a contiguidade fundamenta a metonímia “A metonímia é incompatível com o distúrbio da contiguidade.” (Jakobson, 1969, p. 55).

Nos distúrbios por similaridade é deficitário o processo de seleção e substituição. Expressando-se como uma incapacidade de nomear os objetos. Conforme vimos no exemplo do lápis. Nesse caso, “a metáfora é incompatível com o distúrbio da similaridade.” (Jakobson, 1969, p. 55).

Baseado nesses dados Jakobson (1969, p. 61) afirma que a seleção e a combinação fundamentam os mecanismos de mediação por símbolos, seja na arte e na literatura, quanto nos âmbitos social e subjetivo. Nesse momento ele evoca a obra freudiana “Interpretação dos Sonhos” e afirma que a questão decisiva na elucidação da estrutura dos sonhos consiste em saber se os símbolos e as sequências temporais se baseiam na contiguidade (“transferência” metonímica e condensação sinedóquica de Freud) ou similaridade (“identificação” e “simbolismo” freudianos). Em entrevista concedida a Pomorska ele faz um apanhado de sua caminhada como pesquisador, sinalizando seu interesse quanto às particularidades da fala dos esquizofrênicos.

“Um estudo linguístico da afasia, que está estreitamente ligado à teoria da língua em geral e da linguagem poética em particular, contribui, de maneira considerável, não só para a classificação das afecções afásicas, como também para a compreensão da estrutura da língua e até mesmo para o aprofundamento dos métodos da poética. O objetivo seguinte será uma tentativa de análise linguística da fala dos esquizofrênicos. É evidente que o exame dos sintomas e síndromes linguísticos da esquizofrenia é capaz de auxiliar a classificação médica e o diagnóstico dos fenômenos heterogêneos reunidos sob a etiqueta geral de esquizofrenia. É um programa interdisciplinar vasto e delicado. O grande poeta alemão, Friedrich Hölderlin (1770-1843), que sofrera durante algumas dezenas de anos de uma forma aguda dessa doença e que, no fim da vida, estava quase privado da aptidão para se comunicar com o seu meio pela linguagem,

escreveu, contudo, até a morte, versos admiráveis e de uma originalidade surpreendente. Analisando esses poemas, tentei novamente ligar as questões de poética, de patologia da linguagem e de teoria geral da língua e da comunicação linguística. Consegui explicitar o principal sintoma linguístico da esquizofrenia; com mais exatidão, do tipo de esquizofrenia aparentemente muito difundido de que sofria Hölderlin. O poeta, gravemente enfermo, manifestava uma perda máxima da capacidade e da vontade de discurso dialógico; o sintoma mais característico era, antes de mais nada, o desaparecimento total dos ‘*shifters*’, das pessoas e dos tempos gramaticais.” (Jakobson E Pomorska, 1993, p.129, 130).

O interesse de Jakobson em estudar a fala dos esquizofrênicos, os quais têm como uma de suas características distintivas a dificuldade na comunicação por meio de símbolos, está em consonância com a forma como ele apreendeu o intuito original do formalismo russo. Percebe-se que seu campo de pesquisa se ampliou abrangendo o problema da linguagem, bem como os limites epistemológicos dos saberes linguístico, semiótico, sociológico e da ciência psicológica.

Por mais que o linguista evoque aspectos clínicos neurológicos como a afasia e aspectos relativos a idiosincrasia da maneira como pacientes com o diagnóstico de esquizofrenia se expressam, a sua não consideração da Transferência e Resistência impedem que suas produções sejam qualificadas como psicanalíticas no sentido restrito. Caso se tente abordar sua obra sob um viés clínico. Mesmo que sua asserção de que na esquizofrenia “o sintoma mais característico era, antes de mais nada, o desaparecimento total dos ‘*shifters*’, das pessoas e dos tempos gramaticais” seja valiosa.

Freud não teve contato com as anotações dos alunos de Saussure nem possuía uma teoria formal do símbolo. Fato que torna a releitura de sua obra por meio do saber da semiótica e da ciência linguística um processo no mínimo delicado. A releitura proposta por Jakobson ganha valor por inserir a psicanálise freudiana em uma discussão

geral acerca do papel da linguagem e das diversas formas que esta pode ser abordada num âmbito de construção de conhecimento.

CAPÍTULO 3. LACAN E O INCONSCIENTE COMO LINGUAGEM

3.1. A INVERSÃO DO TEOREMA DE SAUSSURE SIGNIFICADO SOBRE SIGNIFICANTE

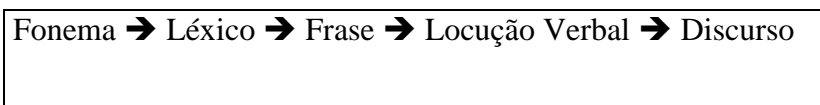
As correlações entre Linguística e Psicanálise receberam novo impulso com as proposições de Lacan. Segundo este, as leis de produção do Inconsciente coincidem com as leis de composição do discurso, a saber, combinação e substituição e com as duas funções que delas procedem: Metonímia e Metáfora. Cabe ressaltar o que consideramos o maior diferencial da proposta deste psicanalista, quando comparada às propostas de Jakobson, na releitura que comporta o saber linguístico: O Desejo Inconsciente.

Considerar tal fator resguarda o papel desempenhado pelo contato com o outro, inerente à Psicanálise freudiana. Somada ao gênio criativo deste psicanalista está uma influência de saberes plural. Na presente seção restringir-nos-emos às apropriações e reflexões tecidas à luz da ciência Linguística.

Ao se deparar com o algoritmo proposto por Ferdinand de Saussure, a saber, S/s (significante sobre significado) Lacan privilegia o primeiro, significante, colocando-o como caracterizador do Inconsciente. Lacan (1978, p.227) afirma que a barreira que separa o significante do significado possibilita o estudo das ligações do primeiro, os quais formam cadeias, correntes fonéticas que geram os significados. Desse modo, os significados são limitados pelo significante.

Ele inicia sua argumentação expondo as restrições inerentes às próprias línguas, as quais não conseguem abarcar todos os possíveis significados. Em relação às coisas (*Rem*) elas também são insuficientes, atendo-se ao nível do conceito. Em seus escritos (1978, p.228) ele enfatiza a necessidade de abandonar a ideia de que o significante tem

a função de representar o significado. Decorre desta afirmação a conclusão de que o significante pode existir independente da associação com um significado. Lembrando que o significante é o somatório de diversos fonemas, os quais são arranjados de acordo com regras pré-estabelecidas. O quadro abaixo representa a progressão no agrupamento dos fonemas resultando no discurso organizado.



À linearidade proposta por Ferdinand de Saussure, já problematizada por Roman Jakobson, acrescenta-se outra forma de leitura. Vejamos, ao nos depararmos com um discurso, um texto escrito em prosa ou poesia nos damos conta da polifonia existente em cada lexema. Ou seja, as palavras expressas nos remetem à vários contextos e significados, os quais evidenciam a possibilidade de leituras verticais que se somam à leitura horizontal proposta por Saussure.

Por exemplo, ao nos depararmos com a palavra árvore, somos levados a diversos grupos conceituais, tais como, a árvore do éden, à flora, à árvore genealógica, à árvore de elétrons gerada por uma descarga elétrica. Ou ainda, na frase “O Ipê é a árvore do cerrado” os significantes nos direcionam ao clima da região centro-oeste e até às diversas cores com as quais as flores do Ipê decoram o planalto central.

Assim, diversas leituras verticais são provocadas pela enunciação de um discurso e se multiplicam ao longo de toda cadeia significante. No intuito de explicitar tal ideia poder-se-ia fazer uma analogia com os diversos tipos de leitura proporcionados pelos poemas concretos, também chamados poemas espaciais. A poesia concreta se

contrapõe a poesia discursiva por evitar o verso e enaltecer a disposição das letras e tipos de formas nos espaços em branco do papel.

Segundo o crítico de arte Celso Luft (1973, p. 92) os artistas concretos “apregoavam uma matemática (geometria) da composição do poema e tentam uma ortografia poética para figurar o sentido das palavras”. Nesta, o significante é o objeto da linguagem, e conseqüentemente, do poema. Para o também crítico de arte Alfredo Bosi, "São processos que visam atingir e a explorar as camadas materiais do significante e, por isso, levam a rejeitar toda concepção que esgote nos temas ou na realidade psíquica do emissor o interesse e a valia da obra." (Bosi, 2006, P.476). Abaixo reproduzimos um poema concreto criado por José Lino Grünewald que consta da obra “Um e Dois” publicada no ano de 1958.

a v i d a

c o m i d a

a v i d a

b e b i d a

d o r m i d a

a v i d a

i d a

1958

Neste exemplo, ao fazermos uma leitura linear ou horizontal encontraremos os significantes vida, comida, a vida, bebida, dormida, a vida, ida; podemos interpreta-la

como a representação da vida de uma pessoa que viveu tendo como foco suas necessidades somático-vegetativas de ingestão de nutrientes sólidos e líquidos, além do respeito à consideráveis horas de sono. Nesse ritmo os dias se passaram e a pessoa morreu – “a vida ida”.

Ao acrescentarmos uma leitura vertical a esse poema vemos surgir - ao nos concentrarmos na palavra “dormida” - o léxico “boa”. Sem dúvida uma vida baseada nos supracitados parâmetros figura no ideal de muitas pessoas, em seguida vemos que a boa vida dormida “acabo” quando somamos à palavra “boa” a letra “a” de “a vida”, a inicial de “comida” e novamente a letra “a” de “a vida”, ou seja,

[a]vida + [c]omida + [a]vida + [b]ebida + d[o]rmida → [a][c][a][b][o]

Uma possível interpretação do verso é que não há como fugir da morte, seja num sentido como em outro. De certo modo, uma interpretação sarcástica do poema e da vida. Cabe ressaltar que as diversas leituras verticais e suas combinações horizontais possibilitam a ocorrência de ironias. Lacan representa a existência desses ramos verticais, surgidos por contiguidade, ligados à cadeia significante horizontal pelo seguinte algoritmo:

| |
|-----------------|
| f(S) I/s |
|-----------------|

Assim, a cada fonema, S, da cadeia significante formada pela enunciação do discurso surgem ramos verticais, I/s, de significantes, os quais direcionam o sentido. Ao colocar o significante como caracterizador do Inconsciente Lacan, conseqüentemente, relaciona as Formações do Inconsciente com as operações que ocorrem no significante, a saber, combinação e substituição. Estas, por sua vez, estruturam, respectivamente, a metonímia e a metáfora.

3.2. COMBINAÇÃO E SELEÇÃO NA METONÍMIA E NA METÁFORA

Cabe destacar que na concepção do psicanalista os termos combinação e substituição não podem ser considerados como pares de sinônimos. A relação decorre de forma análoga a dois conjuntos que possuem, cada um, um elemento. Assim, o conjunto combinação é possuidor do subconjunto metonímia e o conjunto substituição é possuidor do subconjunto metáfora. A metonímia e a metáfora fundamentam a interação entre os supracitados ramos verticais e a cadeia horizontal, dessa interação surge o significado.

A combinação refere-se à concatenação de signos na cadeia significante, a qual confere continuidade ao discurso. A definição de metonímia utilizada por Lacan é: “A parte tomada pelo todo” (1978, p.236). Sendo a metonímia uma forma particular do que pode produzir-se no nível da função combinatória.

Segundo Lacan (1978) o fato da particularização que ocorre na metonímia se apoiar na ligação de um significante a outro nos permite entender o exemplo “Havia trinta velas no mar” como representando a presença de trinta embarcações navegando. Isso porque a função atribuída à vela de representar um barco não tem como referência o real. Haja vista a relativa raridade em existir um navio com apenas uma vela. Assim, nesse caso, ou existem menos que trinta navios ou existem trinta navios e um número

maior de velas. Desse modo, a referência está na cadeia significante e não na coisa (*Rem*). Fato que justifica a afirmação de que o real é opaco em comparação com a sucessão combinatória do discurso. Lacan exprime a estrutura e o funcionamento da metonímia pelo seguinte algoritmo:

$$f(S\dots S') S \cong S (-) s$$

O primeiro termo da formula, $f(S\dots S')$ S, simboliza o deslizamento de significante em significante característico do discurso, ou seja, n significante ligados, tal como os anéis de uma corrente. O segundo termo, após o signo de congruência, \cong , indica que a atuação do primeiro e segundo termos é simultânea. O que nos remete à dificuldade de expressar o objeto faltante e de definir a realidade.

Em decorrência disso recebe forte ênfase a linha que separa o significante do significado – representado na fórmula da estrutura metonímica por S (-) s. O material que é combinado na cadeia significante são as ruínas metonímicas do significante perdido. A este atribui-se o valor de trauma inaugural e que marca a repetição. O Desejo articulado à cadeia significante evidencia o processo de deslocamento (*Verschiebung*)

A substituição refere-se ao fato da palavra poder ser trocada por outra no discurso. Nesse processo o significante também prevalece sobre o significado fato que, segundo ele, viabiliza a ocorrência de jogos de palavras nos ditos espirituosos (*Witz*) e nos sintomas neuróticos. A metáfora ocorre quando um significante substitui outro, sendo que o significante oculto permanece ligado ao resto da cadeia significante por uma conexão metonímica, a qual é possibilitada pelas leituras verticais do significante. Lacan exprime a estrutura e o funcionamento da metáfora pelo seguinte algoritmo:

$$f(S'/S) S \cong S (+) s$$

O primeiro termo da fórmula, $f(S'/S)S$, simboliza a substituição de um significante por outro, sendo um expresso na cadeia significante enquanto o outro fica subentendido no discurso. Tal processo gera a significação por meio de um ato criativo largamente usado na poesia. Lacan viu semelhança entre esse processo criativo e o que ocorre na Condensação (*Verdichtung*), a qual também tem sua proximidade com a poesia, posto que em alemão a criação dos poetas chama-se *Dichtung*.

Desse modo, a substituição possibilita a transposição da linha que separa o significante do significado gerando a significação, essa transposição é representada pelo signo de soma no segundo termo, $S (+) s$, da supracitada fórmula da metáfora. Lembrando que o signo de congruência, \cong , indica que as operações de substituição e significação ocorrem de forma simultânea. Por esses motivos, para Lacan, *Verdichtung* – condensação- pode ser definido como a sobreposição dos significantes, a qual origina a metáfora.

Como exemplo de metáfora Lacan utiliza-se do verso presente na terceira estrofe do poema de Victor Hugo "*Booz Endormi*", a saber, "*Sa gerbe n'était point avare ni haineuse*". Reproduzimos esta estrofe com uma possível tradução:

| | |
|---|--|
| <i>Sa barbe était d'argent comme un ruisseau d'avril.</i> | Sua barba era de prata como um riachinho de abril. |
| <i>Sa gerbe n'était point avare ni haineuse ;</i> | Seu fardo não era avaro nem odioso; |

| | | |
|---|---|---|
| <i>Quand il voyait passer quelque pauvre glaneuse</i> | : | Quando ele via passar alguma pobre colheiteira: |
| - <i>Laissez tomber exprès des épis, disait-il.</i> | | - Deixe cair os espinhos, dizia ele. |

Sua tradução para o português tomou a seguinte forma: "Seu feixe não era nem avaro nem odioso" (Lacan, 1978, p. 238). Outra possível tradução é "Seu fardo não era avarento nem odioso". Ambas corretas caso em sua interpretação tenhamos em mente que Booz é um ancião que reparte o produto do seu trabalho. O fardo (de feno=gerbe) é o seu desejo como homem trabalhador que reparte os produtos decorrentes do trabalho como um patriarca. Ele renuncia aos frutos deste, concomitante a negação de sua avareza e ódio, sendo sua generosidade expressa pelo seu trabalho no feixe. O quadro abaixo ilustra essas relações:

| | | | | |
|---------------------|-----|------------------|--|---------------------|
| Booz | | Centelha Poética | | Feixe de Feno/Fardo |
| Patriarca/aquele | que | Metáfora | | Trabalho |
| transmite a cultura | | | | |

Booz simboliza o patriarca, ou melhor, o ideal de patriarca. Enquanto que a palavra feixe, ou fardo, como queira o tradutor, simboliza o seu trabalho. Os dois primeiros versos se iniciam de modo similar, "*Sa barbe était d'argent*" e "*Sa gerbe n'était point avare*". A sonoridade destes é marcada pelos significantes *barbe* e *gerbe*. A barba do ancião é substituída pelo feixe de feno. Obviamente, ao identificarmos o ancião com um tipo ideal de patriarca o trabalho deste não se restringe mais ao ofício de

cultivador da terra sendo agora relacionado a todas as produções culturais resultantes de esforço e renúncia. Dessa forma, o supracitado algoritmo da estrutura metafórica aplicada a este exemplo toma a seguinte forma:

$$f(\text{trabalho/feixe})\text{Booz} \cong \text{Booz (+) barba}$$

Assim, a substituição do significante "Booz" pelo significante "feixe" – representado na fórmula por $f(\text{Booz/feixe})S$ - possibilita a criação da poesia e o surgimento da metáfora. Lembrando que essa substituição é concomitante à transposição da barreira que separa o significante do significado, neste caso, a identificação de Booz (S) com o ideal de patriarca (s). O quadro abaixo sintetiza as idéias relatadas e expõe as diferenças entre combinação e substituição, relacionando estes termos com a metonímia e a metáfora.

| Quadro comparativo entre as principais características da substituição e combinação | |
|---|---|
| Substituição | Combinação |
| Indução metafórica | Remete ao objeto metonímico |
| Implica cada elemento da cadeia | Ruínas metonímicas é que são combinadas |
| Favorece a criação | Favorece a continuidade do discurso |
| Força estrutural da metáfora | Força estrutural da metonímia |
| Sincronia | Diacronia |
| Similaridade | Contiguidade |

A originalidade de Lacan ao conceber o Inconsciente como a letra do discurso, definindo-o pelo algoritmo S/s gerou particularidades no modo de lidar com as formações oníricas. Ele relaciona a deformação decorrente do trabalho do sonho (*Traumarbeit*) com o deslizamento do significado sob o significante no discurso, ou seja, as operações no significante transformam o conteúdo manifesto. Assim, após afirmar que “o sonho é um enigma em imagens” (Lacan, 1978, p. 240) ele completa dizendo que este possui estrutura fonemática, sendo necessário para sua elucidação toma-lo ao pé-da-letra, ou seja, interpretar as alterações que ocorrem nas imagens/significantes dos sonhos como análogas às operações retóricas metonímia e metáfora. Partindo desses pressupostos, as imagens do sonho são os significantes do enigma do sonho.

Convém ressaltar o cuidado ao interpretar a expressão “pé-da-letra”. Com esse termo Lacan não defende que excluamos a existência dos pensamentos latentes no sonho e nos restrinjamos ao conteúdo manifesto correndo em direção aos diversos dicionários de sonhos. Sua proposta é conferir maior precisão aos termos utilizados por Freud iluminando outras trilhas indicadas pelo caminho semiológico aberto por este.

Lacan antes de correlacionar a Condensação e o Deslocamento aos tropos linguísticos metáfora e metonímia ele faz uma analogia das regras de funcionamento Inconsciente com as regras de ordenamento das palavras. Conforme sua máxima, “O Inconsciente é estruturado como linguagem” (1978, p. 229) Diferencia-se da ciência linguística por conferir ao significante predominância ao significado. Todavia, conforme vimos na seção anterior, tal proposição já havia sido apresentada pelos formalistas russos.

CAPÍTULO 4. METÁFORA PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA - REFLEXÕES

QUANTO AO PROCESSO METAFÓRICO E AS INSTÂNCIAS PSÍQUICAS

4.1. GRUPO *PHI* E A CLASSIFICAÇÃO FENOMENOLÓGICA DOS TROPOS

DE LINGUAGEM

“Victor Hugo vangloriou-se muitas vezes de ter posto em fuga “os tropos amedrontados”, sem suspeitar de que um dia o Dr. Lacan iria diagnosticar uma metáfora no verso de Booz endormi: “*Sa gerbe n’etait pas avare ni haineuse*” [Seu feixe de trigo não era avarento nem odioso] (na verdade, trata-se antes de uma sinédoque). Na linguagem da escola freudiana de Paris, a fórmula da metáfora é simples: $f(S'/S)S \cong S (+) s$ de onde se conclui que a “*demoiselle aux miroirs*” reaparece, somente que com novas roupagens.” (Dubois & al, 1974. p.17)

No presente capítulo estudar-se-á a classificação das figuras de linguagem, metáboles, proposta pelo grupo *Phi* e a crítica feita por este à Lacan. Este grupo foi formado pelos linguistas Jacques Dubois, Francis Edeline, Jean-Marie Klinkenberg, Philippe Minguet, François Pire e Hadelin Trignon, todos pertencentes ao Centro de Estudos Poéticos da Universidade de Liège nos anos 70. Eles se reuniram com o objetivo "de definir as operações fundamentais de que as figuras e os tropos são casos particulares" (Dubois & al, 1974. p.15). Escolheram o "*Phi*" como nome de seu grupo pelo fato desta letra ser a inicial da palavra, em grego, que designa metáfora.

Esta discussão se insere no período inicial da década de 60 e reflete na retomada do interesse dos pensadores franceses na retórica de Aristóteles sob um olhar do estruturalismo. Na época Roland Barthes afirmava que “a retórica deverá ser repensada em termos estruturais” e acrescentava que “é objeto de um trabalho em andamento”. (Dubois & al, 1974.)

Os linguistas do Grupo *Phi* atribuem à publicação da tradução do livro de Roman Jakobson denominado “*Essais de Linguistique Générale*” o renascimento da Retórica na França. Conforme vimos no capítulo anterior é neste livro que é atribuída às figuras metáfora e metonímia o papel fundamental no processo simbólico humano.

Este grupo classificou os Tropos Linguísticos utilizando-se da cosmovisão Hursseliana. O campo das figuras de linguagem foi dividido em quatro domínios, a saber, metaplasmo, metataxe, metassemema e metalogismo. Estes são definidos, respectivamente, como: domínio das figuras que agem sobre o aspecto sonoro ou gráfico das palavras e das unidades de ordem inferior à palavra; domínio das figuras que agem sobre a estrutura da frase; domínio composto pelas figuras em que ocorre a substituição de um semema por outro; e, por último, o domínio que se refere às antigas "figuras de pensamento", as quais modificam o valor lógico da frase.

Abaixo apresentamos um quadro no qual os domínios das metáboles são apresentados e relacionados entre si quanto à forma e o sentido. No mesmo também são apresentados exemplos de figuras de linguagem da retórica clássica que se enquadram neste critério de classificação:

| | Expressão (Forma) | Conteúdo (sentido) |
|----------|--|---|
| Vocábulo | Metaplasmos (Ex. aférese, sinérese) | Metassememas (Ex. sinédoque, metáfora, metonímia) |
| Frases | Metataxes (Ex. crase, elipse, silepse) | Metalogismos (Ex. pleonasma, ironia) |

Convém ressaltar que esses quatro domínios também podem ser abordados como um *continuum* que vai da forma “mais pura” ao “mais puro” conteúdo. Reproduz-se a seguir um diagrama retirado da obra publicada pelos linguistas. (Dubois & al, 1974. p.51)

| | |
|------------------------|--|
| Domínio Plástico ↓ | Forma pura e arbitrária, não significante, mas distintiva. |
| Domínio Sintático ↓ | Forma significante na medida em que é funcional: a palavra não ganha seu sentido completo enquanto não entra “em função” numa frase. |
| Domínio Sêmico ↓ | Porções do significado arbitrariamente decompostas e limitadas por uma forma. |
| Domínio Lógico | Conteúdo ou significado puro, não submetido a nenhum constrangimento ou limitação de ordem linguística. |

Aprofundemo-nos no domínio dos metassememas, no qual o aspecto semântico é transformado. Ou seja, no domínio composto por figuras de linguagem em que ocorrem operações nos semas. O sema, também chamado por algumas escolas traço semântico ou componente semântico, é a unidade infra linguística de natureza qualitativa. Dito de outro modo, é a unidade de significado mínima que especifica palavras como chapeleiro, casa, vendedor, arquiteto, etc.

Dessa forma, no grupo dos metassememas estão inseridas as seguintes figuras de linguagem: metáfora, metonímia, sinédoques particularizante e generalizante e

antonomásia. Estas figuras são formadas por meio de operações feitas nos semas, a saber, supressão, adjunção e supressão-adjunção. À essas operações somam-se duas formas de recorte nos semas, os quais também serão abordadas no decorrer do texto. Contudo, salienta-se que as substituições e alterações no sema não devem alterar os semas essenciais, indispensáveis, sob pena de tornar o discurso incompreensível. Posto que descaracterizariam os significados das palavras tornando o discurso desconexo.

4.2. AS FIGURAS DE LINGUAGEM SINEDÓQUICAS E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA METÁFORA

Dada a diversidade de correntes de pensamento dentro da ciência linguística, cabe ainda definir o importante termo “vocábulo, palavra” tal como é apreendido pelo grupo *Phi*. Nomenclalmente o termo “vocábulo” consiste na atualização de um lexema, o qual é uma unidade do léxico. Ou seja, um termo presente no vocabulário individual ou da língua como um todo - particular no discurso.

Assim, "garrafa", entrada de dicionário, é um lexema. Mas, por outro lado, a frase "O rotulo da garrafa de água difere do da garrafa de suco" comporta doze palavras e duas vezes o vocábulo garrafa. "A palavra representa então toda unidade emitida, enquanto que o vocábulo representa uma unidade particular emitida considerada em referencia ao léxico". (Dubois Et Al, 1984, p. 614)

Cabe ressaltar que esta escola de estudo da língua recebeu grande influência do fenomenologista Edmund Hurssel. Dentro de um contexto, o termo vocábulo, quando comparado com o termo “palavra”, carrega certa “quantidade” de intenção do enunciador, fazendo um destaque da figura do fundo. Todavia é útil ressaltar que a palavra transmite um significado, apresentando-se como um conjunto de traços. “A

palavra é um recorte (*decoupage*) semântico ou conjunto de semas privilegiado pela linguagem”. (Dubois Et Al, 1974, p. 52)

Esse recorte pode ocorrer de dois modos, a saber, sincrônico e diacrônico. O primeiro modo, sincrônico, caracteriza-se por uma distribuição desigual dos semas. Aborda assim os referentes como um conjunto de partes justapostas, por exemplo, a noção de barco é mais intensa nas velas e menos na cabine ou torre de comando.

O segundo modo caracteriza-se pela aquisição sucessiva de semas. Consoante a um processo de análise e de diferenciação sucessiva, por exemplo, diversos tipos de árvore fazem parte do gênero “árvore”, ao acrescentarmos características particulares os diversos tipos de árvore se diferenciam. Assim ao somarmos especificidades diferenciamos um salgueiro de um abacateiro ou de um carvalho. O quadro abaixo expressa o que foi dito sobre os tipos de recorte que podem ocorrer no sema:

| <i>Decomposição do modo Π</i> | <i>Decomposição do modo Σ</i> |
|--|--|
| Recorte do tipo Sincrônico | Recorte do tipo Diacrônico |
| É distributiva, ou seja, os semas do todo são desigualmente distribuídos | É atributiva, ou seja, além dos semas caracterizadores do gênero outros semas com determinantes particulares são somados |
| Conjunção “e” | Conjunção “ou” |
| Exemplo: árvore = ramos e folhas e tronco e raízes | Exemplo: árvore = álamo ou carvalho ou salgueiro ou bétula |

| | |
|--|--|
| Relação todo-partes | Relação gênero-espécie |
| Conduz à uma serie referencial exocêntrica | Conduz à uma serie sêmica endocêntrica, ou seja, dentro de uma categoria |
| Sincrônico | Diacrônico |
| Representa cada referente como um conjunto de partes justapostas | Aquisição sucessiva de semas consoante um processo de análise e de diferenciação progressiva |

A definição de palavra utilizada aproxima-se da terminologia proposta por Pottier e Greimas que considera “a palavra, ou mais exatamente, o lexema (unidade minimal do discurso) como uma coleção de semas (unidades minimais de sentido), dos quais os primeiros são nucleares, os outros contextuais, e o todo produz um efeito de sentido [*Meaning*] ou semema.” (Dubois Et Al, 1974, p. 135)

Cabe lembrar que os agrupamentos de semas que compõem uma palavra não se organizam de forma linear, apesar de poder existir uma hierarquia. Assim, percebe-se que apenas dois tipos de operação são possíveis, a saber, a supressão e a adjunção de semas, seja separadamente seja simultaneamente.

A sinédoque generalizante ou categorial consiste no resultado de uma supressão parcial de semas ocasionando a ampliação de um termo. Operação que o torna mais geral. Isso confere ao texto um caráter mais filosófico e abstrato. Dito por meio de outras palavras, é um processo “que vai do particular ao geral, da parte ao todo, da espécie ao gênero”.

Ao se fazer a decomposição sêmica do tipo sincrônico Π o processo sinedóquico fica menos perceptível mas ainda se faz presente. Por exemplo, ao invés de se dizer “A mão do homem pegou um cigarro e o acendeu”, é dito “O homem pegou um cigarro e o acendeu”. Neste caso troca-se homem por mão. Ou seja, inúmeras características particulares da mão, semas, são suprimidas. Fazendo-a ser representada pelo homem. Subjaz a esse movimento linguístico a noção de corpo como uma totalidade.

Um exemplo de decomposição sêmica do tipo diacrônico Σ é usar o termo mortais ao invés de homem como Du Marsais exemplifica em seu livro “*Les Tropes*”: “Quando se diz mortais por homens, o termo mortais deveria compreender também os animais que estão sujeitos à morte, tal como nós”. Ou seja, os homens e os demais animais são mortais, todavia, ao longo do tempo, diversos semas foram agregados à noção de homem. Como por exemplo, a noção de que os homens possuem pulsão e os demais animais instinto. Ou ainda, os homens deambulam e produzem discurso enquanto que os outros animais não possuem verbo.

A sinédoque particularizante faz o caminho contrário ao da sinédoque generalizante. Haja vista que nela ocorre a adjunção de semas e, conseqüentemente, toma-se o todo pela parte. Faz-se desse modo *in praesentia*. Em presença de outros signos colocados em contigüidade e não somente na virtualidade da associação que não é direta.

É um procedimento retórico que consiste no uso de uma palavra fora do seu contexto semântico. Apresentando uma significação que tenha relação objetiva de contigüidade capaz de operar um deslocamento ou uma transferência de sentido de um

signo para outro signo. Conforme veremos no decorrer do texto, a figura de linguagem designada como metonímia consiste em um tipo de sinédoque particularizante.

Quando ocorre a decomposição sêmica do tipo sincrônico II em uma sinédoque particularizante, tal operação pode se dar tanto no plano de uma relação de conteúdo para continente como na relação do todo para uma parte. Na seguinte expressão, "ontem, no restaurante, comi um bom prato", o sentido de alimento, especiaria gastronômica alojando-se em seu continente, o prato. O prato é uma parte do todo, prato somado à comida, esta parte passa a designar o todo caracterizando a sinédoque particularizante.

Os procedimentos sinedóquicos empregados pelo gourmet fazem com que o dito explícito esteja presente simplesmente como figuração. Enquanto que "o que fala", isto é, a significação propriamente dita, que consubstancializa semanticamente o discurso permanece oculta, no exemplo, o alimento. Apartada do plano explícito, manifestando-se exclusivamente por meio de um efeito retórico.

A iguaria com a qual se regalou o gourmet não é sequer mencionada no plano explícito, mas tão somente o vasilhame, isto é, o prato. Sabe-se que o alimento fora bom porque, pelo conhecimento do procedimento da metonímia, pode-se apreender e 'ler' seu significado deslocado e alojado no vasilhame: "comi um bom prato!". Se for literal torna-se esquizofrênica, pois concretiza os significantes que compõem o referente significado: os cacos de vidro, plástico ou outro material que defina o objeto prato fazendo parte do mesmo.

Conforme a citação presente no início deste capítulo quatro, os pesquisadores do Grupo *Phi* denominam o processo que ocorre no verso "*Booz Endormi*" de Victor Hugo de Sinédoque. Após construirmos o alicerce teórico da concepção desses autores

podemos entender o porque da discordância com o psicanalista Jacques Lacan, o qual define o verso como sendo uma metáfora.

O feixe de feno a que se refere o verso representa o todo do trabalho de *Booz*. Ou seja, a parte representa o todo. Fato que caracteriza uma Sinédoque Particularizante. O todo, neste exemplo, consiste nos instrumentos necessários à lide no campo. Bem como o próprio ambiente de cultivo do trigo, a água e os demais insumos agrícolas. Haja vista que a parte que representa o todo nos envia para uma série exocêntrica de elementos, cabe repetir, campo, arado, terra e fertilizantes, tem-se que o recorte feito é do tipo sincrônico.

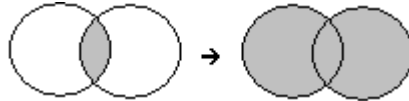
Quando o processo de ir do todo para a parte que caracteriza a Sinédoque Particularizante ocorre com um nome tem-se uma metonímia. Por exemplo, “Meu primo adora Coca-Cola”. Nesta frase “Coca-Cola” é uma marca de refrigerante que faz referência ao apreço que o primo tem por refrigerante. Pegou-se como representante da categoria “refrigerante” um de seus elementos – uma marca específica desse tipo de bebida. Assim a metonímia consiste em um tipo de Sinédoque Particularizante.

Quando ocorre a decomposição sêmica do tipo diacrônico Σ em uma sinédoque particularizante encontramos quase em uma região limite. Haja vista que esse tipo é tão pouco perceptível que podemos nos perguntar se este tipo caracteriza realmente uma figura de linguagem. Por exemplo, ao substituir “punhal” onde “arma” teria sido suficiente, pode ser considerado uma figura de linguagem? Tal questionamento nos remete à concepção aristotélica de interpretação. Posto que dizer algo sobre o mundo, nomeá-lo, também é interpretá-lo.

Outro tropo linguístico alocado no grupo dos metassememas é a metáfora. Nesta figura de linguagem ocorre alteração dos semas por meio da conjunção dos supracitados

fenômenos supressão e adjunção. Essa figura de linguagem se faz perceptível numa palavra em que aparece contraditoriamente a identidade de dois significantes e a não identidade de dois significados correspondentes. Ou seja, existe uma intersecção de significados relacionados a significantes específicos.

Por exemplo, na frase “Maria é uma leoa” percebemos que os termos “Maria” e “leoa” são independentes entre si, porém ao realizarmos a redução metafórica – encontrar o terceiro termo, virtualmente presente no enunciado – vemos que ambas tem em comum o aspecto “coragem”. Num primeiro momento, poder-se-ia considerar a metáfora como a intersecção, a porção comum ao mosaico de semas, porém há algo mais: a intersecção afirma a identidade de termos completos. A parte comum é como um corredor que leva a outra rede de significados possibilitando a identificação dos dois “mosaicos de semas”.



O processo de desvelamento do terceiro termo e a subsequente identificação pode ser representado pelo esquema abaixo:

$$D \rightarrow (I) \rightarrow A$$

D - termo de partida

(I)-termo intermediário, terceiro termo, virtual, classe-limite, intersecção sêmica.

A - termo de chegada

Disso depreende-se que a metáfora é o produto de duas sinédoques, I sinédoque de D, e A sinédoque de I. Cabe ressaltar que para que D e A estejam no mesmo nível de generalidade é necessário que a combinação seja feita entre uma sinédoque generalizante e uma sinédoque particularizante. Ou seja, elas devem funcionar de maneira inversa para que haja a intersecção e subsequente identificação.

| Sinédoque | Decomposição do tipo | |
|-----------------------|---|----------------------|
| | Diacrônico Σ | Sincrônico <i>II</i> |
| Generalizante (Sg) | Ferro por lâmina | Homem por mão |
| Particularizante (Sp) | Zulu [grupo étnico] por negro ou Punhal por arma | Vela por barco |

(Quadro adaptado do presente na p.154 da obra Dubois & al, 1974.)

Sg Σ - suprime-se parcialmente alguns semas, alcançando-se a categoria ferro.

Sg *II* – suprime-se parcialmente alguns semas, alcançando-se a categoria homem; saiu-se da parte para o todo

Sp Σ - ocorre adjunção de semas, vai-se do todo para a parte; punhal é um tipo de arma, ou seja, evidencia-se uma relação gênero – espécie.

Sp *II* – ocorre adjunção de semas, todo para parte; uma parte do barco - vela – torna-se figura.

Quanto ao modo Σ , a metáfora obtida repousará sobre os semas comuns a D e A; quanto ao modo II, ela repousará sobre suas partes comuns. Convém ressaltar que a “parte” material é menor que seu todo, enquanto a “parte” sêmica é mais geral que ele.

As combinações sinedóquicas formadoras de metáfora são: (Sg+Sp) Σ e (Sp+Sg) II. Tem-se desse modo a existência de dois tipos de metáfora, a saber, conceptual e a referencial. A primeira relaciona-se à uma supressão-adjunção de semas, a outra é física atuando sobre uma supressão-adjunção de partes. Convém acrescentar que a metáfora referencial baseia-se em imagens – representações mentais imageadas - esse fato é importante por aproximar a retórica de outras artes – metáfora pictural ou plástica.

| | |
|-----------------------------|------------------------------|
| Metáfora Conceitual | Metáfora Referencial |
| Puramente semântica | Puramente referencial |
| Supressão-adjunção de semas | Supressão-adjunção de partes |
| Baseada em semas | Baseada em imagens |

4.3. METÁFORA DO TIPO REFERENCIAL E PROCESSO PRIMÁRIO

Metáfora do Tipo Referencial (Sp+Sg) II, Sincrônica

Tomemos de empréstimo da língua francesa o seguinte exemplo de metáfora do tipo referencial: “*Les écharpes de la veuve se détachaient dans la mer bleue.*” Uma tradução possível é “Os lenços de viúva se destacavam no mar azul.” Do mesmo modo que a metáfora conceitual a metáfora referencial também consiste na união de dois tipos de sinédoque, particularizante e generalizante. O diferencial consiste no fato de que os

elementos que compõem essa metáfora se distinguem por uma maior ou menor concentração do sema nas partes do elemento que compõem a sinédoque. A metáfora apoia-se no mecanismo de justaposição.

É possível afirmar que há uma concentração maior da noção de barco nas velas que compõem um barco a vela. Nesse contexto toma-se o barco pela parte “velas brancas”. Tal processo caracteriza uma Sinédoque Particularizante cujo recorte efetivado foi o sincrônico. Concomitante a esse processo de adjunção, particularização e concentração de significados tem-se um movimento generalizante ao se tomar a imagem do véu branco que cobre os olhos das viúvas. A imagem misteriosa do véu branco caído sobre os olhos da viúva são evocados como semelhantes à vela do barco. Ele pode representar o disfarce e o ocultamento dos sentimentos da viúva.

Assim, características particulares da viúva são suprimidos. Esta consiste numa metáfora cotidiana na cultura francesa, com a finalidade de transmitir a intensidade da percepção evocada por esta metáfora, basta pensarmos na cor preta relacionada ao luto na cultura brasileira. A cor assume um caráter geral. Cabe ressaltar que dado o aspecto visual desse tipo de metáfora, encontram-se condensadas a cor branca e o formato da vela do barco e do véu da viúva, ambos caídos.

| | |
|--|--|
| <p>D → (I) → A</p> <p>Velas do Barco (Cor Branca) Vêu da viúva</p> <p style="display: flex; justify-content: space-around;"> ↙ ↘ </p> | |
| <p>II Os semas do todo – barco – estão presentes com grande intensidade nessa parte, a saber, vela.</p> | <p>II Os semas concernentes ao luto e à cor branca são suprimidos apresentando uma visada genérica da viúva. Ou seja, apresenta-se o perceptual de uma viúva genérica.</p> |
| <p>Sp vai-se do todo para a parte (barco – vela), há uma distribuição maior dos semas do recorte barco no recorte velas, fazendo com que esta parte se torne figura.</p> | <p>Sg. A cor branca do véu remete a uma convenção social referente ao luto.</p> |

Conforme prometido no capítulo 3 da parte I desta tese, analisar-se-á agora a “alegoria do passeio imaginário” elaborada por Freud no período de nascimento da Psicanálise. Em correspondência ao então amigo Fliess, Freud descreve a estrutura de sua obra sobre a interpretação dos sonhos como sendo análoga a um passeio. A alegoria se compõe por meio do encadeamento de várias metáforas. Dentre estas destacar-se-á a que correlaciona os trechos do caminho com os capítulos do livro.

“A coisa está planejada segundo o modelo de um passeio imaginário. No começo, a floresta escura dos autores (que não enxergam as árvores), irremediavelmente perdidos nas trilhas erradas. Depois, uma trilha oculta pela qual conduzo o leitor no meu sonho exemplar, com suas peculiaridades, pormenores, indiscrições e piadas de mau gosto — e então, de repente, o planalto com seu panorama e a pergunta: em que direção você quer ir agora?” (1900/2006, p.31)

Tomando-se por base o título da obra freudiana, “A Interpretação dos Sonhos”, é possível afirmar que o capítulo central desta obra consiste naquele em que Freud apresenta a motivação principal do trabalho do sonho. No capítulo 3, que tem por título a frase “O sonho é a realização de um desejo”, Freud une a chave, método de associação livre, à fechadura, a citada hipótese acerca do que subjaz ao trabalho onírico. Esta união abre um novo campo epistemológico de produção de conhecimento acerca do existir humano e, conseqüentemente, uma nova forma de interpretar a cultura.

Com base nisso, afirma-se que os significados que viabilizam a concatenação metafórica que se precipita na alegoria do passeio imaginário, como um análogo à estrutura da obra e concomitante descoberta do sentido dos sonhos, concentra-se de modo mais intenso no capítulo 3 e no trecho em que o viajante alcança o cume da montanha.

Cabe ressaltar que o ponto semântico de intersecção que torna possível a ocorrência da centelha metafórica ocorrer é a noção de espaço ou intervalo ($\Delta x = X_f - X_o$). O trajeto do passeio é marcado por três espaços distintos, o bosque escuro, os desfiladeiro e o cume da montanha. Subjaz à noção de passeio o deslocamento e a concomitante alteração da paisagem, das imagens divisadas pelo viajante.

Ao nos depararmos com a percepção da passagem das folhas do livro, seja as escrevendo ou as lendo, tem-se também a noção de um ponto de partida e chegada, deslocamento ($\Delta x = X_f - X_o$). Lembramo-nos das palavras de um amigo que antes de se debruçar sobre o livro objeto de sua atenção o hábito de definir até que página gostaria de ler e colocar o marca páginas na meta pretendida. Ou seja, ele define até onde quer chegar na próxima leitura.

| D → (I) → A | |
|--|--|
| Capítulos (Intervalo) Trechos do Caminho | |
| ↙ | ↘ |
| <p>II Os semas do todo – a obra acerca dos sonhos – estão presentes com maior intensidade no recorte “capítulo 3”. O que o torna figura, destacando-se do fundo.</p> <p>Sp. Para que haja o nivelamento que viabiliza a ocorrência da centelha metafórica vai-se do todo para a parte (Obra – Capítulo).</p> | <p>II Sentidos (semas) que poderiam especificar o caminho percorrido, como por exemplo, uma estrada romana, foram suprimidos. Dessa forma, o caminho se configura como um trajeto comum, genérico.</p> <p>Sg. Para que haja o nivelamento que viabiliza a ocorrência da centelha metafórica vai-se da parte, caminho específico, para a todo, caminho como categoria semântica marcado por estágios ou etapas de deslocamento.</p> |

Segundo Ricoeur (1978) a metáfora não existe por ela mesma sendo necessária a existência de pessoas que a interpretem, ou seja, o contexto da enunciação é imprescindível. Nesse processo, a interpretação da metáfora pressupõe um entendimento literal que se autodestrói devido ao seu significado absurdo. Para que a necessária distorção obtenha êxito é preciso que os falantes compartilhem dos sentidos secundários presentes na língua e cultura na qual estão inseridos; soa realmente absurdo

tentar traduzir "Fulano rodou a baiana." para um grego ou mesmo para o inglês. Sendo o próprio esforço de entendimento um processo de interpretação.

Conforme vimos, a Metáfora Referencial apoia-se no aspecto perceptual e imagético. O âmbito perceptual desse tipo de metáfora foi exemplificado por meio da metáfora que relaciona os trechos do caminho aos três primeiros capítulos da obra "A Interpretação dos Sonhos". A noção de espacialidade presente em ambos foi um dos fatores que viabilizou a efetivação da metáfora. O âmbito imagético inerente à metáfora do tipo referencial foi exemplificada pela metáfora francesa que une a imagens das velas brancas dos barcos aos lenços utilizados pela viúva.

Tendo em mente a metáfora do tipo referencial, na qual ocorre uma maior ou menor concentração de semas em partes do todo, retomemos o conceito de condensação presente no processamento psíquico primário. O processo primário apoia-se na forma livre como a energia psíquica se movimenta nas representações no âmbito Inconsciente, na tendência para a identidade de percepção e na representação imagética dos pensamentos. Haja vista, essa particularidade psíquica e os procedimentos que ocorrem na metáfora referencial, supressão e adjunção de partes que compõem o todo, pensamos que *Mutatis Mutandis* estes podem ser correlacionados.

Todavia, pensamos que caso queiramos contemplar as idiosincrasias discutidas na parte um desta tese no processo de transporte de sentido de uma representação a outra não é suficiente apoiarmo-nos nos aspectos imagético, referencial e perceptual inerentes à Metáfora Referencial. Faz-se necessário contemplar a vivência rítmica do corpo. Desse modo, propomos o termo Metáfora Primária ou Transporte de Sentido para contemplar o processo de transporte (*Metábola*) que funciona de acordo com as regras do funcionamento primário. Este tipo de transporte contempla o fato de que

entramos em contato com a realidade de forma mediada. Bem como os aspectos perceptivos e da comunicação não linguística.

Ao fazermos essa digressão mostrando semelhanças entre o processo de concentração de semas em algumas partes que compõem um todo, em uma metáfora referencial, e o destaque conferido a uma representação no contexto de um sonho, decorrente da condensação não estamos afirmando que Freud tinha conhecimento da teoria linguística. Conforme já afirmamos ao longo desse texto, tal afirmação seria completamente anacrônica haja vista a época em que Freud desenvolveu sua teoria e o tempo em que o grupo *Phi* teceu suas reflexões acerca dos tropos linguísticos. Assim, quando evocamos as semelhanças entre os dois processos tem-se como intuito destacar a influência da estrutura da linguagem na conformação do trabalho do sonho, bem como no processo de formação conceitual em um novo campo de conhecimento.

Haja vista que o estudo da Metáfora Referencial concerne ao âmbito da ciência Linguística estando alocada no grupo dos metassememas. A atribuição de um novo termo tem como diferencial o resguardo do limite epistemológico do saber psicanalítico e do conhecimento linguístico mantendo um ponto de encontro entre estes. Sob uma visão constitucional da linguagem, a formação dos conceitos não ocorre em um plano eidético indiferente aos processos linguísticos. Conforme veremos, ao observar o tipo metafórico conceitual e a metáfora do rio Aqueronte como semelhante ao Inconsciente perceber-se-á um pouco da forma como a metáfora viabiliza novos desdobramentos de sentido auxiliando, por exemplo, Freud no desenvolvimento de seu trabalho clínico. No seu lide dos sintomas neuróticos e na construção de sua metapsicologia.

4.4. METÁFORA DO TIPO CONCEITUAL E O PROCESSO SECUNDÁRIO

Metáfora do tipo Conceitual (Sg+Sp) Σ , Diacrônica

No intuito de entendermos no que consiste a metáfora do tipo conceitual analisemos o seguinte exemplo: “A jovem dança como uma bétula ao vento.” Nesse exemplo ocorre uma analogia entre a árvore bétula e o corpo de uma jovem. O ponto de intersecção sêmica consiste na flexibilidade de ambos. Dada essa característica entende-se que qualquer tipo de árvore cujo caule é flexível poderia ser utilizada na correlação. Assim é perceptível que características particulares da bétula foram suprimidas, tornando-a representativa de uma categoria que abrange todas as árvores flexíveis. Tal processo caracteriza a sinédoque generalizante. Essa metáfora apoia-se sobre um outro nível. Haja vista que o aspecto imagético não é suficiente para estabelecer a correlação entre os termos.

Concomitante a esse movimento de categorização tem-se um movimento de particularização no vocábulo “jovem”. Este ocorre com o acréscimo de semas concernentes à flexibilidade demonstrada pela jovem ao dançar. Este duplo movimento nivela os termos possibilitando que estejam em um mesmo patamar semântico, o que viabiliza a ocorrência do processo metafórico de transporte de significados.

Desse modo, ocorre uma sinédoque generalizante. Pode-se afirmar que a metáfora resultante do encontro dessas duas sinédoques evidencia um esforço de diálogo com as autoridades que fizeram afirmações acerca do que consistiria o sonho.

Além de mostrar um esforço em ser entendido pelos leitores e capturar-lhes o interesse. Ao manter o diálogo com os demais pesquisadores e ao evocar elementos culturais ordinários Freud evita uma postura solipsista ao apresentar sua chave interpretativa para o problema dos sonhos. Tal postura se fez presente nas pesquisas e inquirições elaboradas pelos psicanalistas contemporâneos à Freud e posteriores.

| | |
|--|--|
| $D \rightarrow (I) \rightarrow A$ Inconsciente (fluxo) Aqueronte \swarrow \searrow | |
| Σ Em 1899 Freud, além da noção de <i>Triebrepraesentaez</i> , definiu as regras de funcionamento do processo primário, o papel da censura como elemento deformador, bem como o processo de identificação. | Σ O Rio Aqueronte representa as discussões e o imaginário que povoa a tradição cultural ocidental acerca do inferno de possuir um Eu que contempla sua finitude e não tem domínio sobre si mesmo. |
| Sg. Sentidos (semas) associados ao Ics são suprimidos. Para que houvesse a metáfora o Ics é aqui tomado como uma categoria ampla, ou seja, vai-se da parte para o todo. | Sp. toma-se o todo pela parte, nesse exemplo o Aqueronte representa todo o inferno existencial humano. |

Diferente da metáfora referencial que se baseia em alterações que ocorrem nas imagens, a metáfora conceitual apoia-se nas alterações que ocorrem nos semas. Ao

leitor pode gerar estranhamento esta diferenciação, posto que ambos os tipos de metáfora estão alocados no grupo dos metassememas, que conforme foi dito, congrega as figuras de linguagem nas quais ocorre alterações no sema. Então cabe a pergunta: Qual a diferença entre ambas? A diferença entre ambas evidencia dois tipos diferentes de abordar a realidade. Na primeira apoia-se sobre o aspecto perceptual, na segunda sobre a ordenação da língua conferida pelo significado.

Haja vista a ênfase da metáfora conceitual no aspecto da significação e a forma como este ordena o discurso, *Mutatis Mutandis*, é possível uma correlação entre esta e o processamento Secundário atuante na instancia Pré-Consciente. Posto que para que a Metáfora Conceitual aconteça é necessária uma cadeia semântica *in absentia* compartilhada por determinada comunidade linguística. Todavia pensamos que é necessário o acréscimo do fator “escolha” a esse tipo de metáfora para que possamos melhor ajustá-lo ao conhecimento psicanalítico.

Na visão freudiana dos sistemas psíquicos o fator “escolha” que pode ser efetivado pela pessoa merece consideração. Naturalmente não utilizamos o termo escolha na acepção de uma escolha livre e independente. Conforme apresentado por Freud, o Eu não é senhor da própria casa. Esta noção é por nós evocada no sentido da pessoa que se posiciona e reage ante às estimulações externas e endógenas. No esforço de construir e escolher dentro do que é possível um novo rumo existencial.

Tal fator é inerente ao processo de psicoterapia pela fala. Como vimos no primeiro capítulo da primeira parte, a ressignificação dos sintomas levou Freud e suas pacientes a novas possibilidades de existir no mundo. Com isso em mente, propomos o termo Metáfora Secundária ou Transporte de Significado para definir o transporte que

ocorre por meio de uma cadeia de significados atrelada a signos mediados por meio da comunicação verbal.

4.5. METÁFORAS PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA E O SIGNIFICANTE

ENIGMÁTICO

A Metáfora Primária ou de Transporte de Sentido e a Metáfora Secundária ou de Transporte de Significado atuam de modo concomitante nas pessoas que possuem a capacidade de expressão por meio de uma língua. Pensamos que o ponto de intersecção entre esses dois tipos de transporte é o Significante Enigmático, tal como compreendido por Laplanche (1988). Este termo foi cunhado pelo psicanalista no contexto de sua Teoria da Sedução Generalizada.

Laplanche denomina “teoria da sedução infantil” a teoria da sedução defendida por Freud em 1897. Nesta teoria a criança encontra-se vulnerável devido à sua imaturidade. Os recursos para lidar com o que lhe acontece são insuficientes. A condição de desamparo é condição *sine qua non* para que o traumatismo aconteça. A criança encontra-se num despreparo essencial e aflita diante da arbitrariedade do atentado sexual realizado pelo adulto. Nesta teoria da sedução parceiro obrigatório é o adulto. Mesmo nas situações em que a sedução ocorre entre duas crianças, subentende-se uma sedução prévia eliciada por um adulto.

Dois pontos se destacam pela importância. O primeiro é que a criança num primeiro tempo do traumatismo situa-se num antes, num pré que a separa do que será o segundo tempo. Segundo Laplanche, este pré deve ser tomado em duplo sentido: absoluto e relativo. O primeiro concerne ao período que antecede a erupção da sexualidade. O segundo refere-se à uma etapa anterior da sexualidade infantil. O

segundo é definidor da própria sedução, a saber, a passividade da criança em relação ao adulto.

Laplanche questiona a validade do descarte freudiano de todo esse desenvolvimento teórico por conta da noção de “fantasia”. Cabe ressaltar que este desenvolvimento se deu de forma concomitante aos atendimentos clínicos de pacientes neuróticos. Nesse ínterim a sedução e a passividade se faziam presentes na histeria e na neurose obsessiva. Neste último a passividade soma-se às atividades agressivas praticadas com prazer durante a participação em situações cuja tônica são atos de teor sexual. Esta teoria da sedução se desenvolve em três âmbitos: temporal, tópico e tradutivo. Todos interagindo entre si e complementares. Vejamos o aspecto temporal expresso por meio das palavras de Laplanche:

“O aspecto temporal da teoria da sedução é a chamada teoria posterior ou do traumatismo em dois tempos. Postula que nada se inscreve no inconsciente humano senão na relação de ao menos dois acontecimentos separados, no tempo, por um momento de mutação que permite ao sujeito reagir de forma diferente da primeira experiência. O primeiro tempo, o do terror, confronta um sujeito não preparado com uma ação sexual altamente significativa, mas cuja significação não pode ser assimilada. Deixada em espera, a lembrança em si mesma não é patogênica nem traumatizante. Só se o torna pela sua revivescência por ocasião de uma segunda cena que entra em ressonância associativa com a primeira. Mas, devido às novas possibilidades de reação do sujeito, é a própria lembrança, e não a nova cena, que funciona como fonte de energia libidinal interna, auto traumatizante.” (1988, p.112)

A criança sente-se paralisada devido à quantidade de estímulos corporais. Após o amadurecimento, outras vivências são experienciadas e à situação inicial é conferida uma interpretação sexual. Este tempo auto traumatizante encontra sua saída na retirada da representação da consciência. Mecanismo conhecido como Recalque, o qual estabelece o Inconsciente. Caracterizando o aspecto tópico da teoria da sedução.

“Enfim, ao lado destes pontos de vista temporal e tópico, também se desenvolve a teoria da sedução sobre um plano (não linguístico mas) da linguagem, incluindo, como Freud sempre o fará, todos os modos articulados de comunicação neste termo de linguagem (nota de rodapé: É o campo coberto pela semiologia segundo Saussure).” (1988, p.112)

Das palavras de Laplanche depreende-se que o aspecto tradutivo do trauma diferencia aspectos linguísticos, comunicação por meio do discurso ordenado, e formas não verbais de comunicação. O aspecto tradutivo concerne à reintrodução do sinal de percepção que foi marcado na infância. Sinal que por meio dos mecanismos de Deslocamento e Condensação é retraduzido e reinserido na Consciência, se imprimindo como as cenas que são rememoradas na Associação Livre.

Convém ressaltar que a comunicação entre o adulto e a criança se desenvolve inicialmente em um plano semiológico (de linguagem) porém não ainda linguístico. Por exemplo, a mãe que amamenta o bebê percebe os sinais de fome e lhe provê o seio. Por mais que a mãe fale com a criança, esta ainda não possui o aparato neurológico plenamente capaz de entender a língua falada pela mãe.

Ainda segundo Laplanche (1988), o aspecto tradutivo foi gradativamente perdendo proeminência na teoria freudiana. Porém, foi enfatizada por Ferenczi no artigo “Confusão de linguagem entre os adultos e a criança”. Neste o pai, protagonista da sedução infantil, cede lugar à mãe na dita relação pré-edipiana. Caracterizando a sedução precoce. Esta se configura por meio dos cuidados corporais prodigalizados à criança pela solicitude da mãe. Cuidados nos quais as fantasias de Desejo inconscientes funcionam plenamente.

No contexto desta discussão, este psicanalista evoca as palavras de Freud quanto à centralidade do papel desempenhado pela mãe: “Aqui a fantasia toca o solo da

realidade, pois foi efetivamente a mãe que, no desempenho dos cuidados corporais, necessariamente provocou e talvez mesmo despertou pela primeira vez sensações de prazer no órgão genital.” (Freud, 1915/2006, p. 156)

Cabe a ressalva de que a teoria inicial da sedução proposta por Freud compreende o final da década de 1890 enquanto que a última citação compreende uma época em que muitos aspectos que Freud tateava no nascimento da Psicanálise já se encontram estabelecidos como certezas. De certo modo, a noção de zonas de estimulação do corpo funcionando *pari passo* com os processos psíquicos se faz presente desde o início das pesquisas psicanalíticas mesmo que, naturalmente, sem o mesmo nível de elaboração dos trabalhos posteriores à obra “A Interpretação dos Sonhos”.

“Trata-se aí de um passo capital na via que nos faz voltar atrás não somente no tempo (trata-se dos primeiros meses) mas na categoria de realidade em que é preciso situar os fatos da sedução. Pois não se trata mais exatamente de pura realidade fatural (*Realität*) mas de efetividade (*Wirklichkeit*), categoria que nos leva além da contingência e da peripécia: trata-se de uma sedução necessária inscrita na própria situação. Em compensação, Freud falha em analisar o que constitui esta universalidade e a caracterizaria como um dado humano fundamental; não chega a introduzir o inconsciente parental (mas isto é muito geral na sua análise da situação pais-criança); falha sobretudo em restituir esta sedução precoce no conjunto teórico que lhe conferiria todo o seu valor. E tão artificial distinguir, como o fizemos por comodidade, a linha da faturalidade da linha da teoria: uma teoria da sedução generalizada só pode se desenvolver se estabelecemos com precisão a efetividade da sedução originária; inversamente, sobre o solo de uma teoria combinando um biologismo da pulsão e uma antropofilogênese das fantasias, Freud não podia levar a bom fim sua reavaliação do fato sedutivo.”(Laplanche,1988, p.116)

Para o psicanalista, sua Teoria da Sedução Generalizada permite o ultrapassar da suposta oposição entre o real e a fantasia. Ou seja, o real da efetiva troca sexual entre

um adulto e a criança e a fantasia de seduzir ou ser seduzido. Esta reflexão teórica se baseia na interrogação quanto à dinâmica do binômio atividade-passividade. Interrogação cuja resposta é indissociável da pulsão e de seus possíveis destinos. Freud afirma que “cada pulsão é um pedaço de atividade, quando se fala de maneira negligente de pulsões passivas, só se pode querer dizer pulsões a fim passivo”. (Freud, 1915/2007. p.148). Dito de outra forma, uma pulsão é sempre ativa, no entanto pode-se tomá-la como passiva caso tomemos como referência sua finalidade. Dado o desamparo do recém-nascido a confrontação da criança com o mundo adulto configura uma relação essencial de atividade-passividade, ligada à evidência de que o psiquismo parental é mais rico que o da criança. (Ferenczi,1933/1992)

Este mundo adulto não é o da *res extensa*, ou seja, da materialidade das coisas que impedem seu avanço por meio do atrito e da massa que ocupam no espaço. O mundo do adulto concerne ao *res cogitans*, ao mundo dos jogos de linguagem inseridos em uma comunidade linguística permeados pelo Inconsciente sexual dos cuidadores da criança. Ou seja, abrange conteúdos linguísticos e conteúdos semiológicos que antecedem a linguagem, tais como gestos, mímicas e afetos.

Acerca desse mundo Laplanche (1988, p.118) afirma que o mesmo “caracteriza-se pelas mensagens (linguísticas ou simplesmente semiológicas: pré ou para linguísticas) que questionam a criança antes que ela as compreenda, e às quais deve dar sentido e resposta (o que vem a dar no mesmo)”. Este psicanalista critica o conceito lacaniano de simbólico, o qual fundamenta a máxima “O inconsciente é estruturado como linguagem”. Para o primeiro a manifestação do Inconsciente é irreduzível somente às potencialidades polissêmicas de uma linguagem em geral. Disso decorre a definição dada por Laplanche de Significante Enigmático:

“Pelo termo sedução originária qualificamos, portanto, esta situação fundamental na qual o adulto propõe à criança significantes não verbais tanto quanto verbais, e até comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes. Do que chamo significantes enigmáticos, não é necessário procurar longe para encontrar exemplos concretos. O seio é um destes, visto que há um investimento sexual e inconsciente pela mulher. A cena originária do coito dos pais também o é, devido a existência de fragmentos inassimiláveis porque parcialmente inconscientes para os próprios atores.”

Cabe lembrar que os mecanismos de funcionamento primário e secundário atuam de modo concomitante no psiquismo humano. As expressões não verbais se fazem presentes, juntamente com as verbais, no cotidiano da clínica. Haja vista, as descrições das expressões corporais da sintomatologia histérica. Conforme no relato de caso da paciente Frau Cecilie M. presente na obra “Estudos sobre Histeria” no momento em que o sintoma de paralisia facial da paciente se dissolve:

“Quando comecei a evocar a cena traumática, a paciente viu-se de volta a uma época de grande irritabilidade mental em relação a seu marido. Ela descreveu uma conversa que tivera com ele e uma observação dele, que ela havia sentido como um amargo insulto. De repente, levou a mão à face, soltou um grito agudo de dor e falou: “Foi como uma bofetada em meu rosto.” Com isto, tanto sua dor, quanto o ataque, chegaram ao fim.”

Em um período posterior da obra freudiana, quando de seu atendimento do paciente que ficou conhecido como “O homem dos ratos”. Quando este revela sua apreensão obsessiva, Freud "observa no seu rosto a expressão complexa e bizarra, expressão que não poderia traduzir de outra forma senão como sendo o horror de um gozo (sentido) dele mesmo ignorado" (Laplanche, 1988)

“Evidentemente, na minha expressão, o sentido é ignorado por aquele que propõe o significante. Mas este retorno que faço ao Homem dos ratos conforta meu ponto de vista em dois aspectos. Por um lado, Freud não recusava fazer-se atento aos significantes enigmáticos não verbais (aqui: a expressão de um rosto). Por outro lado, a análise (auflösen) ou, como dizem os tradutores, a

tradução, se faz em linguagem verbal.. Esta reina na cura, mas não é porque Freud traduz a mímica do homem dos ratos em palavras que esta estivesse de imediato impregnada de palavras. Quanto a saber se é preciso ter a linguagem (verbal) para sorrir, e se os animais não sorriem, eu não poderia decidir: mas penso, contrariamente a Stein, que as mãos de uma mãe podem veicular desejos sexuais inconscientes sem implicar de forma alguma a linguagem. Como poderia ser diferente, se o mais profundo do ics é feito de representações-coisas (e mesmo as representações de palavra, se existem aí, estão no estado de representações-coisas ou, como digo, de significantes des-significados).”” (Laplanche, 1988 p.123)

O processo de interação entre os conteúdos não verbais e as expressões linguísticas justifica nossa afirmação de que o Significante Enigmático se constitui na área de intersecção da Metáfora Primária ou Transporte de sentido e a Metáfora Secundária ou Transporte de significado. No contexto da formação do sintoma onírico esse processo constitui a vivencia do Proto-Sonho e seu subsequente relato pelo Eu desperto.

CONCLUSÃO DA PARTE II

A segunda parte da tese teve como foco de estudo a significação, tal como compreendida por Saussure, Jakobson, Lacan e o Grupo *Phi*. As implicações decorrentes das correlações feitas por Roman Jakobson e Jacques Lacan entre os mecanismos primários e os tropos linguísticos, na produção de significado, também foram estudadas. Optou-se pelo estudo do “significado” por meio da ciência linguística pelo fato dele compor o pilar central da língua, a qual consiste no objeto de pesquisa da ciência fundamentada por Saussure.

Vimos que na época de Saussure os estudos acerca da língua eram predominantemente diacrônicos e almejavam o entendimento acerca da forma com que ela se transformou ao longo do tempo. Outra forma de empreender o estudo da língua foi o sincrônico. Neste é feito o destaque da língua em determinada época e tem-se como objetivo o entendimento do sistema de organização da língua. Tal postura o levou à certeza de que a língua consiste num sistema abstrato composto por regras de ordenação e formação. Cabe ressaltar que para o linguista o termo “abstrato” não imiscui a língua dos processos históricos.

Para ele é indissociável o estudo da língua e a pesquisa histórica. A língua evidencia a história de um povo, suas tradições e cultura. Para ele a língua é o produto que a pessoa registra predominantemente de maneira passiva. Nesse enfoque a participação ativa da pessoa ante a língua é exercida no trabalho de classificação dos elementos que a compõem. A fala, por sua vez, concerne à idiosincrasia daquele que se expressa pela língua. Caracteriza-se como um ato particular de vontade, por meio do qual o falante combina os elementos da língua a fim de se expressar. Abrange também os aparelhos psicomotores que permitem essa expressão.

Outros dois conceitos receberam nossa atenção nesta parte da tese, a saber, significante e significado. O primeiro concerne às imagens acústicas enquanto que o segundo tem como escopo conceitual as noções e conceitos associados à determinada palavra (conjunto de sons). Cabe lembrar que Saussure é cuidadoso em sua elaboração teórica resguardando a importância do referente. Este consiste na coisa associada ao significante e ao significado.

Construída essa base conceitual, debruçamo-nos nas reflexões desenvolvidas por Roman Jakobson. Este discorda da colocação saussuriana de que a diacronia e a sincronia se relacionam de modo dicotômico. Para ele, a interação é dinâmica e não excludente. A auto expressão de determinado falante em uma língua, sincronia, altera ao longo do tempo, diacronia, a língua. Tal concepção considera a vivência subjetiva do tempo bem como o processo interpretativo do pesquisador.

A singular diferença existente na concepção da interação entre sincronia e diacronia proposta por Saussure e Jakobson deve-se ao fator tempo. Para o primeiro o tempo é concebido de forma linear e física. A noção de tempo proposta pelo segundo acrescenta a subjetividade à história. Ou seja, ele propõe uma interação dinâmica entre a sincronia e a diacronia. Para ele as transformações linguísticas não ocorrem de maneira aleatória visam o sistema, sua estabilização ou reconstrução. Por outro lado a descrição sincrônica não exclui a noção de evolução.

Conforme dito, ganha centralidade na reflexão de Jakobson a noção de tempo e, principalmente, a experiência de tempo vivida por quem fala e poetiza. Para entendermos sua concepção se faz necessário o esclarecimento de dois fatores: a sucessão de significantes em um enunciado e a pluralidade de significações que são evocadas na enunciação destes significantes. Tal associação se evidencia na arte

literária posto que os próprios sons das palavras evocam a diversidade de cenários e de significados.

Cabe lembrar que além de ser linguista Jakobson, estudou a semiótica, a teoria da comunicação, a psicanálise freudiana, bem como o problema das afasias. Sendo o mote de sua busca o entendimento dos fatores que diferenciam a linguagem poética da linguagem prática.

Neste contexto os autores russos Chklovsky, Jakubinsky, Polivanov e Kushner atribuíram ao som o papel central na linguagem poética. Enquanto que na linguagem prática a ênfase recai sobre o significado do palavras. Conforme vimos no capítulo três dessa segunda parte da tese, a ênfase quanto ao papel do significante foi assumida por Jacques Lacan.

Cabe ressaltar o destaque atribuído pelo linguista ao estudo da semiótica, teoria geral dos signos, e a diferenciação entre linguagem verbal e não-verbal. A primeira se manifesta por meio de símbolos mediadores enquanto que o segundo tipo refere-se a signos indiciais e icônicos. À linguística caberia o domínio de estudo dos signos verbais, ou seja, a comunicação de mensagens verbais.

As reflexões de Jakobson quanto à teoria de Saussure se reapresentam no texto “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia” (1956). Este texto nos é de especial interesse, haja vista que nele são tecidas considerações quanto aos mecanismos inconscientes de Condensação e Deslocamento e os tropos linguísticos metáfora e metonímia. As pesquisas iniciais de Jakobson acerca desses tropos diferenciam-se das pesquisas do linguista Kruszewski, o qual apontou esses tropos como dois polos ou eixos da língua, pela sua aplicação não somente no âmbito da ciência da língua mas também nos âmbitos da poética e da teoria da arte.

Jakobson (1995d, p. 135) retoma Saussure ao afirmar que ao código linguístico são possíveis dois tipos de arranjo: a combinação (contextura) e a seleção (substituição). A combinação pode ocorrer por concatenação. Os estudos acerca das afasias trouxeram luz ao entendimento das situações em que essas duas formas de arranjos dos signos falham. Comprometendo a comunicação.

As perdas desses recursos comunicativos evidenciam de modo inverso o processo de aquisição da linguagem. Disso decorre o estabelecimento das categorias “distúrbios de contiguidade” (combinação e contextura) e “distúrbios de similaridade” (seleção e substituição) para classificar a forma de apresentação das afasias. Essas duas categorias configuram-se como dois polos extremos sendo os diversos tipos de afasias graus nesse intervalo. O distúrbio por contiguidade se caracteriza por deficiências no processo de combinação, as quais se manifestam pela perda dos elos de comunicação do enunciado.

O distúrbio por similaridade se caracteriza por uma deficiência na seleção de palavras. Posto que a contiguidade fundamenta a metonímia “A metonímia é incompatível com o distúrbio da contiguidade.” (Jakobson, 1969, p. 55). Incompatível porque nesta ocorre a falha. Nos distúrbios por similaridade é deficitário o processo de seleção e substituição. Expressando-se como uma incapacidade de nomear os objetos. Conforme vimos no exemplo do lápis. Nesse caso, “a metáfora é incompatível com o distúrbio da similaridade.” (Jakobson, 1969, p. 55).

Baseado nesses dados Jakobson (1969, p. 61) afirma que a seleção e a combinação fundamentam os mecanismos de mediação por símbolos, seja na arte e na literatura, quanto nos âmbitos social e subjetivo. Nesse momento ele evoca a obra freudiana “Interpretação dos Sonhos” e afirma que a questão decisiva na elucidação da

estrutura dos sonhos consiste em saber se os símbolos e as sequências temporais se baseiam na contiguidade (“transferência” metonímica e condensação sinedóquica de Freud) ou similaridade (“identificação” e “simbolismo” freudianos). Em entrevista concedida a Pomorska ele faz um apanhado de sua caminhada como pesquisador, sinalizando seu interesse quanto às particularidades da fala dos esquizofrênicos.

Com isso vimos que a pesquisa quanto à *differentia specifica* da poesia levou o estudioso Roman Jakobson a diversos campos de produção de saber. Seja pelo aspecto dos signos, do significado, da simbolização ou clínico, esta postura o aproximou do problema acerca do que é passível de ser dito pela linguagem, tal como discutimos no capítulo três da parte I. A pergunta delimitada por Paul Ricouer vem ao encontro do questionamento dos formalistas russos.

Cabe destaque a consideração feita por Roman Jakobson acerca do aspecto temporal e sincrônico da fala. Bem como ressaltar que mesmo que os linguistas Kruszewski e Roman Jakobson ressaltem o papel da sonoridade do significante na poesia, eles resguardam o pressuposto epistemológico linguístico da prevalência do significado para o entendimento de um enunciado e para a pesquisa da língua.

Lacan, por sua vez, inverte o teorema saussuriano afirmando a prevalência do significante ante ao significado. Pensamos que tal inversão descaracteriza uma possível correlação com a ciência Linguística por desconsiderar o pressuposto basilar desta ciência. Algo como construir uma ponte na intenção de ligar duas cidades e as coordenadas que especificam a localidade de destino serem mudadas. Posto que estas a caracterizam.

A alteração feita por Lacan recebeu a crítica de Roman Jakobson. Para este o psicanalista não fazia Linguística. Espirituosamente, em sua própria defesa, Lacan

afirma não fazer linguística e sim “linguisteria”. Vocábulo original formado por condensação dos termos “linguist” e “isteria”. Este neologismo evidencia seu esforço em ajustar as complexidades do estruturalismo no estudo da língua e a inovação freudiana na escuta do Desejo das pacientes histéricas.

A amplitude com que utiliza os termos *significante* e *significado* remete ao processo de simbolização que ocorre na mente humana e às deformações eliciadas pelo Desejo na fala humana. Sua afirmação de que “O Inconsciente está estruturado como linguagem” foi analisada segundo a concepção tópica freudiana. Conforme vimos no capítulo 2 da parte I, Freud discriminou as regras do processamento primário atribuídas à instância Inconsciente, diferenciando-as das regras sintáticas. Sob essa concepção o funcionamento das regras sintáticas é responsabilidade da instância Pré-Consciente.

A analogia entre o modo de funcionamento do Inconsciente e a linguagem feita por Lacan visa destacar o âmbito simbólico atuante no primeiro. Todavia, restringe as diferenças no modo de funcionamento do “*Fuero*” primário e as regras “napoleônicas” do processamento secundário. Outro aspecto que foi destacado ao longo do capítulo três desta parte II foram as implicações da noção de referente na releitura proposta pelo psicanalista. Mesmo que Freud considerasse que temos contato com as coisas do mundo por meio das associações geradas em nosso aparelho perceptual pelos estímulos, seguindo a tradição naturalista, ele resguarda a existência do referente, fato desconsiderado por Lacan. A coisa externa ao psiquismo cuja presença no mundo independe de nossa observação.

No contexto maior de nossa tese é oportuno o questionamento: Com a releitura proposta por Lacan, como o sentido se articula à significação? Conforme vimos na primeira parte dessa tese o sentido é ligado ao Desejo do sonho. De nossa leitura

compreendemos que para o psicanalista o Desejo desliza por contiguidade na cadeia significante. Desse movimento emerge o significado.

Os linguistas que compõem o Grupo *Phi* também teceram críticas à Lacan. Estes tiveram como foco de seus apontamentos a generalidade da definição lacaniana de metáfora e o equívoco na afirmação de que o verso “*Booz Endormi*” de Victor Hugo caracterizaria esse tropo linguístico. Segundo a classificação desse grupo, o exemplo apresentado consiste numa Metonímia ou Sinédoque Particularizante. A busca pelo entendimento do contexto em que essas críticas foram tecidas, fez-nos debruçar na classificação dos tropos linguísticos elaborada por este grupo. Esta classificação foi influenciada pela fenomenologia desenvolvida por Edmund Husserl. Nesta os tropos linguísticos Sinédoque Particularizante, Sinédoque Generalizante e Metáfora estão categorizadas no grupo dos metassememas. Neste se fazem presentes as figuras de linguagem cujas alterações ocorrem nos semas.

Cabe lembrar que para que uma metáfora aconteça é necessária a equiparação de dois termos. Um que se restringe, formando uma Sinédoque Particularizante, e outro que se expande, formando uma Sinédoque Generalizante. O ajuste viabiliza a área de intersecção para que haja o transporte de significações. O grupo Phi descreve dois tipos de metáfora, a saber, Referencial e Conceitual. A metáfora Referencial apoia-se no referente e é baseada em imagens. Os processos de supressão e adjunção ocorrem nas partes do referente. A metáfora Conceitual apoia-se na semântica, como o nome indica, nos conceitos. Os processos de supressão e adjunção ocorrem nos semas.

Com base nesses tipos propôs-se a delimitação de dois outros tipos de metáfora. Buscou-se resguardar os limites teóricos psicanalíticos e linguísticos. Esses conceitos apoiam-se na noção grega do termo metáfora. Eles foram chamados de Metáfora

Primária e Metáfora Secundária, ou ainda, Transporte de sentido ou Transporte Semântico ou de significados.

A primeira apoia-se no referente, nas associações de objeto, possuindo caráter imagético e perceptivo. Sua nomenclatura evoca as características do processo primário definidas por Freud com base no trabalho do sonho. Um dos aspectos que a distingue da metáfora referencial definida pelo Grupo *Phi* é a centralidade da noção de vivência dos estímulos exógenos e endógenos. Estas vivências são experimentadas de modo ritmado e cíclico corporalmente. Por exemplo, os ciclos de necessidade do bebê: nutrição, sono e higiene do corpo. Haja vista que se apresenta de modo imagético, tal como o Protosonho, pode ser composta por justaposição. O modelo de seu nível de troca é a interação mãe-bebê no período de dependência absoluta. Troca não verbal apoiada no soma.

A Metáfora Secundária ou de Transporte Semântico fundamenta-se nos princípios lógicos e ordenadores do discurso. O transporte ocorre por meio de uma cadeia de significados *in absentia* compartilhados por determinada comunidade linguística. Nesta metáfora se destaca o esforço do Eu Consciente em se fazer entendido por meio da fala e de convencer por meio do argumento.

Conforme vimos na parte I desta tese o sentido é marcado pelas vivências corporais infantis e, tal como os sintomas, se apresenta como uma solução de compromisso entre as diversas instâncias. Podendo ser atualizada por meio da fala, por meio do discurso organizado. Esse pressuposto não poderia ser ignorado na classificação proposta por nós. Ou seja, esses dois tipos de metáfora não constituem categorias independentes entre si. O ponto de ligação entre ambos é manifesto pelo Significante Enigmático, tal como definido pelo psicanalista Laplanche.

Por meio da definição desses dois tipos de metáfora buscou-se propor uma correlação alternativa entre os Tropos Linguísticos e os sistemas de funcionamento primário e secundário. Esta definição resguarda os limites epistemológicos de ambas as ciências. Bem como as idiosincrasias na forma como cada instância lida com as representações.

PARTE III – SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO SE UNEM POR MEIO DAS REPRESENTAÇÕES DAS FUNÇÕES SINTÁTICAS

INTRODUÇÃO PARTE III

Após havermos estudado a forma como o sentido se apresenta na formação onírica por meio do processo interpretativo e termos nos debruçado sobre os fundamentos da ciência linguística, dedicar-nos-emos à reflexão quanto ao modo com que o sentido se apresenta por meio da sintaxe. Nas duas primeiras partes da tese tomou-se como base o período que abrange o desenvolvimento do Método de Associação Livre, o processo de qualificação da equivocidade e do valor da fala dos pacientes e as conclusões teóricas que disso decorre.

Dentre essas conclusões destacou-se a distinção entre as regras que caracterizam o Inconsciente e o funcionamento primário e as regras de ordenamento dos significados por meio da sintaxe. Estas últimas tendo como campo de atuação as instâncias Pré-Consciente e Consciente. Cabe ressaltar que estas instâncias não consistem em lugares fixos mas concernem a modos diferentes de lidar com as representações.

Dito de outro modo, as duas partes anteriores da tese discutem as noções de sentido e significação por meio da ótica freudiana do período das grandes descobertas. Período em que ocorre uma profusão de fenômenos descritos e que marcam a delimitação do método de produção do saber psicanalítico, bem como o estabelecimento de seu campo epistemológico. Nesta terceira parte, abordar-se-á o problema da relação entre o sentido e o significado por meio da ótica presente nos artigos metapsicológicos escritos no período que marca o início da Primeira Grande Guerra. O intervalo que abrange os anos de 1914 até o ano de 1916.

Na produção científica freudiana, esse período denota o esforço do psicanalista em delimitar os conceitos psicanalíticos no âmbito maior de sua teoria. Concepções que existiam como botão na obra “A Interpretação dos Sonhos”, apresentam-se como flores nestes artigos. Por exemplo, a noção das vivências corporais infantis que se apresentam durante o processo associativo via lembranças encobridoras e a posterior definição em 1915 dos componentes da Pulsão (*Trieb*). Esta parte da tese guarda uma relação de proximidade com os temas sobre os quais nos debruçamos durante a escrita de nossa dissertação de mestrado, “Pulsão, Modos Verbais e os Tempos Vividos por Aliòcha Karamazov”. Pensamos que essa intimidade de temas é salutar, posto que amplia e confere caminhos seguros para que avancemos em direção à uma conclusão acerca da hipótese que nos move.

Esta terceira parte da tese trata da hipótese de que o sentido e a significação se unem por meio das representações das funções sintáticas. Tomar-se-á como base o conceito de pulsão e a concepção do linguista Gustave Guillaume sobre a presença do sistema de fala como um potencial na mente do falante que pode ser atualizado. Comum à Freud e Guillaume está a importância da noção de atos motores e psíquicos.

Conforme vimos, o processo de maturação do soma e vivência do próprio corpo permite que o infante realize atos que irão configurar seu psiquismo. Servindo de modelo para os atos e operações psíquicas de transporte de sentido e significações – processo de metaforização. O linguista, ao voltar sua atenção para o processo de sincronia, percebe a importância da dimensão tempo e a série de atos mentais que culminam na produção de uma palavra ou sentença. Assim, é inerente à teoria de ambos a qualificação da vivência temporal pelo falante. Vivência que é construída por meio da sucessão de atos.

Para o linguista, o ato se inicia com o desejo do Eu de se expressar e se conclui com o proferimento de uma sentença. Ou seja, as significações que o falante almeja exprimir são configuradas e ordenadas pela função sintática assumida na frase. Para Freud, o ato de descarga pulsional se inicia com a pressão pulsional, gerada pelo estímulo endógeno da fonte pulsional, e se conclui com a satisfação pulsional. Um ato que parte da posse de um corpo excitado pulsionalmente e que demanda a execução de um trabalho a fim de que a satisfação seja alcançada.

Em nosso intento de articular as duas teorias, o pressuposto guillaumiano de que somente com base nos significados é que é possível afirmar que o sistema de fala é um sistema ordenado adquire papel central. Haja vista que o diferencial da pulsão nos humanos é que estas se ligam à significações. Estas adquirem o papel de ponte entre as duas teorias. Posto que a pulsão (*Trieb*) se articula com o Desejo (*Wunsch*), cuja realização é expressa por meio do sonho, é coerente buscar o entendimento da forma com que o sentido se articula às significações que emergem da interpretação do relato do sonho por meio do conceito de pulsão. Por fim analisar-se-á os componentes representacionais do relato do sonho na busca de entendimento da forma como o sentido do trabalho do sonho se ajusta às classes gramaticais apresentadas no relato do sonho

Monografia Botânica.

CAPÍTULO 1. A SINCRONIA E O PROCESSO DE ATUALIZAÇÃO DO POTENCIAL DA FALA

1.1. NOÇÕES BASILARES DE PSICOSSISTEMÁTICA

“Pensar leva tempo, assim como andar” (Guillaume, 1945, p.32)

O linguista Gustave Guillaume voltou sua atenção para o processo de interação entre a língua e a fala. Ele considerava que para que o estudo da língua pudesse ser considerado completo devia-se também traçar o processo de formação sincrônico da fala. Nesse âmbito o aparelhamento psíquico e motor que viabilizam a fala adquirem importância. Haja vista que seu foco de pesquisa volta-se para o momento em que ocorre a passagem do sistema de língua presente na mente de uma pessoa para a fala enunciada por esta mesma pessoa.

O ramo da ciência linguística por ele desenvolvido chama-se Psicossistemática. Todavia, apesar do interesse no que transcorre na virtualidade da mente do falante e a utilização do prefixo “psico” na nomenclatura do ramo por ele desenvolvido, o cientista é categórico ao afirmar que os limites epistemológicos entre as ciências neurológicas, psiquiátricas e psicológicas não são invadidos. Ele assevera que suas pesquisas sobre a fala na mente não revelam a natureza do pensamento, em suas palavras:

“O estudo da forma, Psicossistemática da fala não leva ao conhecimento do pensamento nem de como este funciona, como tem sido erradamente suposto. Leva para algo diferente, a saber, o conhecimento dos meios inventados pela mente através das eras para permitir a quase imediata apreensão do que está ocorrendo consigo própria”. (GUILLAUME, 1984, p. 51-2)

O desenvolvimento da Psicossistemática apoia-se sobre os pressupostos saussurianos relativos à centralidade do papel desempenhado pelo significado no

sistema da língua, como na preocupação com as interações entre língua e fala. Para Guillaume as significações emergem na mente do falante como decorrência da interação deste com o mundo, a partir daí, também surge a motivação para a auto expressão e subsequente compartilhamento. A produção de um discurso sobre si ou acerca do mundo que o envolve dá-se via o sistema de língua na fala, ou seja, por meio da atualização da língua na fala. A pergunta feita pelo linguista foi: Como se dá a passagem do sistema abstrato da língua para a fala ordinária dos sujeitos?

Ele parte do pressuposto de que a língua é um sistema de significações potenciais na mente do falante, que de acordo com a vivência pessoal é atualizado na fala. À esse *missing link* que conecta temporalmente a língua e a fala ele denominou “tempo operativo”. O tempo no qual o sistema potencial é atualizado na fala. Com isso, ele conferiu dinamismo à supracitada dicotomia. Posto que, cabe reiterar, o tempo operativo possibilita a temporalização do sistema de língua na mente do falante. Concomitante ao estabelecimento desse postulado surge o desafio de aplicar o método comparativo ao estudo das formações de sentido expressas na fala.

O método científico utilizado tanto na diacronia quanto na sincronia chama-se método comparativo. A diferença consiste no conteúdo que é comparado e no intervalo de tempo que divide as amostras coletadas. Na diacronia são os signos linguísticos, o intervalo de tempo abrange o momento vivido pelo cientista recuando rumo à gênese histórica da língua. Na sincronia são as regras sintáticas das línguas que são comparadas. O tempo perde destaque quando comparado à ênfase conferida ao estudo das regras da língua.

A alteração inicial efetuada por Gustave Guillaume no método comparativo foi a diminuição do espaço temporal de análise no qual os exemplos analisados são gerados.

Ou seja, o tempo considerado não abrange os séculos de uso que acabaram por alterar os signos e significantes associados aos significados, investigam-se os milésimos de segundo entre o pensamento e a produção da fala. Posto que o pensamento não possa ser apreendido *per si*, a razão de ser da teoria de Guillaume é o significado subjacente à fala e como este se articula com o ordenamento sintático.

Para ele é o estudo do significado, e não do signo ou significante, que possibilita afirmar que a língua é um sistema ordenado, dinâmico e mental. Decorarmos os signos linguísticos e conhecer a cadeia sonora de determinada língua não nos possibilita tornar comum fatos inerentes à nossa existência.

Nesse ínterim, a linguagem é vista como uma habilidade adquirida e exercitada individualmente por falantes inseridos numa comunidade linguística. A partir do momento que a pessoa interioriza o uso da linguagem, tornando-se capaz de se comunicar por meio dela, um processo reflexivo se estabelece. As significações direcionam a expressão sintática do falante, concomitante a esse processamento mental, a linguagem com suas regras e ordenamentos reconfiguram os processos mentais. Cabe ressaltar que com isso não almejamos postular um instante “mágico”, abrupto, em que o falante se torna apto à expressão linguisticizada. Pensamos que esse processo de aprendizagem se dá via jogos de linguagem, tal como definido por Wittgenstein (1992).

Lembrando que "os jogos de linguagem são as formas de linguagem com que a criança começa a fazer uso das palavras" sendo esses jogos concatenados com uma finalidade prática. (Wittgenstein, 1992, p. 47) Posterior à supracitada definição de jogos de linguagem proposta no Livro Azul outra mais abrangente foi dada nas "Investigações Filosóficas", a saber, "chamarei também de jogos de linguagem o conjunto da linguagem e das atividades com as quais esta está interligada". (Wittgenstein, 1999,

p.30) Com essa definição está uma das inovações do pensamento wittgensteiniano, pois com ela a barreira que separa a interpretação da execução e o processo de significação da aplicação se rompe. Dessa forma o pilar sobre o qual se apoia a teoria comum da linguagem, no qual as palavras possuiriam uma essência intrínseca que conectaria o significante ao significado é comprometido diante da argumentação wittgensteiniana de que só se pode dizer que uma regra foi aprendida quando esta puder ser aplicada.

Desse modo a questão se configura como um processo. O quadro abaixo sintetiza as diferenças na aplicação do método comparativo por pesquisadores que privilegiam a diacronia, por Saussure e por Guillaume. Ressaltamos que buscamos intensificar as “tensões” entre a diacronia e a sincronia com fins didáticos, no cotidiano de pesquisa a linha é demasiada tênue. Cabe a ressalva de que o quadro abaixo as palavras encontram-se formatadas em um número menor. Isso foi feito no intuito de que o quadro ficasse completamente em uma página somente para que seja facilitada ao leitor a visão geral do quadro.

| Método Comparativo | | | | | |
|--|--------------------|--|----------------------------|--|--|
| Linguista | Campo de Aplicação | Duração temporal do fenômeno produzido | O que é comparado? | Forma Condicionante (Ponto Causal de Reconstrução) | Formas Condicionadas (Fenômeno Linguístico Observado) |
| Estudos tradicionais da história das línguas | Diacronia | Séculos | Signos linguísticos | Raiz fonética. Exemplo: * <i>fo</i> t | Transformação dos signos na história. Exemplo: <i>fo</i> ot e <i>vo</i> et |
| Saussure | Sincronia | Período de tempo estipulado pelo pesquisador | Línguas contemporâneas | Ordenamento da língua. | Estrutura da língua. |
| Guillaume | Sincronia | Milissegundos | Diferentes usos cotidianos | Sistema potencial de significados. Exemplo: Continuidade e Descontinuidade | Atualização na fala dos significados expressados (Tempo operativo) Exemplo: Uso da partícula -s. |

Com a finalidade de explicitarmos o proceder de Guillaume, tomemos quatro usos cotidianos que evidenciam o sistema do número no substantivo. A argumentação

presente nos parágrafos seguintes consiste numa adaptação para a língua portuguesa do exemplo presente na obra *Language in the Mind*. (HIRTLE, 2007, p. 54-60) Nesta o autor aponta os usos do singular e plural na língua inglesa. Apesar da aproximação entre as duas línguas nos últimos séculos não é possível afirmar que a transposição de uma para outra se dá *ipsis literis*. A adaptação por nós apresentada tem como finalidade expor a lógica de argumentação subjacente à Psicossistemática. Ressaltamos que ficaríamos felizes em receber os resultados da pesquisa proveniente de algum leitor que almejasse conferir a validade das reflexões aqui apresentadas acerca do uso da partícula –s na língua portuguesa falada no Brasil. Partamos da utilização do morfema –s no substantivo “cachorro” e as significações transmitidas em quatro usos cotidianos.

Exemplo 1: Cachorros são vigilantes. (sentido genérico, “todos”, descontinuidade)

No exemplo se verifica a presença da partícula –s. Na frase o sentido transmitido é que todos os cachorros, de todas as diversas raças, possuem as características que os habilitam a serem bons vigias (sentidos aguçados, bom tempo de reação, força muscular, etc).

Exemplo 2: Dois cachorros são necessários na polícia federal. (sentido “mais de um”, descontinuidade)

Neste exemplo, também se verifica a utilização da partícula –s. A sentença expõe a necessidade de aquisição de dois cachorros em um órgão institucional. O sentido subjacente ao uso da partícula é “mais de um”, ou seja, mais de um cachorro.

Exemplo 3: O cachorro é o bicho mais valente. (sentido genérico, “todos”, continuidade)

No presente exemplo, não se verifica o uso da partícula –s. O sentido transmitido é que todos os cachorros não temem o perigo, sendo intrépidos e corajosos.

Exemplo 4: Meu cachorro chama-se canelinha. (sentido particularizado, “um”, continuidade)

Neste exemplo, não se verifica o uso da partícula –s. Na presente sentença particulariza-se a identidade de um cachorro, “canelinha”. Este é detentor de características específicas que o diferencia de outros caninos.

Nestes quatro exemplos dois apresentam a partícula –s e outros dois não. Ordinariamente a partícula –s é considerada como indicador do plural, no sentido de mais de um elemento do sujeito sobre o qual se fala, tal como mostrado no exemplo 2. Em contrapartida, a ausência dessa partícula indicaria apenas um elemento, como vimos no exemplo 4. Contudo as utilizações expressas pelos exemplos um (Cachorros são vigilantes.) e três (O cachorro é o bicho mais valente) causam estranheza, visto que ambos referem-se à todos os cachorros e em apenas um deles é utilizado a partícula –s.

Ao observarmos cuidadosamente estes dois exemplos percebe-se que, apesar deles se referirem a vários cachorros, no terceiro exemplo a categoria canina é tomada como um todo contínuo ao ser comparada aos demais animais. Já no primeiro exemplo, “Cachorros são vigilantes”, é implícita a noção de variedade na categoria cachorro. Ou seja, um traço comum às diversas raças caninas é a capacidade de vigilância. Com isso, podemos inferir que a utilização da partícula –s não se restringe a transmitir o sentido de “um” ou “mais de um”, porém um sentido de continuidade ou descontinuidade.

| Categorização dos exemplos quanto ao uso ou não do –s | | | | |
|---|--------|--------|------------|---------------------|
| Exemplos | Com –s | Sem –s | Sentido | Vivência do Falante |
| 1: Cachorros são vigilantes. | Sim | - | Todos | Descontinuidade |
| 2: Dois cachorros são necessários na polícia federal. | Sim | - | Mais de um | Descontinuidade |
| 3: O cachorro é o bicho mais valente. | - | Sim | Todos | Continuidade |
| 4: Meu cachorro chama-se canelinha. | - | Sim | Um | Continuidade |

Ao comparar quatro usos cotidianos da partícula –s conseguimos tecer algumas hipóteses acerca do sistema que subjaz à produção destes enunciados. No português, de modo análogo à língua inglesa, o uso da partícula não está condicionado à quantidade de elementos referidos, e sim à percepção do falante quanto à continuidade ou descontinuidade espacial do sujeito. A utilização da partícula refere-se à significação que o falante deseja manifestar. Caso queira expressar descontinuidades entre os elementos utiliza a partícula –s, caso expresse continuidade não se utiliza a mesma.

Obviamente o falante que consegue fazer tal diferenciação nos usos têm em posse o sistema de números do substantivo da língua portuguesa, e que ao proferir uma das sentenças, que compõem os exemplos, ele o atualiza. Com isso temos que a aplicação do método comparativo por Gustave Guillaume baseia-se nos significados que o falante almeja expressar. Partindo daí, tem-se então um método de analisar morfemas específicos:

“Observando o significado expresso por exemplos reais à luz do postulado potencial/atual, imaginando uma hipótese que nos permita entender os dados. [Em seguida] Testar essa hipótese em observações posteriores com o máximo de cuidado abrangendo a maior quantidade de usos possível.” (Hirtle, 2007, p. 63)

A técnica posicional de Guillaume – tempo operativo- nos permite observar que os significados atualizados na fala são todos condicionados pelo significado potencial, também chamado de fator explicativo ou condicionante. Dito de outra forma, um guillaumista, guiado pela unidade do signo, ao qual os diversos fatos observados estão ligados, precisa imaginar o significado potencial que explica os efeitos observados.

Cabe ressaltar que a forma de utilização do termo significação (*Meaning*) por Gustave Guillaume é próxima do conceito de estrutura semântica desenvolvido Langacker: “O termo estrutura conceitual será aplicado indiscriminadamente para qualquer tipo de entidade (pensamento, conceitos, percepções, imagens e experiências mentais em geral), seja linguística ou não linguística. Uma estrutura semântica é definida como uma estrutura conceitual que funciona como o polo semântico de uma expressão linguística.”(1987, p. 67)

Todavia Guillaume tem o cuidado de diferenciar o significado expresso por um falante, do referente sobre o qual se fala e ainda da representação. Seu foco de atenção inclinar-se-á para a representação que, segundo ele, é o início do ato de fala. Didaticamente o fim ocorre quando se dá a tradução do significado da sentença proferida na mente do ouvinte. Ao introduzir a dimensão temporal operativa aos sistemas gramaticais Guillaume foi levado a concebê-los como inerentemente operacionais. Sua análise dos diferentes sistemas demonstra que mesmo sobre uma base sistemática, sua estrutura, a linguagem é algo dinâmico.

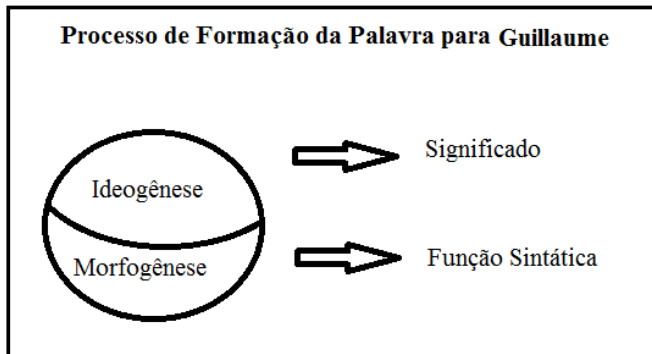
Sob os pressupostos da Psicossistemática as classes gramaticais adquirem outra tonalidade. Por exemplo, inerente ao uso do substantivo está a vivência pessoal da noção de espaço. Como vimos, subjacente ao uso da partícula –s está a noção de continuidade e descontinuidade, enquanto que na utilização do verbo a vivência que subjaz é a do tempo, como veremos a seguir. Nas palavras do linguista: “a língua é como um universo ideia expansivo inconscientemente categorizando o que quer que surja em nossa experiência e pronta a representar isso linguisticamente caso desejemos falar sobre isso.” (Guillaume, 1984, p. 157)

Uma ressalva quanto às palavras do linguista é o seu uso do termo “inconsciente”. Este não é feito considerando o contexto psicanalítico. Sua utilização sublinha a característica da fala como um processo que após internalizado funciona continuamente. O linguista tratará de uma instancia pré-consciente, mas não de uma inconsciente. Para ele o sistema gramatical é o potencial dinâmico para processar uma série de operações a fim de produzir palavras que comporão sentenças que expressarão a experiência de um sujeito.

Diferente da concepção de Jakobson (1993, p. 57) que afirma que o falante “seleciona palavras” de seu “estoque de léxicos”, Guillaume defende que a palavra não é um item pronto em um inventário, análogo a um livro em uma instante. Ele a define como um produto resultante de ordenamento e reconstruído a cada ocasião que antecede o proferimento de uma sentença.

1.2. A SINCRONIA E OS ATOS MENTAIS NECESSÁRIOS À FORMAÇÃO DA PALAVRA

A palavra possui existência efêmera constituindo-se num processo que resulta em determinado produto linguístico. À esse processo pré-consciente de representação, o linguista confere o nome de *lexigênese* e o divide em duas etapas, saber, *ideogênese* e *morfogênese*. À primeira concerne a significação (semas), as ideias a serem expressas linguisticamente. À segunda etapa concerne a junção de uma forma gramatical ao significado, direcionando dessa maneira a posição ocupada pela palavra na frase. Em resumo, dois processos se integram na operação de formação dos léxicos. Nas suas palavras: “Sinergia de duas ideações, a ideação nocional e a ideação estrutural ou de estrutura”. (Guillaume, 1992, p. 47)



Devido ao aspecto gramatical uma palavra pode completar uma função numa sentença em construção. Por exemplo, se uma sentença, em processo de atualização, necessita de uma palavra que assuma o papel específico de predicação, então o componente lexical da palavra fundamenta-se no tempo, modo e pessoa. Assim um verbo é selecionado, o qual tem a função de predicar algo acerca do sujeito.

Por outro lado, se é necessária uma palavra que represente o assunto referido pela sentença (“de quem se fala”) seu sentido lexical deve ser categorizado por meio das variáveis gênero e número. Dessa forma, um substantivo ou pronome é selecionado, visto que estes podem assumir o papel de sujeito. Ou ainda, caso se necessite de uma palavra que represente o relacionamento entre um substantivo e outra parte da sentença utilizamo-nos de um lexema que gere uma preposição. Assim, cada parte do discurso (palavra) pode potencialmente desempenhar funções sintáticas específicas, sendo o sistema de formação de palavras o mais geral e básico dos sistemas, organizando e direcionando as relações sintáticas.

Tomemos como exemplo o vocábulo andar. Inerente ao seu uso cotidiano está o significado de deambular. Entretanto essa mesma palavra pode compor uma sentença exercendo a função de substantivo ou verbo. Usado como substantivo assume a forma: “O *andar* da jovem é gracioso”. Utilizado como verbo, “Ela *andou* quinhentos metros”. Em ambos, o significado que se apresenta na mente dos ouvintes é o de locomoção. Todavia, no primeiro exemplo o sentido expressa-se na forma substantivada. A capacidade de movimentar-se é tomada como uma coisa, ou seja, de forma consubstancializada. Ao exercer a função sintática verbal o significado de locomover-se é acrescido da noção de tempo, de um ato que transcorre. Como dito, o significado que o falante almeja expressar direciona o tipo de função sintática exercida pela palavra em uma sentença.

O fenômeno do ato falho corrobora a flexibilidade no processo de formação das palavras. Um exemplo disso apresenta-se no ato falho proferido pelo analisando de Freud conhecido como o Homem dos Ratos. (Freud, 1909/2006, p. 152) Durante o processo associativo Ernst se confunde com as formas de tratamento que estabelecem a relação médico-paciente. Ao invés de dirigir-se ao seu analista por meio de um Dr.

Freud, Sr. Freud., ou ainda, Professor Freud, o analisando produz a expressão “Sr. Capitão”. A direção de sentido que subjaz a todas essas possibilidades de tratamento é a mesma: uma figura de autoridade.

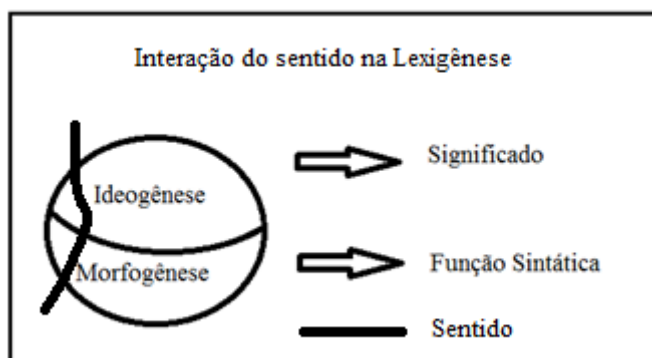
Contudo observa-se a ocorrência de uma alteração no tipo de substantivo utilizado. A palavra “Freud” é definida como um substantivo próprio, um nome próprio. Enquanto que a palavra “capitão” é categorizada como um substantivo comum. O que diferencia um substantivo próprio de um comum é a extensão dos significados abrangidos, ou melhor, a amplitude representacional e referencial que evoca. Desse modo, características específicas que denotam as particularidades de Freud como uma figura de autoridade (fundador da psicanálise e escritor, por exemplo) foram suprimidas.

Nesta formação do inconsciente verifica-se a atuação da censura em conluio com os mecanismos de Deslocamento e Condensação. A figura de autoridade é Freud mas também é o capitão da divisão do exército que relatou a tortura em que ratos eram utilizados como meios efetivadores dos estímulos dolorosos. Tal associação cataliza a perversão da pulsão pela linguagem, bem como o falseamento exercido pela mesma nos sintomas neuróticos. Haja vista que a manifestação do desejo inconsciente não transcorre de maneira direta, sendo efetivada após inúmeros processos simbólicos que falseiam esse conteúdo latente. Sob o enfoque da teoria guillaumiana pode-se localizar esse falseamento na etapa da morfogênese. Na atribuição de uma função sintática à significação latente.

O deslocamento que culminou na alteração do substantivo favoreceu a defesa do Eu de Lanzer contra os afetos eliciados na transferência com o médico vienense. Os significados “autoridade” e “cruel” que posteriormente surgem na associação livre do analisando compõem uma solução de compromisso a partir da qual o sintoma emerge.

Poder-se-ia definir o aparelho psíquico como um combinado de três sistemas qualitativos - instâncias Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente - motivados pela pulsão e que tem como resultante uma direção pática existencial. Ou seja, a forma como essas instâncias se configuram caracterizam um processo de estruturação psíquica e personação. Devido à atualização transferencial do conflito edipiano de Lanzer, a pessoa do analisando, “Eu”, provoca um conflito com a pessoa do analista, o “Tu” de Freud.

O processo de livre associação proposto por Freud como o método principal para a interpretação das formações do inconsciente dá acesso às singularidades dos caminhos encontrados pela pulsão ao longo do desenvolvimento psíquico do analisando. Bem como permite localizar os momentos em que a língua favorece os mecanismos de defesa. O trabalho terapêutico realizado por Freud e Lanzer nos permite afirmar que a significação, ideogênese, subjacente à palavra “capitão” vincula-se ao desejo (*Wunsch*) inconsciente e ao conflito pulsional. O esquema abaixo representa o atravessamento do sentido no processo de formação da palavra:



O sentido direciona o processo de formação da palavra. Nessa direção a palavra consiste numa particularização do sentido. Conforme vimos a Metáfora Primária ou de Transporte de Sentido junto à Metáfora de Secundária ou de Transporte de Significado

representam modos de operação do aparelho psíquico e atuam em conjunção. Poder-se-ia afirmar que a palavra emerge no esforço de tradução do Significante Enigmático.

CAPÍTULO 2. O SENTIDO ONÍRICO E O RELATO DO SONHO

2.1. SIGNIFICAÇÃO, DESEJO E PULSÃO

A proximidade entre Desejo (*Wunsch*) e Pulsão (*Trieb*) emerge quando observamos dois sinônimos utilizados na língua alemã para o vocábulo “desejo”: “*Lust*” e “*Berdrufnis*”. O primeiro é tomado como satisfação, enaltecendo as conotações gerais de sensualidade. O termo expressa uma forma de querer no sentido de estar com vontade de fazer algo, uma possível tradução seria a expressão “estar com tesão”. Ressaltamos a amplitude de significados atribuída à esse vocábulo latino nos diversos regionalismos do Brasil.

Na região sul, por exemplo, a expressão não é utilizada apenas no contexto sexual. Sendo utilizado também como adjetivo, como na frase, “Aquele carro é um tesão.” No sentido de que o carro tem um bom desempenho e se configura como um sonho de consumo. O sinônimo “*Lust*” nos remete ao componente pulsional “pressão” (*Drang*), o qual é definido como o fator dinâmico da pulsão. Este marca a diferença de potencial entre o polo impelente (intenso querer) e o polo atrator (memória de imagens de alívio) caracterizando, como seu nome indica, a pressão energética que demanda satisfação. O vocábulo “*Berdrufnis*” pode ser traduzido como necessidade, a qual nos remete ao apoio da pulsão sobre as funções de autoconservação, tal como a nutrição.

Por evidência é impossível dissociar o brotar de significados eliciados pelo uso de um lexema, seus processos de formação e enunciação, do trabalho interpretativo. Entre a palavra e a direção de sentido da interpretação ocorre um duplo movimento de particularização, via lexema, e generalização, por meio da interpretação. A interação entre as significações manifestas pelas palavras e o brotar de significações durante a

interpretação das Formações do Inconsciente é apontada na definição atribuída ao conceito de interpretação por Laplanche & Pontalis (1983, p. 245) que afirmam:

“Destaque, pela investigação psicanalítica, do sentido latente nas palavras e nos comportamentos de um sujeito. A interpretação traz à luz as modalidades do conflito defensivo e, em última análise, tem em vista o desejo que se formula em qualquer produção do inconsciente”

A relação da interpretação (*Deutung*) com a significação que emerge desse processo não consiste num trabalho cartesiano que dissocia a mente do corpo. O trabalho interpretativo e de confronto com as significações é um trabalho corporal. Os linguistas Saussure e Guillaume destacam o papel desempenhado pelo aparelho fonador na enunciação da fala.

Com a psicanálise confere-se ênfase não somente à região oral e adjacências, tal como a garganta e diafragma, todo o corpo é visto como permeado simbolicamente pela linguagem e passível de erogeneidade. Sendo, dessa maneira, a pulsão o elemento que se configura como fronteiro entre o corpo estrutural (*Korp*) e o corpo vivido (*Leib*). Nesse ínterim a interpretação é um caminho que permite o desvelar das significações associadas às representações pulsionais.

O discurso tomado como um todo organizado que aponta para um fim e que trata de um objeto, nos leva a uma analogia deste com a direção pática assumida pelo Eu durante sua existência. Subjaz à noção de discurso um objeto sobre o qual se fala. Em nossa analogia o objeto do discurso é o Eu que fala sobre si. Sublinhamos o fato de que por mais que na superfície o Eu fale sobre outras pessoas ou acerca do mundo que o envolve é sempre sobre algum aspecto de si que fala. Desse modo, o fim do discurso seria a morte. O transpassar da língua no aparelho pulsional vai além da analogia,

configurando-se como intrínseco ao próprio funcionamento da pulsão nos humanos. Nas palavras de Freud:

“A especificidade humana é que as pulsões aderem a representações e afetos organizados como linguagem, de modo que o conflito pulsional se expressa na dimensão humana como desejos opostos que englobam as camadas anteriores e estão ancorados na história biológica, sendo determinados não só por esta, mas também por significações.” (Freud, 1915, EPSI, vol. I, p.140)

Haja vista a particularidade da pulsão como um conceito fronteiro entre o somático e o que é representado na mente, Freud, em seu esforço de definir a pulsão, aponta para o caráter indissociável da quadratura, sentido, soma, significação e linguagem. Esta citação nos remete à interação entre a energia vital do soma e a função organizadora da língua no psiquismo, limitando e dirigindo o afluxo pulsional. Cabe ressaltar que a influência não é unilateral, o que transcorre, agora sob a ótica da pulsão, é o investimento de representações, algumas delas vinculadas à palavra. À essas representações Freud dá o nome de Representações Palavra.

Nocionalmente o conceito de representação palavra relaciona-se à verbalização, à representação acústica e à tomada de consciência. (Laplanche & Pontalis, 1983, p.585) Concomitante à definição de Representação Palavra Freud delimita o conceito de Representação Coisa, a qual se refere ao esquema da coisa no psiquismo, sendo essencialmente visual.

A diferenciação entre os dois tipos de representação aponta para as diferenças de funcionamento entre as instâncias psíquicas Inconsciente, Pré-consciente e Consciente. Ao Inconsciente concernem as Representações Coisa e, como dito, às instâncias Pré-Consciente e Consciente às Representações Palavra. A organização tópica das

representações Coisa e Palavra não indica apenas uma diferença qualitativa, indica a atuação, respectivamente, das regras do processamento primário e secundário.

Bem como a sobreposição do segundo no primeiro, pois para que uma Representação Coisa, vinculada ao traço mnêmico infantil, alcance a consciência é necessária a associação a uma imagem verbal. Ou seja, uma Representação Coisa apenas se presentifica na Consciência quando avaliada pelo crivo da censura e formatada pelo sistema sintático.

A associação da teoria guillaumiana com a teoria tópica freudiana confere precisão à observação da forma como, por meio do significado, as Representações Coisa são ordenadas pelo sistema de fala e, posteriormente, expressam-se em frases e enunciados por meio das Representações Palavra. Conforme vimos no exemplo de ato falho do Homem dos Ratos constatamos que o processo de formação da palavra, lexigênese, evidencia os processos de formação de compromisso no sintoma do ato falho.

Respeitando a exigência científica de causalidade, o linguista Gustave Guillaume também pressupôs a existência de uma instância mental pré-consciente. Nesta o pensamento é formatado pelo sistema de língua, possibilitando o emergir de palavras e sentenças que visam representar a vivência do falante. Diferente dos métodos científicos das ciências naturais, na Psicossistemática, por evidencia não é possível prever os atos que serão proferidos pelo falante. Guillaume almejava entender a forma como um pensamento era limitado pela fala, a maneira pela qual o indizível da experiência era expresso de forma inteligível por meio de uma sentença. Nas Palavras do linguista:

“Pensamento é livre, completamente livre, ilimitado em seu livre e ativo desenvolvimento, mas os meios em que isso pode ser apreendido são sistematizados, organizados e numericamente limitados; a linguagem provê um quadro desses meios por via de sua estrutura subjacente. Na fala – considerada em sua característica reflexiva – o observador cuidadoso descobre os mecanismos que o pensamento utiliza para se compreender. Esses mecanismos pertencem a um sistema, o estudo do que constitui um novo ramo da linguística que eu chamo Psicossistemática da linguagem.” (Guillaume, 1984, p. 51-2)

Mutatis Mutandis, percebemos que a concepção guillaumiana de um sistema de fala presente na mente encontra seus *loci* correspondentes nos sistemas Pré Consciente e Consciente definidos por Freud. Sob um viés psicanalítico a forma com que utiliza a categoria “pensamento” permite relacioná-la aos atos mentais provenientes do amálgama das Representações Coisa, “o pensamento é livre”, com a representação palavra, “os meios em que isso [o pensamento] pode ser apreendido são sistematizados”.

Em outras palavras, inferimos que a observação do fenômeno de reconfiguração de um processo caracterizado pela fluidez e mobilidade por meio das normas sintáticas é comum a ambos os campos, psicanalítico e psicossistemático. Todavia, o esforço terapêutico, as consequências para o estudo do pensamento, bem como as alterações na fala provenientes do retorno do material recalçado são estritos ao saber psicanalítico. O quadro abaixo compara as instâncias psíquicas delimitadas por Freud e o processo de atualização do sistema de língua na mente dos falantes concebido por Gustave Guillaume:

| Comparação entre aparelho psíquico de Freud(1915/2007) e o mecanismo de fala na mente em Guillaume | |
|--|--|
| ICS – Energia livre, processo primário, representação coisa, representante ideativo (pulsional). | PCS - Pensamento Livre. |
| PCS – Processo secundário, representação palavra,sistema de linguagem. | PCS - Sistema da língua na mente. Regras sintáticas reconfiguradas pelo significado. |
| CS – Atuação corporal e/ou linguística. | CS - Atualização do Sistema Potencial, fala. |

Outra forma de apreender os limites entre as teorias guillaumiana e freudiana é conceber as noções de ato inerente às mesmas. Guillaume tem como foco o ato linguístico de atualização. Ou seja, ele postula a posse das significações subjacentes ao sistema de língua e a subsequente atualização por meio de sentenças na fala cotidiana. Configura-se em um ato linguístico, executado em determinada comunidade, ou ainda, em determinada forma de vida caso queiramos utilizar o termo desenvolvido por Wittgenstein (1992).

Freud tem como foco a configuração dos atos mentais apoiados nos atos e vivências corporais. Todavia sua interpretação abrange aspectos comunicacionais que não se restringem à língua, conforme discutimos na seção 1.2 do capítulo um da parte três acerca do momento em que o “Homem dos Ratos” relata o suplício dos ratos. Este comunica sua vivência corporal apesar de não expressá-la, inicialmente, pelo sistema de

fala. Haja vista suas expressões faciais de prazer e dor. O foco psicanalítico abrange a maneira como os atos cotidianos (físicos, mentais e/ou linguísticos) evidenciam as soluções de compromisso por meio das quais o desejo emerge. A forma como o sentido do sintoma se reapresenta.

Comum à aplicação do método comparativo à sincronia da fala e a interpretação no contexto clínico é a importância do ouvinte, linguista ou clínico, assumir o ponto de vista do falante a fim de extrair a vivência representada linguisticamente. *Mutatis Mutandis*, a empatia se torna imprescindível em ambos. “Assumir o ponto de vista do outro traz implícita a concepção de que existe algo do significado não restrito à sentença proferida, ou seja, concebe-se que o discurso é acerca de uma experiência.” (Hirtle, 2007, p. 97) Para o linguista é a condição para o entendimento do ordenamento dos significados, para o psicanalista é o apoio necessário à livre atenção flutuante. Sendo compartilhado por ambos a preocupação com o conteúdo que é atualizado na fala, via tempo operativo.

O constante processo de atualizar é indicativo do esforço de troca com o mundo – alteridade - e consigo mesmo - ipseidade. No primeiro há o esforço para compartilhar uma vivência interior ou proveniente do relacionamento com o que “está fora”. Nesse âmbito, a sentença se configura como o produto do processo real de linguagem, o qual é atualizado pelos falantes com o intuito de representar algum conteúdo de experiência que se queira comunicar. Um exemplo desse processo é o Relato do Sonho apoiado na vivência pessoal do Proto-Sonho.

A ipseidade evidencia-se pelo fenômeno de que quando falamos, seja em voz alta, por meio do aparelho fonador, ou em voz baixa, apenas no pensamento, também ouvimos a nossa própria voz e somos impactados pelos significados que, muitas vezes,

ignoramos acerca de nós mesmos. Nesse âmbito a sentença se configura como um espelho de nossa fantasia e dos compromissos que assumimos ao longo da vida. Imprescindível é a atuação de um Eu consciente que reflete acerca da própria existência.

Nesse contexto a língua assume a função de principal meio constituidor por meio do qual se tem acesso aos pensamentos e sonhos da pessoa. Inerente a ambas as teorias está a noção de movimento e de um Eu “em se fazendo”, constantemente, à medida que experiencia a vida e a morte. Guillaume pressupõe que o caráter dinâmico da língua e, conseqüentemente o sistema de partes do discurso, fundamenta-se na oposição da vivência do universo-espaço e do universo-tempo por parte da pessoa.

A universalidade dessas duas categorias foi apontada por Kant (1994, p.153), que os considerou como dois fatores que independem da experiência e que relacionam e unificam os conteúdos empíricos, ordenando-os no espaço e no tempo. No taoísmo essas duas categorias também são fundamentais, ao espaço é correlacionada a terra, devido ao contato com os objetos no mundo que nos cerca. Enquanto que à categoria tempo atribui-se o céu, devido à observação da passagem das constelações e do movimento do Sol. No sistema de língua a vivência do espaço e do tempo é representada, respectivamente, pelo substantivo e pelo verbo. Na seção seguinte aprofundar-nos-emos nas representações subjacentes ao uso do substantivo e do verbo no sistema de fala.

2.2. AS REPRESENTAÇÕES DAS FUNÇÕES SINTÁTICAS DO

SUBSTANTIVO E DO VERBO

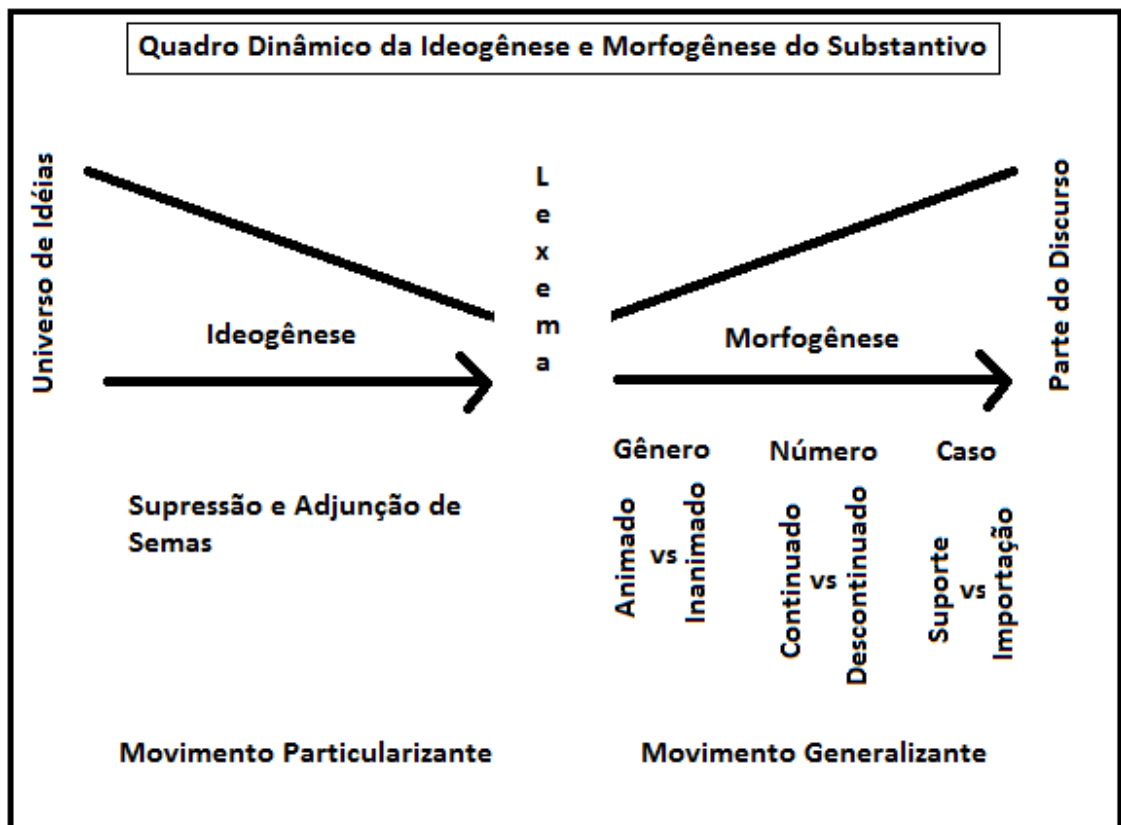
A discussão apresentada na seção 1.1 do primeiro capítulo desta parte da tese acerca do sub sistema de número no substantivo é um indicador do motivo pelo qual Gustave define o substantivo como uma “palavra-espaço”. Ou seja, subjaz à noção de

continuidade e descontinuidade a vivência de um objeto que ocupa determinado espaço de forma ininterrupta ou interrompida.

Sintaticamente o substantivo tem como funções expressar a relação com o referente extra-linguístico por meio da nomeação. Expressa também a vivência do corpo próprio como ocupando determinado espaço. Tem como subsistemas o do número, gênero e caso. Conforme vimos, o subsistema de número evoca a percepção quanto à continuidade e descontinuidade de determinado objeto. O subsistema do gênero não é uma simples representação do sexo dos indivíduos. Ele representa as características da entidade na mensagem pretendida, marcando a relação de alteridade. O subsistema de caso do substantivo pode ser acusativo, genitivo ou possessivo e dativo.

O caso acusativo é aquele em que o substantivo é utilizado como objeto direto e marca aquele que recebe a ação. Tomemos como exemplo a frase em latim "*manus manum lauat*", cuja tradução é "Uma mão lava a outra". *Manus* e *manum* possuem a mesma tradução: mão. Porém, *manus* é nominativo, ou seja, sujeito da ação *lauat*, é o agente. *Manum*, por outro lado, é o objeto direto, o acusativo. Portanto, é o termo passivo. Uma mão - agente - exerce a função de lavar enquanto a outra - paciente - é lavada. (Wikipedia acessado em abril de 2019)

O caso genitivo tem como representação inerente ao seu uso mostrar que algo pertence ou está associado a alguém ou a determinado elemento. Por exemplo, o caso Dativo, por sua vez, indica o ato de dar algo. Este pode ser algo abstrato ou algo que possua *Res Extensa*. O que diferencia um substantivo próprio de um comum é a amplitude de significados, ou melhor a amplitude representacional/referencial que evoca. Comum a ambos é a particularização do substantivo na atualização do discurso



Gênero é o primeiro subsistema operacionalizado na morfogênese quando o lexema é atualizado. Subjaz À noção de gênero o modo primário de comunicação em que as coisas do mundo respondem às nossas ações e guardam ou não semelhança com o nosso próprio corpo. Número é o segundo subsistema. Ambos conferem uma imagem mental genérica condizente com a experiência vivida do falante. O caso traz o processo de categorização ao seu ponto final, o qual resulta na categoria mais geral que pode ser assumida por uma palavra: a parte do discurso. Uma forma que conclui o processo de psicogênese, de formação do significado. (Hirtle, 2007)

A vivência representacional básica que fundamenta a noção pessoal de espaço é a experiência do próprio corpo. Ou melhor, a vivência de estímulos endógenos e exógenos compõem a noção de espaço ou limite corporal. Encontra-se presente na obra

“Três ensaios acerca da teoria da sexualidade” (1905/2006, p.159) duas acepções para a palavra fonte. A primeira é mais concreta e conecta-se ao termo zona erógena, no exemplo da oralidade, a zona labial sendo excitada no momento da passagem do leite. Considera a existência de um aparato biológico que faz a sexualidade brotar e são descritas como lugares da sexualidade oral, anal, uretal ou genital. A segunda é mais abstrata, visto que vai gradativamente abandonando a noção de um lugar privilegiado da excitação, abrangendo a mobilidade corporal e a sensação de presença do próprio corpo. (*Idem*, p.160)

O primeiro sentido de fonte pulsional apoia-se no fato das zonas erógenas serem lugares de trânsito e de trocas com o mundo. Estabelecendo-se como pontos de ruptura ou de retorno do invólucro corporal, visto que são essencialmente os orifícios esfinterianos e as mucosas. Consistem em zonas de circulação, igualmente zonas de cuidados, isto é, os cuidados particulares e especiais da mãe. Portanto, essas zonas atraem as primeiras manipulações erógenas por parte do adulto. Cuidados de nutrição e higiene, motivados conscientemente pela prontidão maternal, mas onde as fantasias de desejo funcionam plenamente. (Laplanche, 1988, p. 119)

A segunda conotação associada à palavra fonte concerne à característica corporal na qual a erogeneidade é uma faculdade geral de todos os órgãos e, portanto, pode-se referir a um aumento ou diminuição da erogeneidade em uma parte específica do corpo. Freud (1914, EPSI, vol. I, p.105) chega a essa conclusão sobretudo por seus estudos acerca do sintoma hipocondríaco. Neste, a estimulação endógena geral do organismo apresenta-se à consciência como o medo de que algum mal comprometa o devir do Eu.

Longe de ser um processo bioquímico localizável num órgão ou em algumas células diferenciadas, a fonte da sexualidade pode ser um processo tão geral quanto a excitação mecânica do corpo no seu conjunto. Uma excitação sexual relacionada à atividade muscular, como por exemplo, o embalo da criança ou excitações que podem emergir de trepidações ritmadas. Dessa maneira a excitação sexual provém de um efeito marginal eliciado por toda uma série de processos internos - excitações mecânicas, atividade muscular, trabalho intelectual, etc - tão logo a intensidade desses processos ultrapasse certos limites quantitativos. Lembrando que ambas as fontes, concreta e abstrata, expressam-se pela pressão (*Drang*) exercida pela pulsão. (Laplanche, 1985, p.29)

Desse modo, propõe-se que a representação sintática representada pelo substantivo evoca as vivências primeiras do corpo próprio passível de ser estimulado. Após a percepção de separação do corpo materno iniciam-se os jogos de alteridade com base na igualdade e diferença, tal como expresso pelo subsistema do gênero. O subsistema do número concerne a vivência corporal de continuidade e descontinuidade do próprio corpo. O subsistema do caso evidencia as posições assumidas pela pessoa diante do que é dito e percebido no contado com o mundo. Em um processo constante que viabiliza a atribuição de sentido no trabalho interpretação do que acomete ao Eu. Enquanto que o substantivo traz a impressão de algo ocupando certo espaço, o verbo traz a ideia de algo ocupando tempo. Ou melhor, traz a vivência do transcorrer de uma série de atos.

Aristóteles (1999, p. 62-3) diferencia o “nome” do “verbo” afirmando que o primeiro é “sem tempo” e o segundo é “com tempo”. Sua categoria nome abrange as classes gramaticais substantivo e adjetivo. A fim de exemplificar a característica qualitativa de possuir ou não tempo ele afirma que as palavras “homem” ou “branco”

não eliciam a noção de quando. Contudo, caso expressemos as palavras “anda” ou “andou”, fazemos emergir na mente as significações adicionais de tempo presente, por um lado, e de tempo passado por outro. Ou seja, evocam a noção temporal de quando um evento ocorreu no tempo.

Outra definição apresentada por Aristóteles acerca do verbo evidencia a relação deste com o nome. Vejamos, “verbo é o que significa adicionalmente o tempo, e nenhuma parte dele significa algo isoladamente. Ele é signo das coisas que são ditas de outro” (*idem*) Dizer que ele não significa algo isoladamente indica que ele predica acerca de algo. Esse “algo” consiste no substantivo ou nome que compõe o núcleo do sujeito.

Ou ainda, sob a ótica da pessoa que reflete acerca da própria existência, a categoria tempo fala sobre as transformações que transcorrem no espaço vital do próprio corpo. Como dissemos independente do que a pessoa fale, ela sempre fala algo sobre si mesma, seja pelo ângulo do Eu, seja pelo da identificação. Desse modo, quando tomamos o caráter primário da vivência espacial do próprio corpo pulsional, o verbo trata dos atos que transcorrem no soma. Dessa maneira, afirmamos que é intrínseco ao uso da classe gramatical “verbo” a vivência dos ciclos energéticos do corpo.

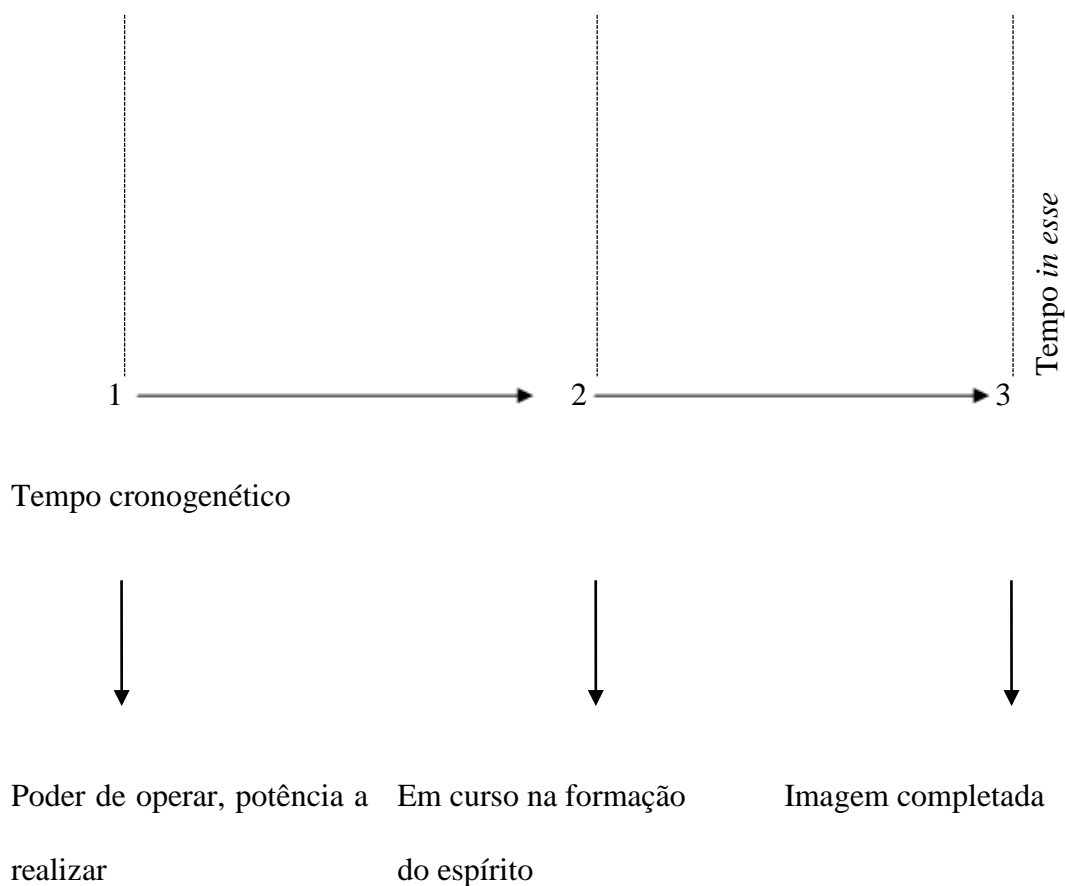
Guillaume (1945) chegou à mesma conclusão de Aristóteles por uma via relativamente diferente. “A noção de linguagem como algo dinâmico implica movimento, atividade ou processo. O uso do termo operação e seu cognatos (com mesma raiz) operativo, operacional e operatividade sugere um movimento com um objetivo particular e uma meta definida. Um processo com início, meio e fim.” Tal processo justifica a ideia de um mecanismo de fala temporalizado na mente. Decorrente das pesquisas acerca do caráter processual da atualização linguística, este cientista

estudou como se configura na mente a noção de temporalidade. Fato que o levou a esquematizar as etapas desse processo de atualização, por ele denominado, Cronogênese.

O mecanismo de Cronogênese (Guillaume, 1945, p. 13) é composto por três momentos. A primeira etapa denomina-se tempo *in posse*, e consiste no fato do sujeito possuir o significado da capacidade representada pela palavra que será atualizada. Por exemplo, no início a criança possui a capacidade de pegar, posteriormente com a aquisição da linguagem ela consegue utilizar o verbo “pegar” no sentido que é compartilhado pela comunidade linguística na qual está inserida. Ou seja, ela tem *in posse* a significação inerente ao uso do verbo pegar. A segunda etapa denomina-se tempo *in fieri*, em se fazendo, e caracteriza-se pelo transcorrer de um ato, nesse caso do movimento de atualização que culminará na produção de uma sentença. Levando em consideração que esse processo não é uma seleção num arquivo de léxicos, e sim um movimento criativo da mente. Esta segunda etapa também inclui o defrontar-se com as diversas possibilidades de atualização. A terceira etapa denomina-se tempo *in esse*, do latim feito ou concluído, e concerne ao tempo de conclusão do ato mental de atualização.

Posteriormente, Guillaume (1945, p. 20) averiguou que o sistema do verbo é o responsável por representar esta mesma vivência temporal de um ato que se atualiza. Ele parte da capacidade de atualização linguística na fala e em seguida percebe que essa noção de movimento subjaz ao uso cotidiano das formas gramaticais verbais. Dito por meio de outras palavras o sistema do verbo representa a percepção de um ato que se inicia, transcorre e se completa. Disso provém a correlação dos tempos *in posse*, *in fieri* e *in esse*, respectivamente, com os modos verbais quase nominal, subjuntivo e indicativo. Uma ressalva, o modo quase nominal abrange as formas infinitivo,

particípio presente e particípio passado. A particularidade da nomenclatura desse modo se deve ao fato dos verbos nesse modo serem tomados “quase” como se fossem um substantivo, um nome. Sob a ótica dos modos verbais vejamos como a Cronogênese se amplia.



| | | |
|-----------------------|---------------------------|------------------------------------|
| Em potência | Em devenir | Em realidade |
| Modos: Quase Nominais | Subjuntivo (o virtual) | Presente (o atual, constatável) |

Com base nessa concepção é possível a analogia entre a execução de um ato físico e o ato mental de atualização gramatical. Por exemplo, uma criança que tem a capacidade de andar, porém se encontra parada estaria no tempo *in posse*. Em seguida ela inicia um movimento em direção a um brinquedo, ela está andando, o movimento

está *in fieri*. Ao alcançar o brinquedo (objeto) ela para completando o ato, encontra-se no tempo *in esse*.

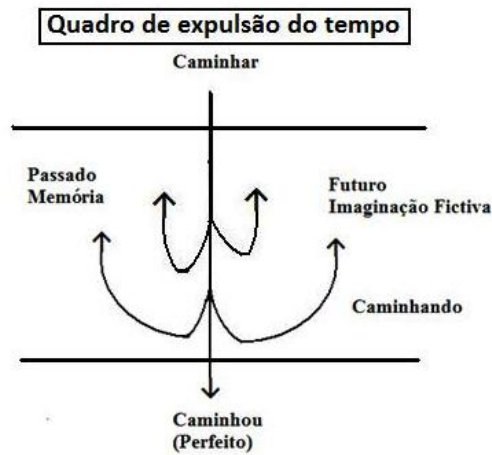
Agora no processamento mental, um sujeito que executa a atividade de deambular e almeja compartilhá-lo por meio da fala. Partamos do princípio de que o falante tem *in posse* o sistema de fala, no qual o sujeito “eu” é um dêitico marcador de pessoa, o sistema do verbo indica o movimento e o complemento verbal diz algo acerca do verbo. Nessa situação, à ideia que será transmitida acoplar-se-á um designativo sintático, o qual ordenará a sentença proferida, no tempo *in fieri*. O tempo *in esse* se apresenta quando o andarilho diz “Eu (sujeito) andei (verbo) 5 metros (complemento)”.

Freud afirma que “no principio foi o ato” (1913/2006, ESB, vol. XIII, p. 162) e que só posteriormente foi estruturado o processo de elaboração secundária, de censura e de auto expressão por meio da linguagem. Após à interiorização do sistema de fala essa capacidade é acionada pelo sistema Pré Consciente de forma efetiva. Como afirmou o professor Francisco Martins em um de seus seminários, o Eu humano é o último a se formar e o primeiro a contar a história (“Eu andei...”). No sentido de que ao se expressar gramaticalmente usa-se o pronome pessoal “Eu”.

Tomando-se como base a noção de Tempo Operativo, destaque é conferido ao presente. Todavia, os demais tempos verbais, não foram esquecidos. Vejamos como o linguista concebeu a interação entre estes tempos durante o processo de formação da imagem mental dos mesmos.

“No começo, o presente era tudo, ele continha nele mesmo o tempo *in extenso*, a experiência do tempo. Obedecendo a sua lei de estreiteza, ele se estreitou progressivamente, e por este estreitamento, ele expulsou dele mesmo, dos dois lados dele mesmo – a expulsão é bilateral (§ 8) – o tempo contido em excesso. É desta expulsão bilateral que nascem o passado e o futuro. O passado é o tempo que o presente que se estreitando rejeita para fora dele mesmo do lado da

memória. O futuro o tempo que o presente se estreitando rejeita fora de si do lado da imaginação. As línguas, de uma maneira geral, procuraram, e frequentemente encontraram, um equilíbrio que satisfizesse estes dois movimentos expulsivos.” (Guillaume, 1945, p. 35)



O quadro acima exemplifica o que foi ensinado pelo linguista. A partir da expulsão para o passado é gerada a memória, enquanto que da prospecção para o futuro é configurada a imaginação e o âmbito fictivo hipotético. Desse modo, a partir de um processo de atualização no presente, o âmbito virtual, também chamado *Irrealis*, é configurado. Este âmbito abrange os diversos atos mentais categorizados como hipótese e ficção. Sendo representados pelos verbos no modo subjuntivo.

Ressaltamos que na semiótica de Pierce tem-se que o caráter de responsividade da qualidade definida como segundidade se correlaciona com o passado. À qualidade semiológica terceiridade o precursor da semiótica atribui, por sua vez, o tempo futuro. Pensamos que isso se deva à certeza conferida por um ato que foi atualizado, tornando-se passado, e à característica humana de refletir acerca dos impactos que a atualização desse ato pode ter para seu devir. Ou seja, entrava-se um relacionamento dialógico com um ato que se tornou passado.

Quanto à relação entre o tempo futuro e os processos simbólicos de terceridade, pensamos que a proximidade entre ambos está na faculdade humana de deslizar entre a particularização e generalização. Haja vista que para que esse movimento se efetive é necessária a capacidade de “manusear” representações cujos objetos materiais não se apresentam, necessariamente, no imediato da percepção corpórea. Sendo a linguagem o principal meio constituidor desse jogo de manusear representações. Dessa forma, constata-se que ambos, linguista e semiótico, chegaram às conclusões próximas.

Nesse ínterim cabe evidenciar o papel do Eu humano, visto que é ele que gerencia esse duplo movimento da linguagem. Conforme vimos os processos simbólicos de terceridade são intrínsecos à formação da noção de pessoa.

Reiteramos a importância da cultura no processo de aquisição do sistema de língua, posto que as Representações Palavra utilizadas na atualização linguística provém da história cultural dos povos. Sendo carregadas pelas regras de convívio, as técnicas de manutenção do soma, bem como as regras sintáticas que, como dito, são fundamentadas nas significações e que acabam por ordenar e denominar a própria vivência corporal.

Tem-se o exemplo da criança que chora para a mãe e está perguntando se é a barriga, apontando para o próprio ventre, ou o pé, levantando a perna do chão, que dói. Em seguida, a criança chorosa confirma o ato da mãe dizendo “Minha barriga tá doendo...”. Nesse ínterim ocorre, por meio de um jogo de linguagem de adivinhação, a junção entre a significação da vivência pulsional com a função sintática. O representante de “algo”, um substantivo, está doendo, por sua vez, o representante do ato temporalizado, verbo, é colocado após o vocábulo “barriga”, indicando o transcorrer de um ato eliciado por uma pressão endógena que gera desconforto.

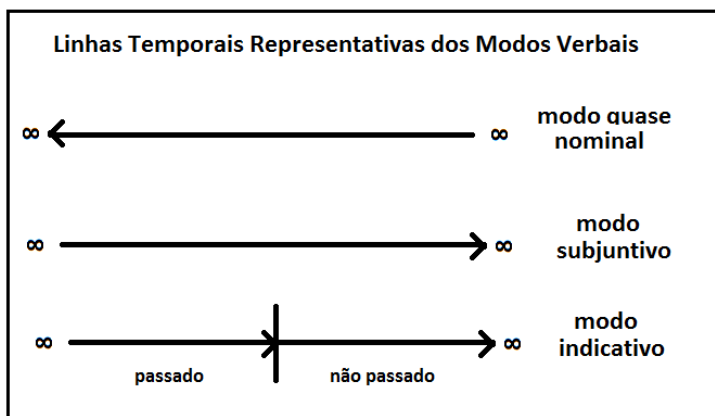
Lembramos que no momento em que a mãe levanta hipóteses acerca da dor da criança, a asserção de ambos está “em se fazendo”, *in fieri*, fato que permite alocar suas asserções no modo subjuntivo. Por exemplo, possíveis pensamentos subjacentes aos gestos da mãe são: Caso eu coloque a mão na barriga e meu filho reconhecer em si o local da dor, ele sente dor nesta área. Se reconheceu no pé, a dor localiza-se nessa área. Utilizamo-nos da expressão “pensamentos subjacentes” por serem delimitadoras das regras do jogo empreendido pela mãe e pelo filho. Eles jogam esse jogo linguístico, comunicam-se por este modo. As hipóteses da mãe são levantadas no presente, ou seja, apontam para um ato que transcorre no agora. Dessa forma é possível afirmar que as significações que constituem o cerne do jogo de linguagem brincado pela mãe e a criança transcorrem no presente do subjuntivo. O tempo e modo que enunciam um fato que pode ocorrer no momento atual.

Na analogia do discurso com a direção existencial assumida pelo Eu e da frase como sintoma, tem-se a palavra como unidade básica que evidencia os atos mentais que transcorrem na virtualidade da mente da pessoa. A representação linguística evidencia um momento, algo como um retrato, no fluxo de pensamento, de um filme que transcorre na virtualidade da mente. O processo de atualização linguística, evidenciado pelo processo de cronogênese é o símile, no sistema de fala, do processo de atualização dos potenciais pulsionais em atos motores e atos mentais. Vejamos como a vivência temporal é representada pelos modos verbais.

O Modo Quase Nominal expressa o que a pessoa tem *in posse*. As significações das habilidades corporais que posteriormente serão representadas linguisticamente. Por exemplo, um bebê após aprender a morder adquire essa habilidade, a tem *in posse*. Cabe lembrar que o movimento de morder traz implícita a necessidade pulsional de se alimentar. Posteriormente, quando a pessoa adquire a capacidade de se expressar em sua

língua materna ele pode expressar: “Mordi uma uva!” Afins de entendimento passemos aos outros modos verbais, suas características particulares evidenciam-se quando os comparamos entre si.

Os modos Subjuntivo e Indicativo expressam diferentes níveis de certeza e atualização permitidas pelo sistema de língua do falante. O primeiro, também denominado modo Fictivo-Hipotético, concerne à representação mental do que é possível ser efetivado. Esse modo também se refere ao imaginário. A passagem do modo subjuntivo para o indicativo marca um acréscimo qualitativo no nível de certeza. Do possível ao real. O diagrama abaixo auxiliar-nos-á na diferenciação dos modos verbais e como eles caracterizam a descarga pulsional. Ele é composto por linhas temporais que representam a experiência temporal vivida pelos falantes quando se expressam por meio dos modos verbais



Observa-se que a representação do modo quase nominal assemelha-se ao do modo Subjuntivo pelo fato da linha temporal não ser dividida por uma barra, a qual representa o instante presente, tal como ocorre no modo Indicativo. O que diferencia a representação dos modos Quase Nominal e Subjuntivo é o fato do primeiro modo ter sua flecha representativa orientada na direção oposta ao modo Subjuntivo, ou seja, ela vai em direção ao passado. “Isso reflete a impressão de que a vida é um eterno suceder

de situações, não Eliciadas pelo sujeito como nos modos finitos [Subjuntivo e Indicativo], mas através do próprio movimento inevitável do tempo eliciando situações e as levando embora, onde não mais existem.” (Hirtle, 2007, p. 160)

Os modos Subjuntivo e Indicativo são considerados modos finitos porque em sua formação a pessoa Eu está presente. Fato que não ocorre nas formas do modo Quase Nominal. No Subjuntivo o uso do verbo não é restrito a um fato presente podendo localizar-se em qualquer local do *continuum* do tempo. Ou seja, pode-se conjecturar acerca de fatos que ocorreram no passado, nas motivações que induzem a ocorrência de fatos no presente, ou ainda levantar hipóteses acerca do que advirá. Particularidade que viabiliza ao verbo ser representado como uma possibilidade. Por esse motivo a linha do tempo é representada como um prolongamento infinito.

Disso decorre que o que distingue um modo do outro é a forma de representar o horizonte infinito do tempo: no subjuntivo o instante presente não é representado, então não há referência ao presente e não há localização no *continuum* temporal; no indicativo esses dois aspectos ocorrem. O presente comumente representa o instante vivido pelo falante, por isso, o modo Indicativo apresenta os eventos em termos de realidade, *Realis*, enquanto que o subjuntivo apresenta os eventos em termos de ficções e hipóteses, *Irrealis*.

A barra perpendicular no eixo do fluxo temporal do modo Indicativo representa a atualização do que há in posse no modo Quase Nominal. Em outras palavras, o Tempo Operativo que corresponde ao momento em que o potencial se torna presentificado. Conforme vimos anteriormente quando tratamos do diagrama de expulsão do tempo presente, após essa atualização o fluxo temporal é dividido em duas partes, a saber, o passado e o não passado. O não passado corresponde ao tempo futuro. Segundo Hirtle

“essas visões do tempo não são invenções linguísticas, mas representações abstratas de impressões comuns aos falantes ordinários.” (Hirtle, 2007, p. 160)

A par desse diagrama e do exemplo de “morder a uva” retomemos a questão econômica da pulsão. À ânsia de comer uma uva subjaz uma tensão pulsional que investe energeticamente um objeto (uva) a fim de que a descarrega e a satisfação se efetivem. Lembramos que essa necessidade não se restringe ao âmbito homeostático nutritivo, articula-se sobremaneira às significações que foram impressas ao ato de comer ao longo da história pática da pessoa estando inscritas no arco de sentido do compromisso existente entre as diversas instâncias psíquicas. A necessidade de se alimentar é sentida por uma pessoa como um afluxo que o inunda, que vem de encontro a si mesmo à revelia da própria vontade. Como vimos, no sistema de fala, essa vivência é representada pelo modo Quase Nominal. Dessa forma relaciona-se ao componente pulsional pressão. Haja vista que este é vivenciado pelo Eu como algo que o inunda e o toma.

Nocionalmente Freud caracteriza este componente pulsional como o “Fator motor, a soma da força ou a medida de exigência de trabalho que ela (pulsão) representa.” (Freud, 1915, EPSI, vol. I, p.148) Ou ainda, caracteriza a diferença de potencial, “o polo impelente (intenso anseio) e o polo atrator (memória de imagens de alívio) a pulsão se transforma em movimento(trabalho) e vai ao mundo em busca dos objetos primários de satisfação.” (Freud, 1915, EPSI, vol. I, p. 166) O polo impelente é representado pelo modo Quase Nominal, nele estão presentes representações pulsionais carregadas energeticamente. O movimento de descarga vai em direção à atualização no agora. Linguisticamente, no presente do modo Indicativo.

No âmbito do Desejo (*Wunsch*) é possível afirmar: “saliva-se antes de comer a uva...” Ou seja, o objeto por meio do qual a pulsão encontrará satisfação não consiste em um objeto externo, mas sim num objeto virtual que se apresenta no âmbito do *Irrealis*. Com base nisso inferimos que o polo atrator, composto de “memória de imagens de alívio”, esta, por sua vez, articulada ao Significante Enigmático, relaciona-se ao modo Fictivo-Hipotético. Conseqüentemente, às fantasias organizadoras das imagens de alívio. Por exemplo, pensemos num diálogo entre um analista e um analisando:

-Dr. Tenho pensado muito nisso...tô com medo de morrer..

-E se você morresse? O que aconteceria?

...dos meus parentes o único que choraria seria minha irmã.

A pergunta iniciada pela partícula “se”, feita pelo terapeuta no modo Subjuntivo, direciona o analisando. Leva-o a expressar as hipóteses acerca do que ocorreria após sua morte. Poder-se-ia objetar que o analisando em nenhum momento utiliza-se da partícula “se”, porém, a retomada do processo associativo é feita a partir da pergunta do analista. Dessa maneira, ambos, pergunta e resposta, situam-se no modo Fictivo-Hipotético.

Como dito o movimento em busca da satisfação vai em direção à atualização no momento presente. Ao modo Indicativo concerne o trabalho executado pela pulsão com a finalidade de alcançar a satisfação. Os atos que caracterizam esse trabalho dividem a linha temporal em passado e não-passado. Ressaltamos que esses atos podem caracterizar paroxismos, Formações do Inconsciente, ou ainda, atos de atualização linguística por meio do sistema de fala. Caso não fôssemos seres de linguagem, e mais importante, não tivéssemos uma instância censora e reguladora da economia psíquica, a satisfação seria alcançada de forma mais imediata e menos mediada.

A cronogênese, definida como a formação da imagem temporal na mente, é indissociável do sistema do verbo e este por sua vez guarda semelhanças com a dinâmica pulsional. Quando abordamos a pulsão sob seu aspecto energético verificamos que seu trabalho de descarga também comporta a noção de atos sucessivos que iniciam com a posse de uma capacidade e que visam a um fim. A posse de um organismo gerador de estimulações endógenas e que urge pela execução de atos que finalizam com a satisfação.

Contudo isso percebemos que os três modos verbais abrangem uma forma trina de representar a vivência do tempo, bem como níveis de realidade no qual os atos pulsionais transcorrem. Enquanto que os tempos verbais (presente, passado e futuro) concernem ao momento de execução de um ato e à representação da vivência dos momentos que compõem o ato de descarga pulsional.

Não fosse pela afirmação freudiana de que as significações são o diferencial dos instintos (*Trieb*) humanos para os instintos (*Instinkt*) animais, a comparação entre a cronogênese e a descarga pulsional não passariam de uma analogia entre o trabalho linguístico de atualização e o trabalho motor de descarga. Todavia, o fator tempo aproxima os dois campos evidenciando a perversão da pulsão pela linguagem. E ainda, o sistema verbal (voz, pessoa, modo e tempo) representa a pulsão.

Tem-se dessa forma que o sentido do Desejo que motiva a configuração dos destinos da pulsão são atualizados nos significados das palavras e nas significações expressas nas frases proferidas pelo Eu. Assim, o conhecimento do Tempo Operativo mostrou-se valioso para o entendimento da forma dinâmica como o significado potencial se atualiza na fala. E, ainda, a forma como a vivência do corpo próprio, a qual

cabe ressaltar, articula-se com o sentido das Formações do Inconsciente é representada pelo sistema de fala.

Vejamos, diferente de um substantivo que expressa a noção de espaço e concerne às fontes pulsionais, o verbo expressa as diversas vivências temporais experimentadas pelos falantes de determinada língua, o que é com o presente, o que foi com o passado e o devir com o futuro. Em contrapartida, a característica da pulsão sexual de estar sempre em movimento, parar seria o zero de movimento, a morte, também nos remete à experiência de investir libidinalmente diferentes representações durante certos intervalos de tempo.

Ou seja, a libido concebida como energia psíquica subjaz aos atos mentais que transcorrem no psiquismo. O Transporte de Sentido que ocorre entre as representações configuram os destinos possíveis assumidos pela pulsão e se dão como uma forma de defesa do Eu diante das significações que emergem das interpretações eliciadas pelo estímulo pulsional. Lembrando que a pulsão nascente se apresenta na consciência como representações e afetos, os quais são investidos e re-investidos. Fato que viabiliza a elaboração.

2.3. SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO NO RELATO DO SONHO MONOGRAFIA

BOTÂNICA

a. “Eu tinha escrito uma monografia sobre uma certa espécie (indistinta) de plantas.”
(1900/2006, ESB, vol. V, p.117)

b. “Eu tinha escrito uma monografia sobre uma certa planta. O livro está diante de mim, estou virando uma prancha dobrada. Em cada exemplar está preso um espécime dessecado da planta, como vindo de um herbário.” (1900/2006, ESB, vol. V, p.118)

c. “Eu escrevi uma monografia sobre uma planta (de espécie indeterminada). O livro está diante de mim, estou virando uma prancha colorida dobrada, um espécime dessecado da planta está preso ao exemplar.” (1900/2006, ESB, vol. V, p.191)

Na obra “A Interpretação dos Sonhos” Freud apresenta três versões diferentes do relato do sonho “Monografia Botânica”. Após havermos estudado o sentido deste sonho na primeira parte da tese e construirmos as bases conceituais necessárias acerca do estudo da língua na segunda parte, far-se-á uma análise do relato do deste sonho por meio das categorias sintáticas que se apresentam neste. Ter-se-á como crivo de análise as representações inerentes ao uso cotidiano do sistema e subsistemas da fala. Para esta análise apoiar-se-á no relato “c” do sonho, o qual se caracteriza por ser o relato mais extenso. As diferenças existentes entre as três versões serão comentadas pontualmente. A tabela abaixo categoriza sintaticamente as palavras presentes no relato.

| Categorização sintática dos vocábulos presentes no relato do sonho Monografia Botânica | | | | | | | |
|--|-------------|---------|----------------|------------|---------|--------|---------------|
| Quantidade | Substantivo | Verbo | Verbo Auxiliar | Preposição | Pronome | Artigo | Adjetivo |
| 1 | Monografia | Escrevi | Está | Sobre | Eu | Uma | Indeterminada |
| 2 | Planta | Está | | De | Mim | O | Colorida |
| 3 | Espécie | | | Diante | | Um | Dobrada |
| 4 | Livro | | | Da(de+a) | | | Dessecado |
| 5 | Prancha | | | Ao(a+o) | | | |
| 6 | Espécime | | | | | | |
| 7 | Exemplar | | | | | | |

Observa-se que a quantidade maior de funções gramaticais que se apresentam no relato do sonho são os substantivos. Seguidos, respectivamente, pelos adjetivos e pelas preposições. Os verbos são utilizados nas formas simples e composta. Esta última por meio do auxiliar “estar”. Não se percebe a ocorrência de conjunções. Sendo utilizados três artigos diferentes, a saber, “uma”, “um” e “o”. O único artigo definido está no gênero masculino.

A direção geral de sentido do sonho consiste numa justificativa freudiana para o decréscimo na quantidade de relações sexuais com a esposa e a reivindicação de seu valor como pesquisador e homem. Sua potência e capacidade de realização já haviam sido provadas pela quantidade de filhos, de obras e contribuições no campo científico. Ao iniciar seu relato por meio do pronome “Eu”, Freud se investe de toda a sua plenitude narcísica infantil.

Evidencia, dessa forma, o investimento das pulsões sexuais no Eu. Cabe ressaltar, a utilização do pronome “Eu” evoca as fantasias totipotentes da infância no período em que o próprio corpo se torna objeto de suas satisfações. Este fato destaca o

caráter solipsista do sonho. O fator de isolamento e nenhum interesse no comércio do mundo.

Em nenhum momento do relato ele faz referência a outras pessoas ou situações. Conforme vimos na primeira parte desta tese subjaz ao trabalho deste sonho a raiva direcionada às autoridades que não o reconheciam, como por exemplo, na não citação de sua participação nas pesquisas sobre o uso anestésico da cocaína. Nem suas contribuições para a discussão do problema das afasias.

Conforme vimos a noção de tempo decorrente de atos que sucedem é inerente ao sistema do verbo. Esta característica nos permitiu afirmar que a dinâmica pulsional é representada pela função gramatical “verbo”. Freud inicia o relato do sonho evocando sua presença narcísica como protagonista do sonho, “Eu escrevi..” ou nas versões mais breves “Eu tinha escrito..”.

O verbo utilizado no relato está no tempo passado, “escrevi” e “tinha escrito”. Dos estudos acerca da representação mental das funções temporais expressas pelos usos dos verbos, tem-se que o tempo passado é o que apresenta o maior nível de certeza. O tempo presente refere-se ao ato que transcorre. Da conclusão deste ato compõe-se o passado e, posteriormente, as hipóteses quanto ao futuro.

Ao final do ato constata-se que este foi efetivado. Não é algo que ainda apresenta mudanças ou a possibilidade de reveses tal como algo que transcorre. A conclusão traz a noção de algo completo e pleno em sua realização. Cabe ressaltar, este tempo destaca o aspecto de conclusão do ato iniciado. Indica também a conclusão do ato de descarga pulsional, a satisfação foi alcançada com a produção do “livro”.

A utilização do verbo no tempo passado reitera a justificativa freudiana quanto à sua produtividade. A “constatação” no sonho da publicação torna a justificativa um fato

inegável. Nos relatos “a” e “b” o verbo “escrevi” é substituído pela forma composta “tinha escrito”. Os verbos auxiliares caracterizam a vivência da duração temporal de modo ligeiramente diferenciado.

O auxiliar “ter”, análogo ao “*Have*” na língua inglesa e “*Haben*” no alemão, o qual foi utilizado por Freud no original, possui a função de localizar o verbo no momento após a conclusão do ato por meio do particípio. Ou seja, situa o suporte, neste caso o verbo principal escrever, em algum lugar após o ato. Seja logo após, no particípio passado, ou em outro momento posterior. No relato deste sonho o uso do verbo auxiliar remete à vivência que trouxe a satisfação. E, ainda, marca o realimentação do circuito pulsional por meio do Desejo de repetição da vivência prazerosa. Após a conclusão do ato de descarga o sistema é realimentado pela busca do objeto pulsional. Ou seja, ocorre uma re-estimulação das vivências infantis. Passemos agora ao estudo das proposições utilizadas por Freud no Relato do Sonho.

Freud relata a perda das conjunções e preposições como fatores que marca o processo inicial de transposição dos pensamentos para as imagens que compõem os sonhos. No relato do sonho que é objeto de nossa análise não são utilizadas conjunções. Todavia, as preposições se apresentam em larga escala. Compondo a terceira maior categoria sintática que é utilizada. A preposição tem a capacidade de relacionar uma importação de significado que já possui um suporte interno (substantivo) a um suporte de significado em outro lugar na sentença. ou seja, confere coesão ao que é dito.

As preposições fazem a ligação entre os diversos elementos que são justapostos no Proto-Sonho quando da produção do Relato do Sonho. Fato que viabiliza a construção da narrativa por quem conta o sonho. Elas atuam de modo a situar o ouvinte espacialmente na cena do sonho, por exemplo, o uso da preposição “diante” por Freud

quando este se refere à localização do livro em relação a si próprio. Esta preposição também indica o direcionamento da pulsão escotofílica freudiana que fixa seu interesse no objeto, livro, que lhe proporciona a satisfação. Subjaz ao uso dessa preposição o jogo sádico-masoquista de controle do objeto. Conforme vimos, durante a aplicação do Método de Associação Livre ao vocábulo “livro”, o psicanalista rememorou a situação em que junto à irmã mais nova destruía o livro de seu pai.

O ato de olhar reivindica a potência do Eu capaz de destruir ou criar uma obra a seu bel-prazer. Remete-nos também ao fascínio exercido pelo objeto pulsional, o qual é buscado mas nunca alcançado, posto que nunca existiu. Após afirmar que o livro se encontra diante de si, Freud o manuseia “virando uma prancha colorida”. Gesto que evidencia o movimento do Eu na execução do controle sobre o outro. Conforme vimos, durante a associação livre, quando da análise da expressão “prancha colorida”, emergem representações relacionadas aos genitais femininos. A curiosidade freudiana por olhar e tocar os genitais da jovem Pauline. Bem como os genitais de sua esposa.

Outra expressão que remete a atos de coerção e controle é o fato do espécime dessecado da planta “está preso” ao exemplar. Nota-se aqui também o trabalho do sonho atuando por justaposição de duas imagens, o espécime colado ao livro. Processo que guarda semelhança com a criação das poesias visuais. Provendo indícios da Transposição de Sentido que ocorre por meio das imagens selecionadas durante o trabalho de formação do sonho. A utilização do verbo auxiliar “está” junto à prancha que pertence ao livro evidencia o caráter atrator do interesse freudiano exercido pelo livro e pelos genitais femininos. São conhecidas as pesquisas freudianas quanto às teorias infantis acerca da própria origem e da diferença entre os sexos.

Os artigos são utilizados em três ocasiões: “o livro”, “um espécime” e “uma planta”. A utilização do artigo no relato do sonho serve à censura por atuar de modo alusivo quanto ao objeto. Em um primeiro momento a utilização do artigo definido “o” poderia indicar clareza e definição. Todavia, a forma com que este artigo faz referência aos demais elementos referenciados pelos demais artigos, denota a atuação do mecanismo primário de Deslocamento. Abordemos essa questão por meio de um diálogo hipotético com Freud:

Sonhador afirma “o livro está diante de mim.”

Então,

Nós perguntamos: Qual livro?

F: uma monografia sobre uma certa planta

N: qual planta?

F: A que está dessecada e presa ao livro.

N: Qual livro?

O processo de referência interno ao discurso se faz ausente. Apresentando-se de modo circular e sem consistência argumentativa. Este fato evidencia que o trabalho de formação do sonho ocorre por Justaposição e não por composição. Ou seja, as representações imagéticas que compõem o sonho são justapostas, não ocorrendo um encadeamento semântico que faça referência a um objeto que possua *Res Extensa*. Percebe-se a forma dessignificada com que as representações são tratadas na instância Inconsciente. A aparente coerência do sonho deve-se à atuação do processo de elaboração secundária.

A função gramatical do artigo de conferir especificidade ao objeto sobre o qual se fala, o substantivo, é deformada pelo Trabalho do Sonho. Ao observarmos o diálogo hipotético acima observa-se que os artigos “uma” e “o” são utilizados na direção das representações justapostas “livro” e “monografia”. A identidade que ocorre entre os dois tipos de artigo os descaracteriza evidenciando a singularidade da forma como o processamento primário que desconsidera o princípio lógico da não exclusão. Neste exemplo, o “livro” e a “monografia” são gerais e específicas concomitantemente.

A censura inverte a função sintática de especificação do substantivo que cabe ao artigo realizar. Caso o relato fosse composto somente por artigos indefinidos, evidenciando que há algo que não deve ser dito, soaria estranho demais ao Eu. Desse modo, a aparente certeza quanto ao que se fala utilizando-se do artigo definido é eliciadora de equívoco quanto à motivação e sentido do sonho. Fato que favorece à censura e aumenta o nível de equívoco durante o trabalho interpretativo.

Conforme vimos no capítulo anterior o substantivo tem como função representar a vivência espacial que fundamenta nossa experiência no mundo. Concluiu-se que a noção de limite corporal, sua continuidade e descontinuidade, constitui-se por meio do estabelecimento das zonas erógenas. A noção de zona erógena como área de troca com o mundo, ou seja, de local que recebe os cuidados higiênicos e nutritivos da mãe, articula-se com a representação da função sintática de número do sistema do substantivo. Posto que o subsistema do número, manifesto pelo singular ou plural, constitui-se por meio da experiência de continuidade e de descontinuidade dos objetos. Sob a ótica do corpo como passível de responder a estímulos endógenos e exógenos tem-se o próprio corpo e o da mãe como apoio primeiro para a constituição da noção de objeto.

No relato do sonho todos os substantivos encontram-se no singular. Anotamos como um possível tema de pesquisa futura a análise comparativa de outros relatos de sonho no intuito de averiguar se, caso haja a utilização da forma no plural dos substantivos, estes remetem a várias zonas erógenas diferentes. Parece que tal confirmação seria útil no contexto clínico de análise dos sonhos por conferir maior precisão à escuta clínica. Ao observarmos o modo com que, no sonho Monografia Botânica, Freud narcisicamente afirma sua potência e completude nos soa coerente a não utilização da forma plural nos substantivos apresentados. Ele se apresenta completo e integrado.

A acepção de zona erógena como se referindo à capacidade que o corpo humano tem de ser estimulado como um todo, seja por meio de uma atividade muscular ou por meio do pensamento subjaz à utilização dos substantivos no relato do sonho. Os substantivos utilizados são: monografia, planta, espécie, livro, prancha, espécime e exemplar. Nesse sentido os substantivos se constituem em objetos representativos do objeto da pulsão. Presentificando-se como provas que justificam a potência freudiana. Mais ainda, a vivência de satisfação auto erótica.

A função sintática do substantivo é servir de suporte para a predicação. Ou seja, ele constitui o “sobre quem se fala”, enquanto que o verbo constitui o ato de falar “sobre quem se fala”. O ato de predicar consiste no ato de atribuir significados a esse algo. O esforço humano de dizer sobre esse algo que nos atravessa. Conforme vimos no capítulo quatro da parte II esse algo estabelece-se no psiquismo infantil devido à confusão existente entre a linguagem do adulto e a da criança. A atuação do Inconsciente materno durante os cuidados prodigalizados à criança propõe a este o significante enigmático, o qual se liga ao componente “fonte” da Pulsão.

Os substantivos apresentados podem ser agrupados em duas categorias, a saber, objeto de leitura e objeto botânico. Na primeira estão alocados os substantivos monografia e livro. Na segunda categoria se fazem presentes os substantivos, “Planta”, “Espécie”, “Prancha”, “Espécime” e “Exemplar”. A categoria objeto de leitura configuram a vivência da certeza alucinatória somática de sua capacidade de realizar, suas obras.

Por sua vez, a categoria objeto botânico é composta por representantes do corpo feminino. A separação dessas categorias pode ser feita por meio das noções semânticas presentes na utilização cotidiana dessas palavras. Conforme a nomenclatura que propomos, realizando um Transporte de Significado, uma Metáfora secundária com base no relato do sonho. Esta se une à Metáfora Primária ou de Transporte de Sentido que é manifesta pela Condensação das categorias objeto de leitura e objeto botânico. A semelhança perceptual das folhas do livro, composto por pranchas coloridas é condensada à imagem dos grandes e pequenos lábios dos genitais femininos.

A diferença do substantivo para o adjetivo é que este último necessita de um suporte externo para se efetivar. O sema essencial do adjetivo se conecta ao sema essencial do substantivo. Guillaume (1945) chama incidência o processo de transposição de um significado, de exportação (dizer algo) para o suporte (sobre algo). Este processo emerge em qualquer sentença. O tipo de incidência que ocorre no adjetivo chama-se incidência externa, por este se referir ao substantivo.

No substantivo o tipo de incidência que ocorre é interna posto que dentro do próprio substantivo há a representação sobre a qual o substantivo fala e a natureza a que o substantivo se aplica. Ou seja, todo significado é sobre alguma coisa. No substantivo a importação de significado e o suporte para essa importação são ambos internos. O

conceito de incidência abrange a noção de sema essencial somada à amplitude ordinária de uso. Por exemplo, ao dizermos cão, incluem-se todos os caninos e se exclui todos os felinos. A mensagem pretendida, atualizada, define a amplitude da significação. (Hirtle, 2007, p.121)

No relato do sonho são apresentados quatro adjetivos, a saber, “colorida”, “dobrada”, “dessecado” e “indeterminado”. Estes apresentam características dos livros e das flores apresentadas no Proto-Sonho, as quais fazem referência aos órgãos genitais. É possível que a utilização do adjetivo dessecado faça referência a não preparação do corpo para o ato sexual. Tanto como forma de uma defesa freudiana responsabilizando sua parceira pela diminuição da frequência das relações sexuais, como também uma forma de afirmar que o ato de satisfação já foi completado. Se ainda houvesse interesse haveria a preparação do corpo para a penetração.

Conforme observamos no modo com que a censura inverteu a atribuição sintática do artigo definido, tornando-o geral em seu uso, processo análogo ocorreu na utilização do adjetivo “indeterminado”. Haja vista que cabe ao adjetivo qualificar o substantivo, a generalidade com que o vocábulo o descreve aumenta o nível de incerteza quanto a que planta o Proto-Sonho se refere. A tabela abaixo sintetiza as reflexões quanto ao processo de interação entre o sentido e representação das funções sintáticas.

| Mapa Geral da Relação entre Sentido, Significado e Representações Sintáticas | | | | |
|--|--|-----------------------------|--|--|
| Sentido | Relato do Sonho | Função Sintática | Vivência Representada pela Função Sintática | Vivência Vivida |
| Justificativa Narcísica | “Eu tinha escrito” “Eu escrevi” | Pronome Verbo | Aquele que enuncia, referência. Tempo passado, maior nível de certeza quanto a ocorrência do evento | Integração das pulsões. Conjunto de atos pulsionais que evidenciam a necessidade, a pressão e a descarga energética |
| Controle do Objeto | “Estou virando..” “está diante” “está preso” | Verbo Preposição | Verbo no gerúndio indica o ato de controle que transcorre. Faz a ligação entre os termos | Jogo sádico-masoquista Pulsão Escoptofílica |
| Objeto | Monografia, Planta, Espécie, Livro, Prancha, Espécime, Exemplar Indeterminada, Colorida, Dobrada | Substantivo Adjetivo | Noção de espaço Qualifica o espaço | Fontes pulsionais e Zonas Erógenas |

| | | | | |
|---------|-------------|--------------------------|--|------------------------------|
| | e Dessecado | | | |
| Censura | | Artigo Preposição | Especificar o substantivo. Faz ligação Obs: a censura inverte a função representacional eliciando uma alusão | Conflito pulsional neurótico |

Cabe lembrar que o principal diferencial da análise de Guillaume quanto às partes do discurso é que ele analisa as partes do discurso não em termos do papel que elas desempenham na sentença, mas em termos das condições que as permitem desempenhar estes papéis. Atribuindo à palavra uma unidade de potencialidade. Tal abordagem do sistema sintático tem como foco as vivências que são representadas pelos diversos sistemas da fala, bem como os aspectos perceptivos associados a elas.

As categorias básicas do substantivo e do verbo evocam as vivências temporais e espaciais fundamentadas no corpo. Este que é passível de ser estimulado externamente e endogenamente. A noção defendida por Gustave Guillaume é a de que as representações inerentes ao uso das funções sintáticas evidenciam a função do psiquismo de representar e simbolizar o mundo em que vive.

Nossa análise dos elementos que compõem o relato do sonho à luz dos pensamentos latentes evocado por Freud em sua auto análise nos permite afirmar que é por meio das representações das funções sintáticas que o sentido se une às significações. Tal afirmação é possível por se apoiar no caráter dinâmico do psiquismo e no processo de atualização daquilo que remanesce do infantil no adulto. O esforço constante para dizer, ou melhor, para se dizer. Alterando o sentido da própria vida e de seus pares. (Hirtle, 2007, p.121)

CONCLUSÃO PARTE III

O sistema da língua não existe como uma norma abstrata mas sim como um potencial pré-consciente na mente. Este sistema é passível de ser atualizado quando o falante profere um discurso ou escreve um texto. Guillaume caracterizou a fala como um *Univers Regardant*, uma visão de mundo. Um universo mental decorrente de nossa interpretação das experiências do mundo ao nosso redor e dentro de nós. Este representar de nossa experiência comum do universo em uma forma caracteristicamente humana envolve formatar estas experiências a um ponto de vista singular.

Este linguista diferencia referente, representação (ideia) e significação. Não fazer tal distinção é cair no equívoco de afirmar que tudo é linguístico, como por exemplo, a secreção da bÍlis e outras funções vegetativas. Para ele o pensamento não pode ser restringido ao estado permitido pela linguagem em um dado momento. E ainda, o propósito do papel simbólico da linguagem não é fornecer um meio pronto e estático para a expressão mas sim a capacidade de criação e atribuição de sentido.

Assim a linguagem potencial é vista como uma habilidade adquirida e exercitada individualmente por falantes inseridos numa comunidade linguística. Sua concepção diferencia-se, desse modo, da dicotomia estática saussuriana. Para Guillaume a palavra não é um item pronto em um inventário, análogo a um livro em uma instante. Constitui-se, sim, como um produto resultante de ordenamento é reconstruído a cada ocasião que antecede o proferimento de uma sentença. Como falantes, nós representamos nossas experiências extralinguísticas graças aos significados das palavras e expressamos as representações linguísticas resultantes graças aos signos. Desse modo, a língua como potencial possui três características: é organizada, dinâmica e mental.

No processo de atualização o sentido lexical potencial e o sentido gramatical potencial são articulados a fim de expressar uma mensagem. Cabe ressaltar, o sistema gramatical é o potencial dinâmico para levar a cabo uma série de operações com a finalidade de produzir palavras que irão compor sentenças que expressam a experiência momentânea de um sujeito. Esta concepção operativa da língua levou-o a esquematizar a forma como a noção de tempo se constitui na mente dos falantes.

O mecanismo de cronogênese é composto por três momentos. A primeira etapa denomina-se tempo *in posse*, e consiste no fato do sujeito possuir o significado da capacidade representada pela palavra que será atualizada. Por exemplo, no início a criança possui a capacidade de pegar, posteriormente com a aquisição da linguagem ela consegue utilizar o verbo “pegar” no sentido que é compartilhado pela comunidade linguística na qual está inserida. Ou seja, ela tem *in posse* a significação inerente ao uso do verbo pegar. A segunda etapa denomina-se tempo *in fieri*, em se fazendo, e caracteriza-se pelo transcorrer de um ato, nesse caso do movimento de atualização que culminará na produção de uma sentença. Levando em consideração que esse processo não é uma seleção num arquivo de léxicos, e sim um movimento criativo da mente, esta segunda etapa também inclui o defrontar-se com as diversas possibilidades de atualização. A terceira etapa denomina-se tempo *in esse*, do latim feito ou concluído, e concerne ao tempo de conclusão do ato mental de atualização. Com o avanço de seus estudos acerca da temporalidade no sistema sintático o linguista foi levado a afirmar que ao verbo cabe a função de representar a vivência temporal dos falantes.

As etapas da cronogênese guardam semelhança com o processo de descarga energético pulsional. A posse de um corpo capaz de receber estimulação e de trocar com o meio ambiente. O ato de descarga do potencial energético e a conclusão do ato guarda semelhança com o processo de descarga energética libidinal durante a produção de uma

palavra ou sentença. A noção de atos que se seguem, conforme dito, compõem a própria representação mental do tempo. Nesse sentido, a vivência do fluxo pulsional, bem como os destinos a que está exposto nos remete à definição de sentido discutida na primeira parte desta tese. Desse modo, o processo de cronogenese e a concepção guillaumiana de que a língua se constitui em algo que é vivo e expressa a vivencia dos falantes ressoa nos pressupostos psicanalíticos de associação de estímulos e união de representações com vistas ao comércio com o mundo. O processo de formação das palavras concerne à própria constituição da pessoa. E tal como Freud concebeu, fundamenta-se em atos motores que configuram e moldam os atos psíquicos.

Ao longo do capítulo dois discutiu-se a forma como a vivência erógena do corpo próprio configura a noção espacial que, após o falante adquirir a capacidade, é expressa por meio da função sintática do substantivo. Gradativamente o bebê adquire a capacidade de orientação-espacial e identificação de estímulos. A mãe se configura como o mundo, por meio do qual são satisfeitas as necessidades primárias. Alimentação, higiene e movimentação do corpo. O bebê é levado para os diversos lugares e da assimetria da relação com o mundo adulto é marcado pulsionalmente. Este período apoia os estágios de desenvolvimento posterior. Sendo a aquisição da capacidade de auto expressão por meio do sistema de fala outro marco que evidencia a reconfiguração do aparelho psíquico.

De acordo com Guillaume o que uma palavra designa em uma sentença é algo proveniente da experiência momentânea do falante, algo fora da linguagem que foi representado graças ao potencial permanente de significado das palavras. Por outro lado, o significado de uma palavra em uma sentença atualizada é apenas um dentre os vários que esta possui potencialmente na língua. Convém ressaltar que nunca um lexema ou morfema pode ser evocado da mente pré-consciente expressando todos os

sentidos potenciais. Conforme discutimos no capítulo quatro da parte dois, a palavra configura-se como um recorte

Decorrente desta distinção tem-se outra forma de conceber a sintaxe, a saber, cada um dos tipos de palavras(substantivos, verbos, proposições, etc.) não é concebido como um elemento manipulado pelas regras sintáticas mas como um processo formador na língua, um processo de gramatização que permite à palavra desempenhar determinado papel sintático.

Devido a esse aspecto gramatical uma palavra pode completar uma função numa sentença em construção. Por exemplo, se uma sentença, em processo de atualização, necessita de uma palavra que assuma o papel específico de predicação. Ou seja, necessita “dizer algo” sobre “alguma coisa”. Então o componente lexical da palavra fundamenta-se no tempo, modo e pessoa. Assim um verbo é selecionado, o qual tem a função de predicar algo acerca do sujeito.

Por outro lado, se é necessária uma palavra que represente o assunto referido pela sentença, ou seja, “de quem se fala”, o seu sentido lexical deve ser categorizado por meio das variáveis gênero e número. Dessa forma, um substantivo ou pronome é selecionado. Haja vista que estes podem assumir o papel de sujeito.

Ou ainda, caso se necessite de uma palavra que represente o relacionamento entre um substantivo e outra parte da sentença utilizamo-nos de um lexema que gere uma preposição. Assim, cada parte do discurso, palavra, pode potencialmente desempenhar funções sintáticas específicas. Sendo, conforme vimos no primeiro capítulo desta parte, o sistema de formação de palavras o mais geral e básico dos sistemas. Na primeira tópica freudiana concerne ao funcionamento da Instância Pré Consciente.

Por fim, no capítulo dois da parte três desta tese, analisou-se o relato do sonho por meio das representações inerentes às funções sintáticas. Neste capítulo correlacionou-se o sentido do sonho que emergiu por meio da auto análise freudiana, com as formas sintáticas presentes no relato do sonho, destacando quais vivências são representadas por essas funções sintáticas e a vivência que apoia estas representações linguísticas. Ou seja, o sonho monografia botânica constitui-se em uma justificativa narcísica de Freud devido ao decréscimo na quantidade de relações sexuais com a esposa. Ao longo do sonho ele afirma sua potencia e produtividade. Seja por meio da quantidade de filhos como por suas produções no âmbito da ciência. O relato do sonho se inicia com o pronome pessoal “Eu”.

Em seguida afirma: “tinha escrito” e “Eu escrevi”. Vimos que a forma verbal de tempo no passado tem como função representativa expressar o maior nível de certeza. O que nossa percepção humana apreende do ato que acabou de concluir é tomado como o mais certo de ter acontecido. Freud é categórico ao afirmar que “escreveu”. Durante o sonho ele não está escrevendo ou pretende escrever. A obra encontra-se diante dele e está concluída. A utilização do pronome “Eu” indica o narcisismo freudiano. No sonho ele se apresenta pleno e completo diante de seu feito. As formas verbais indicam a descarga pulsional que ocorreu e a satisfação alucinatória presente no sonho.

A análise dos substantivos e adjetivos presentes no relato do sonho levou-nos a concluir que estes remetem à vivência corporal infantil das zonas erógenas. Posto que estas marcam as áreas de contato com o mundo adulto quando dos cuidados higiênicos e de nutrição prodigalizados pela mãe ao bebê constituindo a auto percepção dos limites espaciais do corpo. Percebeu-se que o sentido do conjunto de pensamentos latentes condensados nessas representações podem se rerepresentar por meio da fala devido à representação inerente à função sintática do substantivo – a noção de espaço.

O papel desempenhado pela representação inerente às funções sintáticas na união do sentido ao significado repetiu-se ao longo da análise dos pronomes, verbos, artigos, preposições, substantivos e adjetivos presentes no relato do sonho. Fato que nos levou a concluir que é por meio desta representação que o sentido se une ao significado, permitindo que o *Das Infantile* se torne dizível, a despeito dos equívocos e deformações eliciados pelo conflito psíquico.

CONCLUSÃO

A presente tese teve como norte direcionador o questionamento acerca da forma como o sentido do sonho se articula com o processo de atribuição de significado e ordenamento sintático do Relato do Sonho. Ao longo deste trabalho buscou-se retomar o processo de delimitação dos conceitos por Freud através das situações históricas vivenciadas por ele. Tal abordagem foi necessária devido ao papel desempenhado pela autoanálise realizada pelo psicanalista na descoberta dos processos que compõem o Trabalho do Sonho.

Na parte I da tese buscou-se definir a noção de sentido tomando-se como base o trabalho interpretativo do sonho “Monografia Botânica” descrito por Freud na obra “A Interpretação dos Sonhos”. Foi ressaltado o caráter inovador da postura freudiana ao qualificar a fala das pacientes diagnosticadas com histeria. O desenvolvimento do método catártico e o aprendizado junto ao médico Charcot com o método hipnótico levou Freud a estabelecer o Método de Associação Livre como a chave que abriria as portas do Inconsciente. Fato que lhe conferiu segurança na interpretação dos sintomas neuróticos. Com base no princípio da causalidade psíquica Freud aplicou este método aos sonhos que surgiam durante a fala espontânea de suas pacientes.

O amadurecimento da técnica psicanalítica levou Freud a perceber os sintomas sob um enfoque diferenciado dos demais médicos neurologistas e clínicos da época. O psicanalista percebeu que a histeria não possuía em sua etiologia a atuação de um ente exógeno morboso tal como um vírus ou como sendo mero fingimento. O processo de adoecimento expressado pela histeria concernia ao âmbito existencial de um conflito psíquico atrelado a um sofrimento amoroso.

Nesse aspecto a forma de adoecimento guardava relação intrínseca com o modo com que os pacientes amavam e se permitiam se amados. Dito de outro modo, o sintoma se manifestava como uma solução de compromisso que concernia à forma como o paciente se colocava no mundo e se relacionava com as demais pessoas e consigo própria. Tais descobertas decorreram dos atendimentos diários das pacientes bem como do visceral trabalho de autoanálise. Freud analisava sistematicamente os conteúdos que emergiam durante o processo associativo. Lembranças, devaneios, sonhos tudo era massa a ser trabalhada. Por meio da aplicação do Método de Associação Livre a função dos sonhos foi descoberta.

Conforme dito, a aplicação do Método de Associação Livre na análise dos sonhos trouxe a Freud a certeza quanto a veracidade de suas hipóteses. O Inconsciente não se limitava ao conteúdo que não estava presente na Consciência. Este possuía regras específicas de funcionamento, as quais se expressam na forma com que este lida com as representações. Neste as representações são tratadas como coisas e de modo imagético com base nos princípios do livre fluxo de energia e atemporalidade. Estas regras possibilitam a diferenciação do funcionamento desta instância do funcionamento das instâncias Pré-Consciente e Consciente. Nestas últimas o princípio da lógica e do ordenamento sintático se fazem presentes.

De modo análogo à descoberta do disfarce a que o Desejo (*Wunsch*) estava submetido no discurso histórico. Freud discrimina os mecanismos psíquicos que compõem os atos mentais que caracterizam a deformação a que as representações ligadas ao Desejo estão sujeitas. Estes mecanismos são a Condensação, Deslocamento, Figurabilidade e Elaboração Secundária.

Dentre os atos mentais está a perda dos conectivos “se” e “que”, os quais tem a função sintática de ordenar as frases, encadeando as sentenças para que o discurso proferido se faça de modo coerente. De certo modo, a ocorrência desse ato mental ressalta o âmbito da sintaxe na primeira tópica freudiana – as Instâncias Pré-Consciente e Consciente.

Subjaz à argumentação freudiana da constituição do aparelho psíquico a noção de sistemas que interagem e que se desenvolvem de modo concomitante à maturação do soma. Tal maturação leva a novas possibilidades de comércio afetivo com o mundo e as pessoas. Dito de outro modo, subjaz à noção freudiana do estabelecimento do aparelho psíquico a concepção de que os atos corporais vivenciados pelo nascituro configuram os atos e processos psíquicos.

O sistema desenvolvido anteriormente continua a funcionar ao mesmo tempo que os novos sistemas. Com a finalidade de exemplificar essa característica da psique humana, o psicanalista utiliza-se da metáfora dos *fueros* (fóruns de justiça) espanhóis. Com as invasões napoleônicas, novo conjunto de regras foi imposto por ele aos povos invadidos. Todavia, nas cidades espanholas as regras estabelecidas anteriores à invasão continuaram a ser aplicadas juntamente com as novas leis. Ocorreu um ajuste entre o novo conjunto de regras e o antigo.

Para o desenvolvimento de nossa tese, dois aspectos que decorrem da aplicação do Método de Associação Livre à análise dos sonhos receberam destaque. O primeiro foi a diferenciação entre o Proto-Sonho, o qual consiste no sonho que transcorre como um acontecimento solipsista, e o Relato do Sonho. Este último consiste no relato que é feito pelo Eu desperto acerca do que é lembrado da vivência onírica e assume a forma de uma narrativa. Em sentido amplo concerne ao texto que é interpretado. A produção

do relato do sonho pelo Eu evidencia outra série de atos mentais que levam à conformação do sonho em um relato ordenado gramaticalmente com vistas a comunicar.

Neste relato atuam não somente o mecanismo de Elaboração Secundária, a qual confere um acabamento geral ao sonho na tentativa de conferir a ele certa coerência, mas também fatores lógicos e sintáticos concernentes à forma de apresentação do que foi vivenciado no sonho. Ou seja, a reapresentação dessa vivência por meio de palavras que compõem proposições e que são ordenadas de acordo com as regras de determinada língua falada por uma comunidade linguística específica.

O segundo aspecto consiste na diferenciação existente entre o Conteúdo Manifesto e o conjunto de Pensamentos Latentes. O Conteúdo Manifesto consiste no material que se apresenta no sonho e que é lembrado ao se acordar. Os pensamentos latentes são obtidos a partir da aplicação do método desenvolvido por Freud ao conteúdo manifesto. A diferença entre o volume de material apresentado por ambos evidencia a atuação do mecanismo primário de Condensação.

Tais aspectos evidenciam a deformação a que os pensamentos latentes motivadores do sonho estão submetidos e o trabalho interpretativo necessário para que se alcance o Desejo motivador da produção onírica. Cabe lembrar que a certeza quanto ao papel da censura e das diferentes formas de lidar com as representações pelos sistemas psíquicos no processo de deformação decorre da aplicação do supracitado método aos próprios sonhos, aos sonhos de seus pacientes, amigos e familiares de Freud.

No capítulo dois da parte um desta tese estudou-se a aplicação do método de associação livre ao sonho Monografia Botânica. Na obra “A Interpretação dos Sonhos” o autor apresenta três relatos diferentes deste sonho. Nota-se como a generalidade na

forma com que Freud se refere ao conteúdo da monografia presente no sonho serve à censura constituindo-se como um modo de defesa freudiana ante ao desejo que motiva o sonho.

Este sonho tem como direção formadora a justificativa freudiana para o decréscimo da quantidade de relações sexuais realizadas entre ele e sua esposa. Além do interesse de Freud por mulheres mais jovens que ele e a fantasia de seduzir e ser seduzido. O sonhador afirma sua virilidade e potência ao listar a quantidade de filhos e produções científicas (monografias, artigos e pesquisas).

Da análise deste sonho provém o entendimento freudiano sobre o modo com que os restos diurnos se unem às vivências corporais infantis. Mais especificamente, a articulação das lembranças encobridoras da infância à vivência das estimulações endógenas e as formas de obtenção da satisfação libidinal. E ainda, a interação entre o mecanismo de Condensação e de Deslocamento.

Conforme dito, uma ideia, representação, somente é utilizada no processo onírico pelo trabalho do sonho caso esta se ligue afetivamente a um resquício da vivência infantil. Os cuidados maternos necessários à sobrevivência do recém-nascido erogenizam o corpo deste. Estabelecendo, desse modo, o funcionamento das fontes de estimulação endógenas. As vivências corporais infantis remontam a um período em que a criança ainda não tinha em posse a capacidade de se expressar por meio da fala articulada, dando-se a comunicação somente por meio de sons e do sentir dos ritmos corporais entre o bebê e a mãe. No período que se convencionou chamar em psicanálise de Estágio de Dependência Absoluta.

A satisfação proveniente do investimento da libido nas representações constituem a realização de Desejo (*Wunsch*) que é alcançada no sonho. Com isso em

mente chegou-se à conclusão de que o sentido do sonho concerne à solução de compromisso que ocorre entre as diversas forças atuantes na psique. Caso consideremos que em Psicanálise o sintoma é constituidor, o sentido do sonho que é encontrado por meio do trabalho interpretativo traz indícios quanto à direção existencial assumida pelo sonhador.

A busca do sentido dos sintomas neuróticos empreendida por Freud traz de modo inerente a reflexão acerca da forma com que os humanos atribuem sentido às próprias existências. No período da escrita da obra freudiana máxima acerca dos sonhos o autor também refletia sobre o tempo de vida que ainda lhe restava e buscava formas de lidar com o Desejo de se tornar um grande homem. Desse modo, o sentido configura-se como um grande arco que em parte pode ser representado pelo conteúdo manifesto e posteriormente relatado e compartilhado por meio da língua.

No capítulo três, intitulado “A qualificação freudiana da equivocidade e a fala como *Phàrmakon*” concluiu-se que o trabalho interpretativo freudiano das Formações do Inconsciente inserem a Psicanálise na discussão acerca dos limites do que é possível ser dito por meio da linguagem. Os equívocos e mal entendidos evidenciam a não correlação direta entre o objeto que possui *res extensa*, as diversas associações de objeto que compõem a Representação-Objeto, denominada Representação Coisa por Freud em 1915, e as associações que compõem a palavra, a qual será nocionalmente denominada Representação-Palavra também em 1915.

O fato de que temos acesso ao mundo via operações de mediação teve como mote reflexivo as contribuições de Ricoeur acerca das definições de símbolo e interpretação. Para Freud não procede a afirmação de um Eu interno ou homúnculo interno imutável que coordena conscientemente a existência humana. A própria

afirmação de um Eu consciente no Inconsciente soa contraditória. Desse modo, a inserção psicanalítica acerca da univocidade de sentido e da multivocidade quanto ao que pode ser dito acerca de um suposto Ser-Verdade, tal como compreendido por Parmênides, deve considerar a vivência dos estímulos corporais endógenos e exógenos. Sob o enfoque psicanalítico a multivocidade e equivocidade inerentes ao uso da linguagem falada deve considerar o papel do Desejo, as particularidades de funcionamento das diferentes instancias psíquicas e o confronto entre pulsões que buscam a satisfação e a censura que dificulta essa mesma satisfação.

De certo modo a primeira parte desta tese se configurou como uma revisão do processo de delimitação freudiano de seu campo de produção epistemológico – a Psicanálise. Campo que analisa o sentido dos sintomas por meio da fala. O processo gradativo de qualificação da fala como *Phármakon* e os mecanismos de deformação a que o Desejo (*Wunsch*) está sujeito quando de sua apresentação no contexto de determinada comunidade linguística foi estudado na primeira parte desta tese.

Com isso em mente, seguimos na parte dois pela busca da diferenciação entre sentido e significado. Isso foi feito sob o enfoque da ciência Linguística, posto que esta tem como objeto de estudo a Língua, a qual fundamenta-se no significado. No capítulo 1 desta parte estudou-se os conceitos basilares desta ciência propostos por Ferdinand De Saussure. Dentre estes destacou-se: significado, imagem acústica (significante) e o referente externo. Bem como as noções de Diacronia e Sincronia.

Coube lembrar que a diacronia se refere ao estudo da língua ao longo do tempo, enquanto que a sincronia consiste na reprodução do sistema da língua por um falante imerso em uma comunidade linguística. O primeiro autor que discutiu os pontos de encontro entre a ciência linguística e o saber psicanalítico que recebeu a nossa atenção,

ao longo do capítulo 2, foi Roman Jakobson. O segundo pensador a ter sua cosmovisão apresentada, ao longo do capítulo 3, foi Jacques Lacan.

Os pontos apresentados por Jakobson se inserem no arco que tem como mote a sua busca pela definição dos limites e idiossincrasias inerentes à linguagem poética. O que diferencia a linguagem poética das demais formas de expressão por meio da fala? Tal questionamento foi contextualizado por meio da participação desse pensador no movimento que ficou conhecido como Formalismo Russo. Por mais que esse movimento tenha sido composto por diversas concepções diferentes. É possível afirmar que a primeira resposta foi exposta no livro *Sborniki po teorii poeticheskogo iazyka* (*Anthologies on the Theory of Poetic Language*) em 1916. Neste, os autores russos Chklovsky, Jakubinsky, Polivanov e Kushner atribuíram ao som o papel central na linguagem poética. Enquanto que na linguagem prática a ênfase recai sobre o significado do léxico.

Com vistas ao aprofundamento desse questionamento, o pensador estudou as teorias literária e da comunicação, linguística, semiótica e pesquisas clínicas acerca dos problemas da linguagem. Sendo suas proposições quanto às afasias as mais conhecidas no meio psicanalítico.

Jakobson fez uma leitura crítica dos conhecimentos apresentados por esses saberes. Na linguística, por exemplo, discorda de Saussure quando este propõe a dicotomia entre diacronia e sincronia. Para o primeiro estes não se configuram como conceitos opostos e sim que guardam uma interação dinâmica. A auto expressão de determinado falante em uma língua, sincronia, altera ao longo do tempo, diacronia, a língua. Tal concepção considera a vivência subjetiva do tempo bem como o processo interpretativo do pesquisador.

Não há registro deste pensador ter trabalhado como clínico, por mais que os estudos realizados no campo das afasias assumam destaque dentre as suas produções. Para ele, independente do grau de afasia apresentado os desarranjos se davam nos processos de combinação e seleção dos signos linguísticos. Cabe destacar não somente no processo de combinação e concatenação, tal como Saussure postulou. Disso decorre o estabelecimento das categorias “distúrbios de contiguidade” (combinação e contextura) e “distúrbios de similaridade” (seleção e substituição) para classificar a forma de apresentação das afasias.

Conforme dito no capítulo 2 desta segunda parte da tese, Jakobson confere importância ao aspecto subjetivo. Ou seja, àquele que fala e se utiliza do sistema sintático. Todavia, ele não se aprofunda nas questões tópicas e psicodinâmicas, mesmo que se utilize de dados clínicos quando considera o processo de desconstrução que ocorre nas afasias. Ele se apoia predominantemente nos processos de seleção e combinação inerentes ao papel de mediação simbólica manifesto pelo deslocamento e pela condensação. Ou seja, à combinação e seleção de representações.

Para ele o processo de metaforização e de produção de metonímias caracterizavam o próprio processo de mediação simbólica humana. Em seguida, dedicou-se ao estudo do problema da interpretação onírica e chegou na conclusão de que os mecanismos primários de Condensação e Deslocamento e o Tropos Linguísticos Metáfora e Metonímia tem em comum os processos de seleção e combinação. Desse modo, em sua concepção, para que um sonho seja corretamente interpretado basta identificar a característica dos processos que atuam nas representações.

Consideramos esta afirmação problemática por desconsiderar a abertura epistemológica freudiana quanto à forma com que os sintomas neuróticos se articulam

com o processo de formatação psíquica ao longo das etapas de desenvolvimento e do Eu que se expressa. Outra restrição quanto a utilização dos conceitos de Condensação e Deslocamento está no fato desta desconsiderar as diferenças na forma como as diversas instâncias lidam com as representações. Sua releitura é válida por abrir a discussão acerca dos limites epistemológicos entre as diversas ciências humanas e destacar a reflexão freudiana quanto aos mecanismos básicos de apreensão do mundo e o aspecto temporal que atua nesta apreensão.

Destaque foi atribuído a consideração feita por Roman Jakobson acerca do aspecto temporal e sincrônico da fala. Cabe ressaltar que mesmo que os linguistas Kruszewski e Roman Jakobson ressaltem o papel da sonoridade do significante na poesia, eles resguardam o pressuposto epistemológico linguístico da prevalência do significado para o entendimento de um enunciado e para a pesquisa da língua.

Com isso vimos que a pesquisa quanto às *differentia specifica* da poesia levou o estudioso Roman Jakobson a diversos campos de produção de saber. Seja pelo aspecto dos signos, do significado, da simbolização ou clínico, esta postura o aproximou do problema acerca do que é passível de ser dito pela linguagem, tal como discutimos no capítulo três da parte I. A pergunta delimitada por Paul Ricouer vem ao encontro do questionamento dos Formalistas Russos.

Jakobson tinha ainda o objetivo de analisar a fala de pacientes esquizofrênicos, mais especificamente do poeta Friedrich Hölderlin, o qual, além de se dedicar à arte poética, foi diagnosticado como esquizofrênico. Esta pretensão foi efetivada pelo médico Jacques Lacan. Cujas contribuições trouxeram um novo impulso às discussões psicanalíticas na França.

A releitura proposta pelo psicanalista considerou o papel do Desejo Inconsciente e se aprofunda na analogia entre o saber linguístico e o saber psicanalítico. Este foi o objeto de estudo do capítulo três. A proposta de Lacan ao conceber o Inconsciente como a letra do discurso, definindo-o pela inversão do algoritmo saussuriano, S/s, gerou particularidades no modo de lidar com as formações oníricas. Ele relaciona a deformação decorrente do trabalho do sonho (*Traumarbeit*) com o deslizamento do significado sob o significante no discurso, ou seja, as operações no significante transformam o conteúdo manifesto.

A alteração feita por Lacan recebeu a crítica de Roman Jakobson. Para este o psicanalista não fazia Linguística. De modo espirituoso, em sua auto defesa, o psicanalista afirma não fazer linguística e sim “linguisteria”. Vocábulo que evidencia seu gênio criativo e que é formado pela condensação dos termos “linguist” e “isteria”. Este termo evidencia seu esforço em ajustar as complexidades do estruturalismo no estudo da língua e a inovação freudiana na escuta do Desejo das pacientes histéricas.

Observou-se que sua intenção era conferir maior precisão aos termos utilizados por Freud iluminando outras trilhas indicadas pelo caminho semiológico aberto por este. Lacan antes de correlacionar a Condensação e o Deslocamento aos tropos linguísticos metáfora e metonímia faz uma analogia das regras de funcionamento Inconsciente com as regras de ordenamento das palavras. Conforme sua máxima, “O Inconsciente é estruturado como linguagem”. (1978, p. 229) Afirmação válida no campo da analogia.

Contudo, concluiu-se que se configura como problemática quando observada no espectro de uma possível correlação entre os saberes linguístico e psicanalítico. Haja vista que descaracterizar o papel do significado rompe a conexão com o saber linguístico. Algo como descaracterizar um dos países que compõem o trinômio de uma

ponte aérea, a saber, país de origem, meio de traslado e país de destino. A ênfase no papel significante evidencia a influencia subjacente da obra *Sborniki po teorii poeticheskogo iazyka* (Anthologies on the Theory of Poetic Language) a qual declara o papel de destaque da sonoridade na escrita poética sobre os significados que emergem da leitura da poesia. Diferencia-se da ciência linguística por conferir ao significante predominância ao significado.

Assim, após afirmar que “o sonho é um enigma em imagens” (1978,p.240) ele completa dizendo que este possui estrutura fonemática, sendo necessário para sua elucidação toma-lo ao pé-da-letra, ou seja, interpretar as alterações que ocorrem nas imagens dos sonhos como análogas às operações retóricas metonímia e metáfora. Partindo desses pressupostos, as imagens do sonho são os significantes do enigma do sonho.

As correlações feitas com a linguística constituem aquilo que ficou conhecido no pensamento lacaniano como o simbólico. Soma-se à constituição desse âmbito concepções inspiradas no estruturalismo de Levi Strauss. O simbólico se configura como um sistema, um conjunto de posições no qual nenhum elemento possui uma significação em si. A significação emerge a partir das relações que o elemento tem com a totalidade, com o conjunto. Ao afirmar que o Inconsciente se estrutura como uma linguagem, Lacan quer dizer que o Inconsciente corresponde às formas simbólicas, a saber, mitos, parentesco, relações de gênero e trocas energéticas que ocorrem no discurso.

A analogia entre o modo de funcionamento do Inconsciente e a linguagem feita por Lacan visa destacar o âmbito simbólico atuante no primeiro. Todavia, restringe as diferenças no modo de funcionamento do “*Fuero*” primário e as regras “napoleônicas”

do processamento secundário. Outro aspecto que foi destacado ao longo do capítulo três desta parte II foram as implicações da noção de referente na releitura proposta pelo psicanalista. Mesmo que Freud considerasse que temos contato com as coisas do mundo por meio das associações geradas em nosso aparelho perceptual pelos estímulos, seguindo a tradição naturalista, ele resguarda a existência do referente. A coisa externa ao psiquismo cuja presença no mundo independe de nossa observação.

No contexto maior de nossa tese ,que trata da forma como o sentido se articula ao significado, concluiu-se que para Lacan o Desejo desliza por contiguidade na cadeia significante, eliciando o surgimento do significado. Lembrando que a noção de sentido depreendida na primeira parte da tese associa o sentido ao Desejo.

A inversão do teorema saussuriano e as atribuições quanto ao papel desempenhado pela metáfora e metonímia feitas por Lacan não passaram despercebidas aos pensadores do grupo *Phi*. Estes criticaram a afirmação lacaniana de que o verso de Victor Hugo *Booz Endormi* constituiria uma metáfora. Para eles, constitui-se numa Sinédoque Particularizante. Na intenção de entendermos essa crítica, dedicou-se no capítulo quatro ao estudo da classificação dos tropos linguísticos proposta por esse grupo. Atenção foi conferida ao grupo dos Metassememas. As figuras de linguagem que compõem esse grupo caracterizam-se por alterações que ocorrem nos semas (significados).

Dedicou-se atenção ao processo de formação da metáfora. Para que esta ocorra é necessário que os termos que serão igualados na produção da metáfora estejam situados no mesmo nível. Assim ocorre um duplo movimento. Um que se restringe, formando uma Sinédoque Particularizante, e outro que se expande, formando uma Sinédoque Generalizante. O grupo *Phi* descreve dois tipos de metáfora, a saber, Referencial e

Conceitual. A metáfora Referencial apoia-se no referente e é baseada em imagens. Os processos de supressão e adjunção ocorrem nas partes do referente. A metáfora Conceitual apoia-se na semântica, como o nome indica, nos conceitos. Os processos de supressão e adjunção ocorrem nos semas.

Neste capítulo contribuiu-se para a discussão acerca da forma com que os mecanismos primários de funcionamento psíquico se correlacionam com o tropo linguístico metáfora. Na classificação por nós proposta toma-se como base a noção presente na raiz grega do termo Metáfora (*Metábola*) – Transporte. Esses conceitos foram denominados Metáfora Primária e Metáfora Secundária, ou ainda, Transporte de Sentido ou Transporte Semântico ou de significados.

A primeira apoia-se no referente, nas associações de objeto, possuindo caráter imagético e perceptivo. Sua nomenclatura evoca as características do processo primário definidas por Freud com base no trabalho do sonho. Um dos aspectos que a distingue da Metáfora Referencial definida pelo Grupo *Phi* é a centralidade da noção de vivência dos estímulos exógenos e endógenos. Estas vivências são experimentadas de modo ritmado e cíclico corporalmente. Por exemplo, os ciclos de necessidade do bebê: nutrição, sono e higiene do corpo. Haja vista que se apresenta de modo imagético, tal como o Proto Sonho, pode ser composta por justaposição. O modelo de seu nível de troca é a interação mãe-bebê no período de dependência absoluta. Troca não verbal apoiada no soma.

A Metáfora Secundária ou de Transporte Semântico fundamenta-se nos princípios lógicos e ordenadores do discurso. O transporte ocorre por meio de uma cadeia de significados *in absentia* compartilhados por determinada comunidade linguística. Nesta metáfora se destaca o esforço do Eu Consciente em se fazer entendido

por meio da fala e de convencer por meio do argumento. Ou seja, subjaz à utilização desse tipo de metáfora o estabelecimento do processo de Ipseidade.

Cabe ressaltar que estes dois tipos de Metáfora/Transporte não constituem categorias isoladas. Elas tem como ponto de intersecção o Significante Enigmático, tal como definido pelo psicanalista Laplanche. Este tema foi estudado na última seção do capítulo quatro, o qual tem como título “Metáforas Primária e Secundária e o Significante Enigmático”. Buscou-se por meio da delimitação desses conceitos resguardar os limites epistemológicos da ciência Linguística e do saber produzido pela Psicanálise. Bem como as particularidades na forma com que cada instância lida com as representações.

A parte três de nossa tese marcou um maior aprofundamento na noção de sincronia e reflexão quanto à forma com que a estrutura da língua representa e formata o psiquismo humano. Em nossa busca histórica pelo entendimento acerca da forma como o sentido, definido na parte um e a significação, definida na parte dois, interagem utilizamo-nos dos artigos denominado metapsicológicos escritos no período que marca o início da Primeira Grande Guerra. Mais especificamente apoiamo-nos no artigo que trata do problema da pulsão e seus destinos. Noções como a das vivências corporais que existem em botão na obra “A Intepretação dos Sonhos” se apresentam como flor no conceito dos componentes da pulsão neste artigo.

No capítulo um desta terceira parte estudou-se os princípios do ramo da ciência linguística desenvolvida por Gustave Guillaume. Este caracteriza a fala humana como algo que constitui e expressa a vivência pessoal do mundo. Buscou-se a compreensão acerca da forma como a estrutura da língua representa a vivência pessoal. Nesse

contexto, a ideia de que o sistema da língua não existe como uma norma abstrata mas sim como um potencial pré-consciente na mente foi estabelecida.

Assim a linguagem potencial é vista como uma habilidade adquirida e exercitada individualmente por falantes inseridos numa comunidade linguística. Sua concepção diferencia-se, desse modo, da dicotomia estática saussuriana. Diferencia-se também da concepção de Jakobson para o qual as palavras são análogas a livros em instantes que podem, de acordo com o interesse do falante, ser retirados e colocados em uso.

Aprendemos ao longo da seção que tem como título “A sincronia e os atos mentais necessários à formação da palavra” que a palavra configura-se como o produto resultante da união da ideia (ideogênese) que se almeja comunicar e a função sintática (morfogênese). Tal processo foi por ele denominado “lexigênese”. Devido à isso a palavra é considerada como algo passageiro. Como falantes, nós representamos nossas experiências extralinguísticas graças aos significados das palavras e expressamos as representações linguísticas resultantes graças aos signos. E, ainda, as funções sintáticas representam nossas experiências de comércio com o mundo.

O caráter dinâmico de atualização do sistema de fala na mente do falante o levou a discriminar a sequencia de atos mentais que ocorrem para que esse processo se efetive. A cronogênese, desse modo, esquematiza o processo de estabelecimento da representação da vivência do tempo pelos falantes. Haja vista que o sistema do verbo é responsável por expressar a vivência pessoal da categoria “tempo”. Ou seja, este sistema que compõe o macro sistema da fala representa a percepção de um ato que se inicia, transcorre e se completa.

Na primeira seção do capítulo dois estudou-se a forma como a dinâmica mental esquematizada pela Cronogênese e representada pelo sistema verbal relaciona-se ao

dinamismo energético da pulsão. Quando abordamos a pulsão sob seu aspecto energético verificamos que seu trabalho de descarga também comporta a noção de atos sucessivos que iniciam com a posse de uma capacidade e que visam a um fim. A posse de um organismo gerador de estimulações endógenas e que urge pela execução de atos que finalizam com a satisfação.

Com base na afirmação freudiana de que as significações são o diferencial dos instintos (*Trieb*) humanos para os instintos (*instinkt*) animais, concluiu-se que a comparação entre a cronogênese e a descarga pulsional não consiste em mera analogia. Pelo contrário, a posse do registro psíquico das fontes internas de estimulação é representada pela função sintática desempenhada pelo verbo.

A relação da representação inerente à função sintática “substantivo” também foi estudada neste capítulo. Concluiu-se que a vivência erógena do corpo próprio configura a noção espacial que, após o falante adquirir a capacidade, é expressa por meio da função sintática do substantivo. Gradativamente o bebê adquire a capacidade de orientação-espacial e identificação de estímulos. A mãe se configura como o mundo, por meio do qual são satisfeitas as necessidades primárias. Alimentação, higiene e movimentação do corpo. O bebê é levado para os diversos lugares e da assimetria da relação com o mundo adulto é marcado pulsionalmente. Este período apoia os estágios de desenvolvimento posterior, sendo a aquisição da capacidade de auto expressão por meio do sistema de fala outro marco que evidencia a reconfiguração do aparelho psíquico.

A ênfase guillaumiana no aspecto mental da língua o fez estudar as representações inerentes ao uso das funções sintáticas. Isso trouxe a ele um modo singular de conceber o ordenamento sintático. Assim, cada um dos tipos das palavras que compõem uma frase (substantivos, verbos, proposições, etc.) não são concebidos

como um elemento manipulado pelas regras sintáticas mas sim como o produto de um processo formador de palavras na língua. Ou seja, o processo de gramatização de uma ideia o qual consiste numa etapa que permite à palavra desempenhar determinado papel sintático.

Decorrente do modo ímpar como Guillaume aborda a forma como as representações inerentes às funções sintáticas representam a vivência pessoal do mundo, analisou-se o relato do sonho Monografia Botânica. Isto foi realizado na última seção do capítulo dois da parte três, denominado “Sentido e Significação no relato do sonho Monografia Botânica”.

Neste capítulo correlacionou-se o sentido do sonho que emergiu por meio da auto análise freudiana, com as formas sintáticas presentes no relato do sonho, destacando quais vivências são representadas por essas funções sintáticas e a vivência que apoia estas representações linguísticas. Por exemplo, o sonho monografia botânica constitui-se em uma justificativa narcísica de Freud devido ao decréscimo na quantidade de relações sexuais com a esposa. Ao longo do sonho ele afirma sua potencia e produtividade. Seja por meio da quantidade de filhos como por suas produções no âmbito da ciência.

O relato do sonho se inicia com o pronome pessoal “Eu”. Em seguida afirma: “tinha escrito” e “Eu escrevi”. Vimos que a forma verbal de tempo no passado tem como função representativa expressar o maior nível de certeza. O que nossa percepção apreende do ato que acabou de concluir é tomado como o mais certo de ter acontecido. Freud é categórico ao afirmar que “escreveu”. Durante o sonho ele não está escrevendo ou pretende escrever. A obra encontra-se diante dele está concluída. A utilização do pronome “Eu” indica a reapresentação narcísica freudiana. No sonho ele se apresenta

pleno e completo diante de seu feito. As formas verbais indicam a descarga pulsional que ocorreu e a satisfação alucinatória presente no sonho.

Outro exemplo analisado foi o ato de olhar o livro citado por Freud em seu relato. Este ato reivindica a potência do Eu capaz de destruir ou criar uma obra a seu bel-prazer. Remete-nos também ao fascínio exercido pelo objeto buscado mas nunca alcançado, posto que nunca existiu. Após afirmar que o livro se encontra diante de si, Freud o manuseia “virando uma prancha colorida”. Gesto que evidencia o movimento do Eu na execução do controle sobre o outro. Conforme vimos, durante a associação livre, quando da análise da expressão “prancha colorida”, emergem representações relacionadas aos genitais femininos. A curiosidade freudiana por olhar e tocar os genitais da jovem Pauline. Bem como os genitais de sua esposa.

A análise dos substantivos e adjetivos presentes no relato do sonho levou-nos a concluir que estes remetem à vivência corporal infantil das zonas erógenas. Posto que estas marcam as áreas de contato com o mundo adulto quando dos cuidados higiênicos e de nutrição prodigalizados pela mãe ao bebê. Percebeu-se que o sentido do conjunto de pensamentos latentes condensados nessas representações pode-se rerepresentar por meio da fala presente no Relato do Sonho devido à representação inerente à função sintática do substantivo – a noção de espaço. As representações inerentes ao uso das demais funções sintáticas presentes no Relato do Sonho também foram analisadas comparando-as com o sentido que emergia dos pensamentos latentes, os quais foram extraídos por meio do Método de Associação Livre. Contudo isso, concluiu-se que o sentido une-se à significação por meio das representações inerentes às funções sintáticas.

REFERÊNCIAS CITADAS

ANZIEU, D. (1989). *A autoanálise de Freud e a descoberta da psicanálise*. Porto Alegre, RS. Artes Médicas.

ARISTÓTELES. (1999). *Poética*. Coleção “Os pensadores”. Tradução Baby Abrão. 2. ed. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda.

BINSWANGER. L, “Über Psychotherapie” in *Der Nervenarzt*, 8º ano, 1935.”De la psychothérapie”, trad. J. Verdeaux e R. Kuhn, in : *Introduction à l’analyse existentielle*, Paris, Editions de Minuit, pp. 119-148.

BOSI, A. (2006). *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43ª ed. São Paulo: Cultrix.

DUBOIS, J. & EDELINE, F & KLINKENBERG, J.M. & MINGUET, P. & PIRE, F & TRINON, H. (1974). *Retórica Geral*, São Paulo, Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo.

_____. (1980). *Retórica da Poesia: leitura linear e leitura tabular*. São Paulo, Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo.

_____. (1987). *Dicionário de Linguística*, São Paulo, Cultrix.

ETCHEGOYEN, R.H. (1987). *Fundamentos da Técnica Psicanalítica*; trad. Cícero G. Fernandes – Porto Alegre: Artes Médicas.

FERENCZI, S.(1933). *Confusão de língua entre adultos e a criança*. Obras Completas IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREUD, S. (1891). *Afásias: Sobre a concepção das afásias; As afásias de 1891*/Sigmund Freud, Luiz Alfredo Garcia-Roza; tradução Renata Dias Mundt – 1ed.- Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____ (1895). *Estudos sobre Histeria*. Edição standard brasileira das obras, vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1900). *A Interpretação dos sonhos*. Edição standard brasileira das obras, vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição standard brasileira das obras, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1908). *Escritores criativos e devaneio*. Edição standard brasileira das obras, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1909). *Notas sobre um caso de neurose obsessiva: O homem dos ratos*. Edição standard brasileira das obras, vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1912). *A Dinâmica da Transferência*. Edição standard brasileira das obras, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1913). *Totem e Tabu*. Edição standard brasileira das obras, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1914). *À guisa de introdução ao narcisismo*. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, vol. I. Rio de Janeiro, 2007.

_____ (1915). *As pulsões e seus destinos*. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, vol. I. Rio de Janeiro, 2007.

_____ (1915). *O Inconsciente*. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____ (1915). *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*. Edição standard brasileira das obras, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

- FERREIRA, I.F.R. (2010). *Três metáforas de Freud na descoberta do inconsciente*. Universidade de Brasília. Disponível no Repositório Institucional da Universidade de Brasília. <http://repositorio.unb.br/handle/10482/7398>
- GUILLAUME, G. (1945) *L'Architectonique du Temps dans les Langues Classiques*, Copenhagen, Einar Munksessaard, 1945.
- _____. (1965). *Temps et Verbe- Théories des Aspects, des Modes et des Temps*, Avant-propos de Roch Valin, Paris, Librairie Honoré Champion Editeur.
- _____. (1984). *Foudantions for a Science of Language*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- HANNS, L. A. (1999). *A teoria pulsional na clinica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- _____. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de janeiro: Imago.
- HAAN, F. *Irrealis: fact or fiction?*. Retrieved from: https://www.academia.edu/755495/Irrealis_fact_or_fiction
- HIRTLE, W. (2007). *Language in the mind: A introduction to Guillaume's Theory*. Quebec, Canada: McGill-Queen's University Press.
- HOUAISS. (2001). *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: objetiva.
- HUGO, V.(1964). *La legende dès Siècles avec avant-propos et notes par André Dumas*; Éditions Garnier Frères 6, Rue de Saints-Pères, Paris; Éditions Garnier Paris.
- JAKOBSON, R. (1971). *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix.

_____. (1993). *On Language*. Cambridge, Ma, and London: Harvard University Press.

JONES, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. vol. 2. Rio de Janeiro: Imago.

KANT, I. (1994). *Crítica da Razão Pura*. Trad. Manuela P. Dos Santos e Alexandre F. Morujão. Lisboa: Calouste Gulbenkian. 3ª Ed.

KIERKEGAÄRD, S. (2006). *O Desespero Humano*: tradução Alex Marins. São Paulo, SP Editora Martin Claret.

JONES, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. vol. 2. Rio de Janeiro: Imago.

LACAN, J. (1978) *Escritos, A Instância da Letra no Inconsciente*, São Paulo, Editora Nova Perspectiva.

_____. (1999) *O seminário Livro 5: As formações do Inconsciente*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

LAPLANCHE, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. Trad. De Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre, Artes Médicas.

_____. (1988). *Teoria da Sedução Generalizada e outros ensaios*. Trad. De Doris Vasconcellos. Porto Alegre, Artes Médicas.

_____. (2007). *Sexualité et attachment dans la métapsychologie*, in *Sexual*, Paris: PUF,

LUFT, C. (1973). *Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira*. Porto Alegre: Globo.

MAHONY, P.J. (1991). *Freud e o homem dos ratos*. Trad. Elisabeth Saporiti e Maria da Penha Cataldi. São Paulo: Escuta.

MARTINS, F.. (2005). *Psicopathologia I: Prolegômenos*. Belo Horizonte: Editora PUC MINAS.

MENESES, A. B. (2004) *Do poder da palavra. Ensaios de literatura e psicanálise*. São Paulo: Livraria duas cidades.

MANNONI, Octave (1992) *Um espanto tão intenso*. Rio de Janeiro: Campus.

MEZAN, Renato (1998) *Escrever a clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

PEIRCE, C.S.(1980). *Escritos coligidos*. Coleção “Os pensadores” 2. ed. Sao paulo: Abril Cultural.

_____. (2005). *Semiótica* [The Collected Papers of Charles Sanders Peirce] (José Teixeira Coelho Neto, Trans). São Paulo: Perspectiva

PONTALIS, J. e MANGO, E. G. (2012) *Freud com os escritores*. São Paulo: Três Estrelas.

RICOUER, P. (1977) *Da interpretação – ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1978) *O conflito das interpretações – ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago.

SAUSSURE, F. (2006). *Curso de Linguística Geral*, São Paulo, Cultrix.

STEINER, P. (1995) *"Russian Formalism"*. The Cambridge History of Literary Criticism. Ed. Raman Selden. Vol. 8. Cambridge: Cambridge University Press. 11-29. 8 vols

WITTGENSTEIN, L. (1992) *O Livro azul*. Lisboa: Ed 70.

_____. (1999) *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

- AUSTIN, J.L. (1990). *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre. Artes Médicas.
- BAKHTIN, M. (2005). *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro. Forense Universitária.
- BENVENISTE, É. (2005). *Problemas de linguística geral I*: tradução de Maria da Gloria Novak e Maria Luisa Neri: revisão do prof. Isaac Nicolau Salum – 5 edição – Campinas, SP Pontes Editores.
- BERENSTEIN, I. (1978). *Psicoanálisis y Semiótica de Los Sueños*, Buenos Aires, Editorial Paidós.
- CABRERA, J. (2003). *Margens das filosofias da linguagem: conflitos e aproximações entre analíticas, hermenêuticas, fenomenologias e metacríticas da linguagem*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília.
- CARTWRIGHT, D.E. (2005). *Historical Dictionary of Schopenhauer's Philosophy*. Lanham, Maryland, Toronto. Scarecrow Press, Inc.
- CATUNDA MARTINS, F. (2013). *Ensaio acerca dos sintomas simbólicos: da cabrita desvalida ao senhor do mundo, e um pouco de todos nós*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- ESPÍRITO SANTO, L. (1997). *Linguagem e ação: Freud e o Homem dos Ratos*. Dissertação de Mestrado. Brasília – DF, Brasil. Universidade de Brasília,
- FREUD, S. (1908). Caráter e erotismo anal. Edição standard brasileira das obras, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1913). Disposição à neurose obsessiva: Uma contribuição ao problema da escolha da neurose. Edição standard brasileira das obras, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LACAN, J.(1953-1954/2009) *Seminário livro 1. Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.

LOGOS. (1989). *Logos: enciclopédia luso-brasileira de filosofia*. Lisboa/ São Paulo: Editorial Verbo.

MARTINS, F. (2002). *Melancolia e depressão com especial atenção para a obra São Bernardo, de Graciliano Ramos*. Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental. Ano V, número 3, setembro de 2002.

ROUDGE, A. (1998). *Pulsão e Linguagem: Esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.

RORTY, R. (1967). *The linguistic turn: Recent essays in philosophical method*. Chicago: Univ Chicago Press.

SCHMIDT, L.K.(2013) *Hermenêutica*; trad. Fábio Ribeiro. 2. Ed – Petrópolis, RJ: Vozes

SOUZA, P.C. (2010). *As palavras de Freud: o vocabulário de Freud e suas versões*. São Paulo, Segunda Edição: Companhia das Letras.

SZONDI, L. (1975). *Introdução a psicologia do destino: Liberdade e compulsão no destino do homem(na escolha da profissão, amigos, esposa, doenças)*. Traduzido por J. A. C. Müller. São Paulo: Manole.

WINNICOTT, D. (1988). *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise.*(Davy Bogonoletz, Trans). Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978 (Trabalho original publicado em 1958)